



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

**ROSANE SUELY ALVARES LUNARDELLI**

**A PRESERVAÇÃO DA FACE:  
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA FALA DOS ALUNOS DE  
BIBLIOTECONOMIA DA UEL**

---

Londrina  
2007

**ROSANE SUELY ALVARES LUNARDELLI**

**A PRESERVAÇÃO DA FACE:  
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA FALA DOS ALUNOS DE  
BIBLIOTECONOMIA DA UEL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck

Londrina  
2007

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Ficha catalográfica elaborada por Terezinha Batista de Souza CRB/9 351

L961p Lunardelli, Rosane Suely Alvares.  
Preservação da face: estratégias discursivas na fala dos alunos de  
Biblioteconomia da UEL / Rosane Suely Alvares Lunardelli . — Londrina,  
2007.  
112 f. ; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.  
Tese (Doutorado)– Universidade Estadual de Londrina, Programa de  
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Letras, 2007.

1.Preservação da Face -Tese. 2.Interação verbal - Biblioteconomia  
Tese. 3.Persona -Tese. 4.Língua falada -Tese. 5.Análise da conversação -  
Tese. I.Galembeck, Paulo de Tarso. II.Universidade Estadual de  
Londrina. III.Título.

CDU: 808.56:02

**ROSANE SUELY ALVARES LUNARDELLI**

**A PRESERVAÇÃO DA FACE:  
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NA FALA DOS ALUNOS DE  
BIBLIOTECONOMIA DA UEL**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.  
(orientador)  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Alba Maria Perfeito  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu  
Universidade Estadual Paulista  
Unesp-Araraquara

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Denise Hernandes Tinoco  
Centro Universitário Filadélfia- UNIFIL

---

Prof. Dr. Luiz Carlos M. F. de Mello  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 18 de setembro de 2007.

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck, pelo carinho, respeito e competência na orientação da Tese.**

**À Prof. Dra. Alba M. Perfeito; Prof. Dr. Antônio S. Abreu; Prof. Dra. Denise H. Tinoco e Prof. Dr. Luis Carlos M. F. de Mello pelas valiosas sugestões oferecidas para o aprimoramento deste trabalho durante o Exame de Qualificação.**

**Aos colegas e alunos do Departamento de Ciência da Informação da UEL, pelo incentivo constante.**

**Aos meus pais e irmãos pelo apoio incondicional.**

**Às minhas filhas Bruna e Paula, interlocutoras sagazes e amorosas, pelos cuidados, carinhos e outros “presentes”...**

**“O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*”.**

**Durkheim**

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. **Preservação da Face**: estratégias discursivas na fala dos alunos de Biblioteconomia da UEL. 2007. 112f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Departamento de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

## RESUMO

A interação verbal face a face ou focalizada é construída cooperativamente, e nela cada falante está empenhado em apresentar e manter uma imagem positiva de si mesmo e do seu interlocutor. Condicionados por essa situação, utilizam mecanismos que possibilitam monitorar a construção dessas imagens (faces). Entre os procedimentos verbais que concorrem para tal fim, são objetos deste estudo os marcadores conversacionais que promovem diversificadas gradações de envolvimento/ distanciamento entre os interlocutores e suavizam a força ilocutória dos enunciados, os marcadores de Preservação da Face. O trabalho fundamenta-se nos aportes teóricos da Análise da Conversação, numa perspectiva textual-interativa, presente nos trabalhos de Galembek, Marcuschi, Rosa, Preti, e Bakhtin, na noção de *Face* em Goffman, Brown e Levinson. Busca estabelecer pontos de convergência entre o fenômeno lingüístico da Preservação da Face e o Arquétipo de Conformidade, Persona, formulado por Jung. Com o intuito de descrever e analisar os mecanismos de preservação da face presentes em textos conversacionais produzidos por estudantes do curso de Biblioteconomia da UEL, utilizou-se o grupo focal, técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Os resultados dessas análises vêm corroborar a premissa de que, apesar de indicarem diferentes graus de envolvimento dos locutores com seus enunciados, esses marcadores atenuam a força ilocutória das asserções e preservam as faces expostas na interação.

**Palavras-chave:** Interação verbal. Persona. Preservação da Face. Biblioteconomia. Língua falada.

LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares. **Face Preservation:** discursive strategies in the speech of UEL Librarianship students. 2007. 112f. Thesis (PhD in Language Studies). Departamento de Letras - Graduate School, Universidade Estadual de Londrina.

### **ABSTRACT**

Focused or face-to-face verbal interactions are cooperatively constructed, in which the speaker is interested in maintaining a positive image of himself/herself and the interlocutor. Conditioned by this situation, they use mechanisms to monitor the construction of these images (faces). Among the verbal procedures adopted to reach this goal, this study has focused on Face Preservation Markers, conversational markers that promote different degrees of involvement/distance between interlocutors, and smooth the illocutionary force of speech acts. This study was based on the Conversation Theory, within the textual-interactive perspective described in the works of Galembeck, Marcuschi, Rosa, Preti and Bakhtin, on the notion of Face introduced by Goffman, Brown and Levinson. In addition, it establishes converging points between the Face Preservation linguistic phenomenon and the Conformity, Persona archetype proposed by Jung. To describe and analyze face preservation mechanisms in conversational texts produced by UEL Librarianship students, it was used the focus group, information collect technique in qualitative research. Results from this study support the premise that, despite the different degrees of interlocutors involvement with their speech acts, these markers smooth the illocutionary force of the assertions and preserve the faces exposed in the interaction.

**Keywords:** Verbal interaction. Persona. Face Preservation. Librarianship. Spoken language.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
2.1 A DIMENSÃO INTERACIONAL DO TEXTO FALADO .....	10
2.1.1 Argumentatividade .....	15
2.2 A PRESERVAÇÃO DA FACE .....	19
2.3 MARCADORES CONVERSACIONAIS DE PRESERVAÇÃO DA FACE: OS MARCADORES DE ATENUAÇÃO .....	26
2.4 A PERSONA .....	29
2.5 O CAMINHO EPISTEMOLÓGICO PERCORRIDO: ALGUMAS REFLEXÕES A RESPEITO. ....	35
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	41
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	43
4.1 MARCADORES CONVERSACIONAIS QUE INDICAM MAIOR ENVOLVIMENTO DO LOCUTOR COM SEU ENUNCIADO .....	43
4.1.1 Marcadores de Opinião .....	43
4.1.2 Marcadores <i>Hedges</i> .....	47
4.1.2.1 <i>Hedges</i> de planejamento verbal .....	48
4.1.2.2 <i>Hedges</i> que denotam incerteza .....	49
4.1.3 Marcadores Conversacionais Metadiscursivos .....	50
4.2 MARCADORES CONVERSACIONAIS QUE INDICAM MENOR ENVOLVIMENTO DO LOCUTOR COM SEU ENUNCIADO .....	53
4.2.1 Procedimentos de indeterminação do sujeito ou indicação do sujeito genérico .....	54
4.2.2 Marcadores de rejeição .....	55
4.3 MARCADORES DUPLOS .....	57
<b>5 COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>APÊNDICE</b> .....	68
<b>ANEXOS</b> .....	70
ANEXO A – Padrão utilizado para a transcrição dos dados .....	71
ANEXO B – Transcrição da gravação .....	73

## 1 INTRODUÇÃO

A linguagem falada, no âmbito de suas funções, revela duplo caráter: é individual, no sentido de que parte de alguém, e é social, pois é dirigida a alguém.

Para Goffman (2002, p.19) a fala é “um sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social”.

Nessa perspectiva, a interação via língua falada pode ser concebida como uma atividade cooperativa, que demanda de seus usuários, conhecimentos a respeito do sistema de práticas ou de regras, que orientam e organizam o evento comunicativo.

De acordo com Koch (1992, p.29), “quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o ‘jogo’), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos atuar sobre o outro de determinada maneira, obter dele determinadas reações (verbais ou não verbais)”.

Nas diversas formas de interação verbal, o locutor encontra-se em “posição vulnerável, já que expõe publicamente sua auto-imagem (*face*)” (GALEMBECK, 1999b, p.173, grifo do autor), além de preocupar-se com a imagem ou face de seu interlocutor. Buscando amenizar ou enfatizar esse comprometimento entre interlocutores e entre interlocutor e seu enunciado, os falantes utilizam mecanismos que lhes possibilitem monitorar a construção de ambas as imagens.

Entre os procedimentos verbais que concorrem para tal fim, foram objeto deste estudo os marcadores conversacionais que promovem diversificadas gradações de envolvimento/distanciamento entre os interlocutores e suavizam a força ilocutória dos enunciados. Considerados como valiosas estratégias discursivas de controle da interação face a face em desenvolvimento, “seu emprego pressupõe a capacidade do locutor enunciador de prever e antecipar possíveis reações de seu interlocutor à unidade discursiva que constitui o ato em questão” (ROSA, 1992, p.94).

A escolha pelo tema pesquisado está relacionada às observações da autora do trabalho a respeito da expressiva incidência de marcas de distanciamento e envolvimento presentes na fala de seus alunos de Biblioteconomia, com o propósito de diminuir ou reforçar o comprometimento destes com seus enunciados e, assim, resguardar tanto as próprias faces, quanto as de seus interlocutores.

Nesse sentido, o presente estudo, tem por objetivo geral descrever e analisar os mecanismos de preservação da face presentes em textos falados produzidos por estudantes

do curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina. Como objetivos específicos, colocam-se: caracterizar a tipologia e função discursiva desses procedimentos; elaborar um quadro com os procedimentos de distanciamento/ envolvimento empregados pelos falantes do curso anteriormente citado e estabelecer relações entre as estratégias lingüísticas de *Preservação da face* e a Psicologia Analítica, por meio do estudo do arquétipo *Persona*.

O trabalho fundamenta-se nos aportes teóricos da Análise da Conversação, numa perspectiva textual-interativa, presente nos trabalhos de Galembeck, Marcuschi, Rosa, Preti, e Bakhtin, na noção de *Face* dos estudos de Goffman, Brown e Levinson, e no arquétipo *Persona* ou *Arquétipo de Conformidade* formulado por Carl Jung.

As regularidades configuradoras das estruturas discursivas de corroboração ou atenuação do enunciado, e as diversas estratégias empregadas para sua composição, bem como as suas funções, conscientizarão o falante do valor desses procedimentos, além de propiciarem condições para que possa percebê-los na fala do outro e utilizá-los em seu próprio discurso. Além de fornecer maiores subsídios ao estudo da Língua Falada, espera-se, com o trabalho proposto, contribuir para o aprofundamento da interface entre a Psicologia Analítica, a Língua Falada/ Análise da Conversação e a Ciência da Informação, em uma perspectiva contemporânea multidisciplinar.

Quanto à estrutura, a tese está organizada em seções ou itens. No primeiro, são formulados os objetivos, a justificativa pela escolha do tema, as expectativas da autora a respeito do trabalho, bem como a sua organização. A segunda seção (item dois) é constituída pelos aportes teóricos que fundamentaram o estudo e análise do cópús selecionado. No item três, são explicitados os procedimentos metodológicos realizados. No item quatro, a análise e discussão dos dados coletados. Na quinta seção (item cinco), são apresentados comentários conclusivos a respeito da pesquisa. Em seguida, vem a listagem das obras bibliográficas consultadas, o apêndice e os anexos inseridos no estudo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A DIMENSÃO INTERACIONAL DO TEXTO FALADO

Desprestigiado durante algum tempo, o texto falado e seu processo de construção constituem atualmente focos de interesse de vários pesquisadores. Caracterizado como atividade social produzida interacionalmente e de forma organizada, o texto falado é extremamente dependente do contexto em que é produzido. Sob outra perspectiva, é possível afirmar que a linguagem verbal é um fenômeno social, no qual o indivíduo se constitui enquanto sujeito ao assimilar as palavras, os discursos do outro.

Na perspectiva de Risso e Jubran (1998, p.1), o texto falado é caracterizado “como atividade verbal entre os protagonistas de um ato comunicativo, contextualizada no espaço, no tempo e no conjunto complexo de circunstâncias que movem as relações sociais entre os interlocutores”.

As atividades de construção do texto conversacional estão diretamente condicionadas ao desejo e necessidade de intercompreensão por parte dos interlocutores. No estudo a seguir, parte-se do pressuposto de que ao produzir um enunciado, o locutor realiza um ato intencional, por meio, entre outros recursos, de marcas (marcadores), para que o texto possa ser compreendido e aceito.

Dentro de uma perspectiva interacional, cabe considerar, além dos efeitos de sentidos, os processos de construção do texto falado. Para Castilho (2000), esse processo é constituído de momentos que atuam simultaneamente e podem ser identificados como ativação, reativação e desativação. O autor ressalta que os três momentos não se situam linearmente uns depois dos outros, mas atuam concomitantemente: a *Construção por Ativação* é o processo central de composição da língua, nas suas modalidades escrita e falada. Diz respeito à escolha de palavras, estruturas morfossintáticas e segmentos discursivos com os quais se efetivam o texto; a *Construção por Reativação* abrange as várias situações de reconstruções que a língua falada possibilita tais como a retomada do tópico conversacional para refazê-lo, descontinuá-lo, para inserir outro tópico ou para omitir aquele que julga prescindível. A repetição (recorrência de expressões) e a paráfrase (reprodução de conteúdos) são duas das manifestações da construção por reativação. Por último, têm-se a *Construção do Texto por Desativação*, processo de interrupção no qual palavras principais são deixadas de

lado em detrimento de outras, desviando-se assim, a estrutura temática. Segundo Castilho (2000, p.57), a desativação

é o processo de ruptura na elaboração do texto e da sentença, de que resultam o abandono de segmentos textuais, as digressões, os parênteses, no domínio da sentença, a ruptura da adjacência por meio de pausas, de hesitações, de inserções, de elementos discursivos, etc..

Com base nessas proposições, é possível afirmar que o texto falado é resultante de um processo de ação<sup>1</sup> e de interação<sup>2</sup> que envolve seus participantes, no qual são tomadas decisões a respeito das palavras a serem empregadas, com o intuito de produzir determinados efeitos de sentido.

O texto verbal, analisado pela ótica da interação, segundo Brait (1999, p.194), “permite verificar as relações interpessoais, subjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado”. A autora argumenta que, por meio da abordagem interacional de um texto, torna-se possível não somente observar o que foi dito, como também o modo como foi dito. Aliados a outros recursos como o estudo da entoação, das expressões gestuais e faciais, o enfoque interacional possibilita o reconhecimento de elementos que, apesar de implícitos (ainda de acordo com a autora, na mesma obra e página citada), “se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões”.

Esse processo - cabe ressaltar -, não está relacionado apenas com a troca de informações, mas também com a organização da fala de modo a compreender e se fazer compreendido.

A interação, traço característico da língua falada é um fenômeno sociocultural, com propriedades lingüísticas e discursivas passíveis de serem estudadas. Urbano (2000, p.88) a caracteriza como um elemento vital à atividade lingüística, já que participa do processo de organização do texto oral em sua construção de sentido. O autor afirma que “do ponto de vista da conversação natural, a interação é mais importante do que o tema em pauta” (p.88). Sob esse aspecto, a interação verbal é caracterizada como o *locus* das

---

<sup>1</sup> N.E. Por ação, entende-se o planejamento e a execução lingüística concomitantemente realizada.

<sup>2</sup> N.E. De acordo com Preti (2003, p. 45), “o conceito de *interação* pode ser entendido em sociedade sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença [ainda que não fisicamente] umas das outras, numa escala que vai da cooperação ao conflito” (grifo do autor).

relações estabelecidas entre sujeitos histórica e ideologicamente constituídos. Corroborando a afirmação anterior, Bange (apud KOCH, 1992, p.66) argumenta que “um ato de linguagem não é apenas um ato de dizer e de querer dizer, mas, sobretudo, essencialmente um ato social pelo qual os membros de uma comunidade ‘inter-agem’”. Tais concepções, é válido ressaltar, são decorrentes daquelas formuladas anteriormente por Bakhtin.

Para Bakhtin, o ato de fala ou mais especificamente, a enunciação<sup>3</sup>, não deve ser considerada apenas como competência psicofisiológica do falante. A enunciação é de natureza social e, como tal, instaura-se efetivamente em uma interação. A interação verbal, na perspectiva do autor, “constitui assim a realidade fundamental da língua” (1997, p. 123).

Vale lembrar que a premissa defendida pelo filósofo russo a respeito da natureza social e dialógica da linguagem, resulta da sua percepção de mundo, uma vez que “considera o homem como um ser histórico-social e a língua, na qual e pela qual se constitui, como reflexo das relações entre os falantes” (PERFEITO, 2000, p.109).

O caráter interativo da linguagem é basilar em suas obras: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 1997, p.41)

A linguagem, com base nesse enfoque, é compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica, ou, como ressalta Machado, (1997, p.149) reportando-se ao pensador russo, “tudo o que se diz é determinado pelo lugar de onde se diz”.

A língua, em seu uso concreto, tem a propriedade de ser dialógica, já que em todo processo de comunicação estabelece-se interação entre os falantes. Nesse sentido, a dialogia deve ser compreendida como confrontos entre sujeitos sociais, seus pontos de vista acerca de determinada realidade. Entretanto, como explicita Fiorin, essas relações dialógicas não se limitam ao diálogo face a face. “Ao contrário, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro” (1997, p. 229).

A presença do outro no discurso é justificada por Bakhtin (1997, p.35-36), que afirma:

na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...].

---

<sup>3</sup> N.E. Conforme Bakhtin, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1997, p. 112).

É a partir de uma abordagem interacional ou dialógica do mundo e, mais especificamente, da linguagem, que Bakhtin formula um dos conceitos nucleares de seu pensamento, o dialogismo. Para ele, o dialogismo institui-se como o princípio fundador da linguagem e como condição *sine qua non* ao estabelecimento do sentido do texto. A visão bakhtiniana de dialogismo discursivo – momentos de interação entre o *eu* e o *tu* ou entre o *eu* e o *outro, no texto* – abarca duas situações interativas: o diálogo entre interlocutores e intertextualidade no interior do próprio discurso.

Seguindo essa linha de raciocínio, deduz-se que o dialogismo ocorre em todas as situações comunicativas (pois mesmo entre produções monológicas, evidenciam-se relações dialógicas), e não se restringe apenas a um processo de interação verbal entre enunciador e enunciatário<sup>4</sup>, mas também está presente na relação entre discursos e entre textos. Nessa perspectiva, o diálogo - aqui entendido como toda a comunicação verbal -, quer seja na relação com o outro, como no interior da consciência, materializa-se na linguagem.

No que diz respeito à constituição da interação, Barros (2003, p.18) afirma que ela se dá por meio de relações racionais, sensoriais e afetivas entre sujeitos e essas relações “resultam de estratégias também de ordens diversas”. Nas relações ou interações racionais, “as estratégias de persuasão e de interpretação são, principalmente, os procedimentos discursivos que produzem efeitos de objetividade” (p.18). Assim sendo, baseado em suas características racionais ou inteligíveis, os enunciados são tidos como necessários ou dispensáveis, possíveis ou não, entre outros aspectos.

No âmbito da segunda *categoria* de interação, a sensorial, os mecanismos de persuasão e interpretação são ativados por meio de procedimentos de caráter visual, tátil e gustativo que desembocam em uma interação norteada pelo “sentimento do belo”, pela estética. “Nesse caso, no das relações estéticas, os objetos de comunicação são ditos belos ou feios, harmônicos ou desarmônicos, e assim por diante, conforme ainda o quadro de valores de diferentes estéticas” (BARROS, 2003, p.19).

Já nas interações emocionais ou afetivas, segundo a autora, “as estratégias de persuasão e interpretação são constituídas por procedimentos que buscam o estabelecimento de efeitos de subjetividade afetiva” (p.19). Nesses casos, são estabelecidos os mais variados tipos e gradações de ligações de amor, de cumplicidade, de ódio e de simpatia entre os interlocutores de uma determinada atividade comunicativa.

---

<sup>4</sup> N.E. São empregados, neste trabalho, *enunciador e falante / enunciatário e ouvinte*, como termos equivalentes.

De acordo com essa perspectiva, observa-se que, entre os efeitos de sentido produzidos pela interação, salientam-se o da cooperação e o do conflito, determinados pela objetividade e pelas relações sensoriais e afetivas entre os sujeitos que interagem. É importante lembrar que o conflito também está relacionado a algum tipo de cooperação.

Almeida (2002, p.13) assinala que a atual noção de interação, além de preocupar-se com a heterogeneidade do quadro comunicativo, modifica a idéia do que é ou pode vir a ser uma “comunicação bem sucedida”, ao concluir que essa atividade dialógica:

não é mais aquela em cujo final teríamos uma equivalência entre a intenção e o efeito, mas é aquela durante a qual os participantes conseguem estabelecer uma progressão de acordos (ou desacordos) múltiplos acerca daquilo que fazem e daquilo que são (ou aquilo que não são).

Vários autores, entre quais, Goffman (1974) e Preti (2003), subdividem a interação em dois tipos: a não-focalizada e a focalizada. A não-focalizada caracteriza-se como a “interação pela simples co-presença em que dois indivíduos se cruzam na rua e que, mesmo sem se conhecerem, se observam, guardam distância e desviam-se para não se chocarem [...]” (PRETI, 2003, p.45).

E a interação focalizada, para o autor, na mesma obra e página, é aquela com um

único foco de atenção visual e cognitiva, como a conversação, em que os falantes por um momento se concentram um no outro e se ligam, não só pelos conhecimentos que partilham, mas por outros fatores socioculturais, expressos na maneira como produzem o seu discurso e conduzem o diálogo.

A interação verbal face a face (ou focalizada) é construída cooperativamente, e, nela, cada falante está empenhado em poupar a própria imagem e a dos outros. Ainda que por motivos diferentes, “produzir-se-á naturalmente uma cooperação tácita, de tal forma que os participantes, em conjunto, possam atingir seus objetivos comuns, apesar de diferentemente motivados” (GOFFMAN, 1980, p.94). O pesquisador considera que a maioria das atividades que se desenvolvem em um encontro deve ser compreendida como esforços por parte de todos para “atravessar a ocasião e todos os eventos inesperados e não-

intencionais que possam lançar sobre os participantes uma luz indesejável, sem romper as relações existentes entre os participantes” (p.104).

Ao iniciar uma interação, já existem expectativas prévias quanto ao encontro, e sempre é feito algo para que elas se concretizem. Para Marcuschi (1999, p.30),

vista assim, a interação assemelha-se a um jogo cuja primeira missão é estabelecer suas próprias regras. Interagir é jogar com regras dinamicamente escolhidas, por isso é um jogo perigoso: nem sempre se escolhe a regra certa.

Dentro deste contexto, a utilização adequada de todos os meios lingüísticos possíveis torna-se fundamental à interação cordial, principalmente em situações nas quais o falante quer evitar ou minimizar um conflito entre seus objetivos e os do interlocutor.

### 2.1.1 Argumentatividade

É fato que o ser humano emite constantemente juízos de valor em suas ações com a linguagem e essas ações são resultados de relações dialogicamente constituídas. De um lado, tem-se o locutor e seu desejo de conseguir a adesão do destinatário. “É ele quem sustenta uma tese ou teoria e busca influenciar ou mesmo transformar o comportamento de seu interlocutor ou ainda pretende fazer com que este compartilhe de suas opiniões” (ANDRADE, 1995, p.55). Do outro lado, tem-se o interlocutor ou alocutário, aquele que acata ou refuta a tese, a argumentação<sup>5</sup> apresentada.

Nessa perspectiva, “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, *ação sobre o mundo dotada de intencionalidade*, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (KOCH, 2002, p.15, grifo da autora).

Para melhor entendimento das concepções apresentadas, importa estabelecer diferenciações entre termos semânticamente ligados à argumentatividade.

---

<sup>5</sup> N.E. Segundo Perelman; Olbrechts- Tyteca, “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente.” (2002, p.61)

Perelman (1970) esclarece que argumentar é o ato de persuadir, de convencer. Acompanhando o filósofo e jurista, Koch (2002, p.17) explicita que o ato de argumentar é o de “orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões”.

Para Perelman (1970), o ato de convencer pela argumentação é revestido por um caráter lógico e só se realiza por intermédio de provas e de raciocínio coerente, mas o ato de persuadir procura atingir seu objetivo mobilizando os sentimentos, desejos, valendo-se de argumentos de caráter ideológico, subjetivo. Baseado nessa concepção, Abreu (2006, p.25) acrescenta que “convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. [...] Persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro” ou, como mais adiante, (p.26) sintetiza o autor: “argumentar é, pois, em última análise, a arte de, gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das idéias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça”.

O interesse pela argumentação surgiu na Grécia, por volta do século VI a.C.. Vale lembrar que o sistema político da época – a democracia direta – tinha como principal característica a liberdade de expressão e, “tendo que exporem publicamente suas idéias, ao homem grego cabia manejar com habilidade as formas de argumentação” (CITELLI, 2002, p.7).

Nessa perspectiva, como observa o autor (p.8), justifica-se “que a Grécia clássica tivesse levado a graus de sutileza a preocupação com a estrutura do discurso.” As escolas, inclusive, priorizavam o ensino das artes do domínio da palavra: “a eloquência, a gramática, e retórica, [termo empregado neste trabalho com o mesmo sentido de argumentação] atestam algumas das evidências do conjunto de preocupações que marcavam a relação dos gregos com o discurso” (p.8).

Aristóteles, na Antigüidade, ressaltava que o ato do “bem” discursar era composto por três fatores: o caráter do orador, a disponibilidade do ouvinte e aquilo que o discurso demonstra ou parece demonstrar.

O caráter moral do orador, o seu comportamento e, mais especificamente, a imagem que ele atribui a si mesmo em seu discurso para influenciar seu ouvinte, era representada, na retórica antiga, pela palavra *ethos*. Para Aristóteles, o *ethos* significava a impressão que o orador transmitia de si mesmo, mediante seu discurso e não de sua índole verdadeira. Essa auto-imagem pública, de acordo com Cardoso (2005, p.2), “funcionaria como um elemento que reforçaria a plausibilidade da argumentação exposta, o que, não se deve tanto aos aspectos morais do orador, mas sim aquilo que é resultado do próprio

discurso”. Em outros termos, o *ethos* seria os aspectos do caráter que o orador deixaria entrever para causar boa impressão, seja ele verdadeiro ou falso.

De acordo com Charadeau; Mainguenu (2004, p.220), o *ethos* na perspectiva do filósofo grego adquire dois sentidos:

por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência e por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social.

Segundo os autores (na mesma página citada), o conceito de *ethos* foi, na modernidade, retomado em “Ciências da Linguagem, [sob a ótica interativa] e, principalmente, em Análise do Discurso no que se refere às *modalidades verbais da apresentação de si na interação verbal*” (grifo nosso).

Ainda que o foco dos estudos da retórica tenha-se modificado no transcorrer dos anos, observa-se que o principal objetivo da oratória, a adesão dos espíritos, é a mesma de qualquer argumentação. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002, p.50),

o objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

De acordo com Amossy (2005, p.123.) a “nova retórica” de Perelman concebe a argumentação como um meio verbal pelo qual o locutor age, “não por meio de um ato de discurso pontual, mas no quadro de uma troca verbal que comporta suas regras próprias”.

Koch (2002, p.17), entre outros estudiosos, ao declarar que “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente pela argumentatividade”, ratifica a concepção interacionista de que a linguagem – atividade dialógica e intencional – é por natureza argumentativa. Aquele que produz o discurso sempre o faz com intenções de agir sobre seus interlocutores enquanto se comunica, orientando seu discurso em busca de determinados efeitos de sentido.

Com outros termos, Baccega ressalta o caráter argumentativo da língua ao justificar que ela é composta de três facetas: “procede de alguém (há alguém que fala), dirige-se para alguém (o outro) e procura persuadir, convencer (em maior ou menor grau)” (2003, p, 32).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Araújo (2002, p. 25) afirma que “a argumentação está inserida na própria língua e que os discursos<sup>6</sup>, embora variem em relação à situação de comunicação, vão sempre se orientar no sentido de agir sobre os ouvintes”. Segundo o autor (p.22), partindo dessa intencionalidade da comunicação é que o discurso constitui-se como forma de ação e interação entre os participantes do evento comunicativo e complementa:

digamos tratar-se de uma interação, pois há uma relação de cumplicidade na produção dos discursos. Locutor e alocutário vão intermediar-se pela linguagem, ambos já prevêem, de certa forma, uma determinada quantidade de informações que julgam ser relevantes, ambos já têm imagens recíprocas previamente conhecidas, ou se não há conhecimento anterior, monta-se o modelo do que se julga ser.

É consensual, de acordo com o enfoque interacionista, que a argumentatividade institui-se em todos os textos -o que os diferencia são as gradações de argumentatividade presente -, e não somente naqueles tradicionalmente caracterizados como argumentativos. A pretensa neutralidade de alguns discursos é, de acordo com Koch (1992, p.60), “apenas uma máscara, uma forma de representação [...]” e justifica a afirmação ao argumentar que

o locutor se representa no texto ‘como se’ fosse neutro, ‘como se’ não estivesse engajado, comprometido, ‘como se’ não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões no sentido de obter dele determinados comportamentos e reações.

A argumentação, sempre presente na elaboração de textos orais ou escritos, é vital à construção e continuidade do discurso. “Ela é a responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos de modo a transformá-los em texto:

---

<sup>5</sup> N.E. Ressalte-se que “os discursos não são a expressão de valores individuais, mas de elementos representativos de determinados segmentos sociais” (ARAÚJO, 2002, p.25).

a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação” (KOCH, 2002, p. 157).

Preocupado em estabelecer e manter a interação, segundo Andrade, o falante “apresenta um conjunto de argumentos com uma certa ordem e finalidade, visando também a uma relação intersubjetiva, isto é, pretende levar o outro a acreditar no que diz, a desejar alguma coisa ou a agir de uma certa maneira” (1995, p.56).

De outra perspectiva, é válido afirmar que, para alcançar seu intento o falante utiliza uma série de procedimentos discursivos ou estratégias interacionais, entre eles, aqueles que buscam proteger a sua imagem e a do seu interlocutor no evento comunicativo.

## 2.2 A PRESERVAÇÃO DA FACE

“Por alguma razão, talvez para sobrevivência da espécie humana, somos seres irredutivelmente interativos”, argumenta Marcuschi (2005, p.45). Mas, continua o autor na mesma página, se todo o encontro social é essencialmente interativo, nem toda a interação obtém êxito, “pois interagir custa trabalho e exige altruísmo”.

Partindo do princípio de que o objetivo de toda a interação ou interlocução é alcançar uma situação de equilíbrio entre os participantes, ou de sucesso nesse “jogo”, o sociólogo canadense Erving Goffman aponta como fundamentais à consecução desse objetivo o *auto-respeito* (o desejo ou necessidade de preservação da própria imagem ou face) e a *consideração ao próximo* (a preocupação com a face do outro). Complementando sua proposição (1980, p.81), afirma:

da mesma forma que se espera que qualquer membro de um grupo tenha auto-respeito [ou amor-próprio], espera-se que ele sustente um padrão de consideração; espera-se um certo esforço de sua parte para salvar os sentimentos e a face de outros presentes, e que o faça voluntária e espontaneamente... .

Na perspectiva do estudioso dos rituais de interação, a combinação dessas duas regras resulta em um modo eficaz de preservar a imagem, a dignidade de seus participantes.

O autor mencionado adota uma “perspectiva teatral”, método que utiliza a metáfora do palco, atores e platéia para analisar as relações humanas em micro sociedades: para ele, a vida é uma peça teatral e os indivíduos são atores que dela participam. Goffman (1985, p.9) assim caracteriza seu estudo:

os princípios de que parti são de caráter dramático. Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas.

De acordo com o pesquisador, em situações comunicativas, os falantes se apresentam por meio de máscaras ou fachadas, representando papéis com o objetivo de controlar a imagem que passam aos outros. Sob essa perspectiva, então, todas as pessoas são ao mesmo tempo atores e platéia.

Na interação, torna-se evidente a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros. Ao afirmar que “[...] o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes” (p.9), confirma-se a comunhão entre a microsociologia goffmaniana e os pressupostos lingüísticos interacionistas abordados anteriormente.

A interação humana, de acordo com o autor, baseia-se em dois conceitos fundamentais: *face* e *linha de conduta*. A linha de conduta deve ser compreendida como atos verbais e não-verbais por meio dos quais o falante expressa sua visão da situação, sua avaliação a respeito dos participantes e, especialmente, de si mesmo. Vale lembrar que, mesmo não tendo a intenção de fazê-lo, a pessoa acabará descobrindo que segue uma linha, ou seja, um padrão de conduta de acordo com a imagem que deseja que tenham dele.

Já a teoria da face é definida como o valor social que uma pessoa efetivamente reivindica para si por meio da linha de ação que os outros supõem que ele adotou, no decorrer de um contato específico (GOFFMAN, 1974, tradução nossa).

Em outros termos, linha seria então a conduta do indivíduo em uma situação de interação, e a face seria a imagem de si que o indivíduo quer projetar em decorrência da adoção daquela linha. A face, de acordo com o sociólogo, não é algo intrínseco ao indivíduo, já que é construída no fluxo dos eventos, desaparecendo ao seu término.

Goffman (1980, p.80), em sua obra, ressalta o traço efêmero e adaptável ao contexto do mecanismo de “preservação da face”, ao citar:

de qualquer modo, embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la. Atributos aprovados e sua relação com a face fazem de cada homem seu próprio carcereiro: trata-se de uma coerção social fundamental mesmo que todo homem goste de sua cela.

Nesse sentido, o autor emprega o termo *face* para caracterizar a imagem do *eu* ou *self* delineada de acordo com atributos sociais sancionados. Complementando, afirma que “a face dos outros e a própria face são construtos da mesma ordem; são as regras do grupo e a definição da situação que determinam a quantidade de sentimento ligado à face e como esse sentimento deve ser distribuído entre as faces envolvidas” (1980, p.77).

Outro conceito freqüentemente empregado por Goffman (1980, p.82), com o intuito de sistematizar o engendramento das microrrelações sociais, é a elaboração da face.

Por *elaboração da face* pretendo designar as ações através das quais uma pessoa é capaz de tornar qualquer coisa que esteja fazendo consistente com a face. Esta elaboração serve para contrabalançar “incidentes” – isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face. (grifo do autor)

Em sociedade, a este tipo de capacidade dá-se o nome de tato, diplomacia, habilidade social ou *savoir-faire*, como denominam os franceses. Para empregar seu repertório de práticas de resguardar a face, “a pessoa deve, antes de mais nada, tornar-se consciente das interpretações que os outros possam ter superposto a seus atos e das interpretações que ela porventura superpôs aos atos alheios. Em outras palavras, deve exercer sua perceptividade” (GOFFMAN, 1980, p.83).

Segundo o autor (1980, p.78), uma pessoa *tem*, *está em* ou *mantém* uma face quando a linha que segue exprime uma “fachada” de si mesma “internamente consistente, apoiada por julgamentos e evidência transmitidos pelos outros participantes [...]”. Em tais casos, complementa, “sente que pode manter a cabeça erguida e apresentar-se abertamente para os outros”. Entretanto, quando percebe que está fora da face ou na face errada, o falante sente-se mal, envergonhado, “pelo que pode acontecer à sua reputação como participante” (p.79).

Um aspecto a ser evidenciado é que todos os códigos sociais dos mais diferenciados tipos de sociedades trazem implícita ou explicitamente, indicações de até onde deve ir uma pessoa para preservar a sua face.

Justificando a relevância dessas ações para que o diálogo flua sem contratempos, Goffman assegura que “caso se queira lidar bem consigo mesmo e com os outros em todas as contingências, deve-se ter um repertório de práticas salvadoras de face para cada uma dessas possíveis relações com a ameaça” (1980, p.84). Algumas dessas práticas podem ser consideradas especificamente defensivas e outras exclusivamente protetoras, embora, normalmente, as duas funções possam coexistir.

Os procedimentos utilizados para elaborar, manter ou restaurar mutuamente a face dos participantes, são denominados processos de figuração ou de negociação de imagem. Segundo Goffman, existem duas categorias básicas de figuração: o processo de evitação (*l'évitement*) e o processo reparador ou corretivo (*la réparation*).

A evitação é o modo mais seguro de prevenir ameaças à própria face, já que seu objetivo é evitar os contatos que possam colocar em risco a manutenção da auto-imagem. Estabelece-se claramente uma relação de evitação quando, por exemplo, é delegada a intermediários, a tarefa de conduzir negociações delicadas. Caso não seja possível esquivar-se ao encontro, outras estratégias de evitação são empregadas. “Como medida defensiva, a pessoa pode manter-se afastada de tópicos e atividades que poderiam levar à expressão de informações inconsistentes com a linha seguida” (1980, p.85). Com esse intuito, no momento apropriado, o falante se manifestará e conduzirá o tópico conversacional para um “terreno mais seguro”, menos agressivo às faces em interlocução.

É de praxe que, inicialmente, seja apresentada uma fachada de timidez, sem deixar transparecer qualquer emoção até que se tenha descoberto que tipo de linha os outros reivindicam, como também, aquela que esperam da pessoa em questão.

De acordo com o autor, certas manobras protetoras são tão utilizadas quanto às defensivas acima citadas. Com o intuito de resguardar a própria imagem, a pessoa reclama para si um tratamento semelhante, ao mostrar-se “respeitosa e polida, não deixando de estender a outros o tratamento cerimonial que lhes possa ser devido” (p.85).

Outro recurso de proteção à face são as estratégias verbais que primam pela discrição. Ou seja, os fatos que poderiam contradizer e embaraçar as faces dos participantes são omitidos do evento. São empregados também “circunlóquios e artifícios, construindo suas respostas com cuidadosa ambigüidade a fim de preservar a face dos outros, mesmo que não seja possível preservar seu bem-estar” (GOFFMAN, 1980, p.85).

Quando, porém, não é possível evitar um episódio constrangedor, a pessoa pode agir como se nada houvesse acontecido. Nesse caso, mantém-se a ficção de que não ocorreu nenhuma ameaça à face. Exemplificando, Goffman (1980, p.86) argumenta:

pode-se aplicar esta estudada inobservância aos próprios atos – como quando não se admite, através de qualquer sinal externo, que o próprio estômago está roncando – ou os atos de outros, como quando deixa-se de ‘ver’ que outra pessoa tropeçou.

Habitualmente, esta providencial perda momentânea do olfato, audição ou visão, manifesta-se em situações que, se fossem “percebidas”, poderiam ser interpretadas como ameaças à face e, conseqüentemente, ao bom desenvolvimento das interlocuções.

Outro tipo de evitação dá-se quando o falante perde o controle de suas atitudes ou expressões durante o evento comunicativo, ou “quando uma pessoa é pega fora da face porque não estava esperando entrar em interação ou porque sentimentos muito fortes esfacelaram sua máscara expressiva” (p.87). Nessa situação, os outros, protetoramente, afastam-se por algum tempo até ele possa recompor-se.

A segunda categoria de práticas salvadoras da face, o processo reparador ou corretivo, está relacionada com a necessidade de auxiliar a re-orientação discursiva, a retomada do diálogo em andamento antes do *passo falso* ou *gafe* de um dos interactantes. Trata-se de estratégias que buscam restabelecer o equilíbrio interacional rompido pela asserção anterior. Quando seus participantes não conseguem evitar uma situação incompatível com os valores sociais vigentes e o acontecimento torna-se impossível de ser ignorado, os interlocutores os consideraram como incidentes que merecem atenção direta e “se esforçam para tentar corrigir ou reparar seus efeitos” (GOFFMAN, 1974, p.20, tradução nossa). Nesse momento, afirma o autor, um ou mais participantes encontram-se em uma condição de desequilíbrio ou “desgraça ritual”<sup>7</sup> e devem ser feitas tentativas de “restabelecer um estado ritual satisfatório” (1980, p.87).

Para Goffman, a linguagem é, sem sombra de dúvidas, o local, o palco por excelência da negociação dos significados e da determinação das situações sociais. “A fala, assim, é onde reside a interpretação dos eventos sociais, sob forma trocável entre os participantes” (GASTALDO, 2004, p.114).

---

<sup>7</sup> N.A. “Emprego o termo *ritual* por que estou a referir-me aos atos e seus componentes simbólicos utilizados pelo ator para demonstrar o quanto é merecedor de respeito e o quanto, para ele, os outros o são” (GOFFMAN, 1974, p.87, tradução nossa).

De acordo com essa linha de pensamento, é possível afirmar que o texto (e particularmente o texto falado) é o próprio local da interação, é o espaço no qual se torna possível a interação entre os seres humanos e que ele, o texto, é sempre produzido numa dada situação sociocomunicativa, e os significados fluem dessa situação e de todo o contexto sociocultural em que os falantes estão inseridos.

Em eventos comunicativos, nos quais o falante se expõe de forma mais direta, como em “pedidos, atendimento ou recusa em fazê-los, perguntas diretas e indiretas, respostas, manifestações de opiniões” (GALEMBECK, 1999b, p.174), a necessidade de preservação da face torna-se vital à manutenção do diálogo, já que “a perda da face, em geral, pode levar a uma situação tensa e comprometedora da interação” (PRETI, 2003, p.54).

Posteriormente, ampliando os estudos a respeito das premissas goffmanianas, Brown e Levinson (1987) subdividiram face em face positiva e face negativa. Para eles, todo o indivíduo possui duas faces: uma que corresponde à imagem favorável que cada falante tenta apresentar aos outros, ou como afirma Galembeck (1999b, p.174), “aquilo que o falante exhibe para obter aprovação [...]”, e a outra, a face negativa, corresponde ao território, à intimidade de cada um, o que o interlocutor deseja resguardar ou deseja ver resguardado.

Adotando o princípio das faces positivas e negativas nas interações face a face, Marcuschi complementa que esta seria “a esfera do território pessoal a ser defendido, sua liberdade de ação e seus desejos de não-imposição” e aquela estaria condicionada ao “desejo de aprovação e reconhecimento de sua ‘personalidade’ e vontade” (1989, p.284).

Sob essa ótica, distinguem-se, então, algumas das falas ameaçadoras às faces positivas e negativas do locutor e do destinatário.

As falas ameaçadoras para a *face positiva* do falante (locutor) são os pedidos de desculpas, a admissão de um erro e outros atos que indicam auto-humilhação. Em relação ao ouvinte, as críticas e as ofensas são efetivamente desastrosas no que tange à manutenção de sua face positiva.

Consideradas como ameaçadoras para a *face negativa* do falante, encontram-se a aceitação de ofertas, os agradecimentos e as promessas que, além de demandar em tempo e esforços, podem concretizar-se ou não. Em contrapartida, apresentam-se como prejudiciais à face negativa do ouvinte (destinatário), as perguntas indiscretas, os pedidos, as ordens, bem como as opiniões não solicitadas.

Reitere-se que, nos mais diversos eventos interacionais, com mais intensidade nas interações face a face, o locutor encontra-se em posição vulnerável. Como

muitos atos de linguagem podem ser considerados ameaças potenciais às faces negativa ou positiva, os participantes assumem atitudes diversas com a finalidade de preservá-las ou até mesmo de mantê-las. Ou seja, com o intuito de construir e manter uma imagem positiva de si mesmo e de seu interlocutor, são empregados recursos de natureza não verbal e verbal.

São considerados recursos não verbais, um sorriso que acompanhe um enunciado desagradável ou elementos de natureza prosódica, como o abrandamento de uma ordem por meio de uma entoação mais suave entre outros procedimentos. Em relação àqueles de natureza verbal, são empregados determinados elementos gramaticais, de itens específicos da língua falada e de reformulação textual.

Dentre esses mecanismos verbais “defensores” de possíveis ameaças à face ou de elaboração da face, são evidenciados, no presente estudo, os elementos discursivos atenuadores que sugerem maior ou menor envolvimento no evento conversacional.

Em algumas situações, os falantes procuram resguardar-se pela explicitação de que as opiniões não são suas, e denotam então, um menor envolvimento com a enunciação. Em outros casos, observa-se uma atitude contrária: os falantes assumem - ainda que em diversos graus de comprometimento - as opiniões.

De acordo com Galembeck (1999b, p.193),

essa duplicidade de atitudes (distanciamento x envolvimento) é característica do texto conversacional e só pode ser explicada porque nessa modalidade de texto não há previsibilidade quanto às ações e reações do outro interlocutor.

A utilização, nos eventos conversacionais, de estratégias atenuadoras que indicam graus de envolvimento de seus interlocutores é considerada vital ao seu desenvolvimento, “pois os interlocutores sabem que a manifestação direta de opiniões pode torná-los vulneráveis a críticas e opiniões contrárias” (GALEMBECK, 1999b, p.175).

O abrandamento da força ilocutória do discurso, com vistas à preservação da face, concretiza-se na interação verbal, por meio da polidez, do emprego de verbos na voz passiva, de verbos e advérbios parentéticos, do uso de justificativas e dos marcadores<sup>8</sup> conversacionais que denotam maior ou menor envolvimento do falante com seu enunciado. Em outros termos, verifica-se que as marcas de distanciamento/ envolvimento no texto falado,

---

<sup>8</sup> N.E. – “Termo oriundo de pesquisas do comportamento humano para indicar os sinais de mudança de comportamento que acompanham a segmentação da ação” (SILVA; MACEDO, apud ROSA, 1992, p.16).

são efetivadas pela utilização de alguns procedimentos discursivos, entre eles, os marcadores conversacionais de preservação da face.

De acordo com Rosa (1992, p.93), a opção por um determinado marcador de atenuação

parece depender de um cálculo subjetivo do locutor enunciador sobre o risco potencial às faces embutido em seu enunciado, já que os efeitos obtidos com seu emprego vão desde a sugestão de uma postura pouco assertiva [...] à indicação de uma interpretação específica [...].

Mais adiante, ressalta que a utilização de um marcador de atenuação está relacionada ao grau de informalidade existente entre os participantes e das “próprias condições de produção discursiva características do evento interacional em andamento” (p.93).

Em seu estudo, a autora considera os marcadores de atenuação, estratégias de controle da interação face a face em andamento, visando à proteção (preservação) da própria face e da face do interlocutor, constituindo-se também em “fontes de poder do locutor para a condução local das relações interpessoais” (p.96).

### **2.3 MARCADORES CONVERSACIONAIS DE PRESERVAÇÃO DA FACE: OS MARCADORES DE ATENUAÇÃO**

Com o objetivo de colaborar com a sustentação do diálogo, os interlocutores empregam procedimentos linguístico-discursivo-interacionais que, muitas vezes, são inseridos por um marcador conversacional. Os marcadores conversacionais, também denominados pela Análise da Conversação como *marcadores discursivos* ou ainda *organizadores globais*, são expressões altamente estereotipadas de grande ocorrência e recorrência, que, apesar de freqüentemente serem destituídos de conteúdo semântico e funções sintáticas, são fundamentais ao estabelecimento da interação. “São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional” (URBANO, 1999, p.85).

Justificando a denominação dos referidos elementos, Marcuschi (1989, p. 282) argumenta: “por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados *marcadores conversacionais*” (grifo do autor).

Na perspectiva de Andrade (1995, p.123), eles “constituem um elemento importante na articulação de textos, porque evitam que a conversação se torne uma sucessão de monólogos”.

De acordo com Marcuschi (1989, p.290), os marcadores conversacionais (MCs) do português brasileiro podem ser subdivididos em quatro classes: o MC simples, o composto, o oracional e o prosódico.

O marcador conversacional simples é constituído por um só lexema como, por exemplo, as interjeições, os advérbios e os verbos, entre outros. O marcador composto é “de caráter sintagmático, com pouca variação morfológica no tipo produzido”. São considerados marcadores oracionais, pequenas orações independentemente de sua forma e tempo verbal. Vale ressaltar que as paráfrases, os resumos, as repetições de frases curtas também fazem parte desse subgrupo e por último, os marcadores prosódicos, que são aqueles realizados com recursos não verbais, normalmente produzidos com determinado MC verbal. De acordo com Marcuschi, “aqui entra a entonação, a pausa, o tom de voz e outros” (1989, p.291). Cabe ressaltar, porém, que na pesquisa em questão, estes aspectos não foram considerados, uma vez que nela não foram estudados os traços prosódicos.

Estes recursos lingüísticos (MCs) podem aparecer nas mais variadas posições: na troca de falantes, na mudança do tópico, preenchendo lacunas na conversação. Além disso, podem operar como iniciadores ou finalizadores de turno.

Segundo Urbano (1999, p.81),

trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.

O autor, na mesma obra, divide as funções<sup>9</sup> desempenhadas pelos MCs em mais genéricas<sup>10</sup> e mais específicas. A articulação e estruturação do texto desempenham

---

<sup>9</sup> N.E.- É importante salientar que as funções podem ser sobrepostas: um mesmo marcador, em momentos diferentes pode assumir variadas funções. Torna-se evidente, então, o caráter multifuncional dos marcadores conversacionais.

funções genéricas e são consideradas específicas, a condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais. Urbano (1999, p.100) considera como funções específicas dos MCs

as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar.

Dentre os marcadores interpessoais com a função de preservação da face, repita-se, evidenciam-se, neste estudo, aqueles que buscam minimizar a força do enunciado com o intuito de resguardar tanto a imagem do falante quanto do ouvinte. Podem ser considerados marcadores de atenuação: *as estratégias de distanciamento*, ou seja, o emprego de elementos discursivos que indicam menor envolvimento do locutor com seu enunciado e *as marcas de enunciação*, procedimentos que marcam o envolvimento mais direto do locutor.

Apoiado nos trabalhos de Rosa (1992); Galembeck e Carvalho (1998) elaboraram um quadro com a tipologia dos marcadores de atenuação encontrados em seus estudos. Com o intuito de acrescentar mais informações, foram inseridas no quadro, pela autora do trabalho em pauta, as definições e outros exemplos relativos aos marcadores.

<b>Categorias de Marcadores de Atenuação</b>	<b>Tipos de recursos atenuadores</b>	<b>Definições</b>	<b>Ocorrências</b>
<b>Marcadores que denotam menor envolvimento do locutor com seu enunciado</b>	<i>Voz passiva, de impessoalidade e de indeterminação do sujeito</i>	Leva o foco da questão de maneira impessoal; Deslocam responsabilidades: o falante passa a ser instrumento de outras pessoas ou “coisas” (institucionalizadas ou não)	<i>.Fui incumbido</i> de trazer a conta. <i>.O regulamento prevê</i> multa de um salário mínimo a cada ofensa recebida <i>.Dizem por aí</i> que você sempre
	<i>Marcadores de rejeição (Marcadores de antecipação às reações desfavoráveis)</i>	Frases estereotipadas; Pequenos prefácios que precedem as críticas, as ordens, as proibições ou qualquer enunciado que seja considerada uma ameaça tanto à sua face quanto à do seu interlocutor	<i>.Não fique zangado comigo</i> , mas eu disse que você não estava. <i>.Se não me falha a memória</i> , você disse que

<sup>10</sup> N.A.-Utilizando outros termos, porém em consonância com as premissas de Urbano, Marcuschi (1989) e Galembeck (1997) subdividem os MCs em : ideacionais ( coesivos) e interacioanis ( interpessoais).

<b>Marcadores que denotam maior envolvimento do locutor com seu enunciado</b>	<i>Marcadores de opinião</i>	São representados principalmente por alguns verbos e expressões adverbiais que indicam que o falante assume a própria opinião	. As músicas antigas, <i>eu acho</i> , eram mais românticas. . <i>No que me diz respeito</i> , a conversa acabou
	<i>Hedges</i>	Marcadores que sinalizam atividades de planejamento verbal e funcionam como modificadores da intensidade do enunciado	. E se você, <i>quem sabe</i> , pedisse desculpas...  . O seu desempenho <i>vamos dizer assim</i> , ...
	<i>Marcadores metadiscursivos</i>	Marcadores que especificam a função ilocutória e anunciam a sua realização	. <i>Antes disso eu quero dizer uma coisa</i> , etc.

## 2.4 PERSONA

Nos trabalhos de Goffman, em sua concepção dramaturgica da interação social, cada indivíduo está imbuído de uma face, ou seja, de uma determinada imagem positiva que requisita para si a cada contato com outros indivíduos. A imagem de Si ou a do Outro, sua construção ou seu desfiguramento, sob esse prisma, torna-se fator determinante em uma interação verbal.

Acompanhando essa proposição, verifica-se a relevância e necessidade de se buscar em outras áreas, subsídios para uma análise mais acurada a respeito da construção e manutenção das “fachadas”, sempre em exposição, nos mais variados tipos de interação verbal.

Dentre as diversas áreas do conhecimento que estabelecem vínculos estreitos e fundamentais com a linguagem, salienta-se a Psicanálise, ramo especializado da Psicologia, criada por Sigmund Freud na última década do século XIX. Voltada ao desenvolvimento e funcionamento do psiquismo humano, a Psicanálise constitui-se ao mesmo tempo em um método de investigação dos processos mentais, uma técnica terapêutica – a psicoterapia – para tratamento das desordens neuróticas e um arcabouço teórico de concepções psicológicas elaboradas a partir das duas práticas anteriormente mencionadas.

A Psicanálise pode ser definida como a ciência dos processos mentais inconscientes, uma vez que preconiza que é o inconsciente que rege o funcionamento

psíquico, os atos e as palavras de uma pessoa. Isso significa dizer que, na teoria psicanalítica, nada é fortuito, nada acontece por acaso, mas sim, determinado principalmente por processos psíquicos inconscientes.

O Inconsciente se expressa, entre outros modos, pela fala, independentemente da intenção do sujeito e além de seu conhecimento consciente. Por isso, tomar conhecimento desses conteúdos inconscientes depende fundamentalmente da fala do sujeito. Em um processo terapêutico, a linguagem ocupa, então, lugar de realce, já que tal processo funda-se principalmente em trocas de palavras, sendo a linguagem um dos meios de comunicação mais importante entre paciente e analista.

É necessário ressaltar que à teoria psicanalítica interessa tanto o funcionamento mental normal como o patológico. “É verdade que a *prática* da psicanálise consiste no tratamento de pessoas que se acham mentalmente enfermas ou perturbadas, mas as teorias psicanalíticas se referem tanto ao normal quanto ao anormal, ainda que se tenham derivado essencialmente do estudo [da observação] e do tratamento da anormalidade” (BRENNER, 1987, p.17, grifo do autor).

Carl Gustav Jung, um dos primeiros seguidores de Freud, afastou-se do mestre por discordar de alguns pressupostos básicos de sua doutrina e fundou sua própria teoria, a Psicologia Analítica. De acordo com o psiquiatra e psicólogo suíço, a psique<sup>11</sup> estrutura-se em três elementos: Consciente, Inconsciente Pessoal e Coletivo.

O Consciente abrange a consciência pessoal, na qual se evidenciam “os fenômenos de percepção intrínseca e extrínseca, senso de identidade, atenção, raciocínio e memória, entre outras funções cognitivas e emocionais” (RAMOS, 2005, p.149).

O Inconsciente compõe-se de duas camadas: o Inconsciente Pessoal e o Coletivo, sendo aquele a camada mais superficial do inconsciente, formado por conteúdos relacionados a eventos pessoais e cotidianos que são reprimidos ou esquecidos. Como explicita Jung (1981a, p.58),

o inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas (propositalmente esquecidas), evocações dolorosas, percepções que, por assim dizer, não ultrapassaram o limiar da consciência (subliminais), isto é, percepções dos sentidos que por falta de intensidade não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência.

---

<sup>11</sup> N.E. Jung considera **psique** a totalidade de todos os processos psíquicos, tanto conscientes como inconscientes.

Já o Inconsciente Coletivo, considerado a camada mais profunda do inconsciente, diz respeito aos fundamentos estruturais da psique comum a todos os indivíduos. Constituindo-se como base para a formação do ser e suas experiências de espécie, é assim nomeado pelo autor, na mesma obra e página, por encontrar-se “desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal [...]”.

Na perspectiva de Silveira (2001, p.68) “enquanto o inconsciente pessoal é composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade”.

Jung (apud FADIMAN; FRASER, 1986, p.50), ao contextualizar e justificar a existência do Inconsciente Coletivo, argumenta que

exatamente como o corpo humano representa um verdadeiro museu de órgãos, cada qual com sua longa evolução histórica, da mesma forma deveríamos esperar encontrar também, na mente, uma organização análoga. Nossa mente jamais poderia ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo, na qual a história existe.

Nesse sentido, é importante frisar que, sob a perspectiva junguiana, o ser humano nasce com uma herança psicológica, denominada imagens primordiais, a qual, aliada a uma biológica, torna-se um fator determinante de seu comportamento e visão de mundo. Para Ulson, essas imagens primordiais devem ser compreendidas como “padrões de comportamento herdados ou universais psicológicos contidos no inconsciente coletivo” (1988, p.45).

De acordo com Jung, o Inconsciente Coletivo é composto por estruturas psíquicas ou arquétipos. Os arquétipos, para o autor, são as predisposições herdadas que brotam na consciência como imagens ou padrões recorrentes que representam a experiência típica e universal da humanidade, ou seja, “[...] sedimentos de experiências constantemente revividas pela humanidade” (1981a, p.61). Vale ressaltar que, embora sejam marcas de espécie, ligam-se aos conteúdos pessoais e à cultura vigente para se expressarem.

Sob esse enfoque, é possível afirmar que os arquétipos, “estão presentes para sempre no inconsciente e regulam através de seus diferentes padrões, nosso comportamento consciente, nossa vida de relações” (BARCELLOS, 1991, p.53). Os arquétipos são princípios, formas sem conteúdo, ou, como afirma Jung, são “vazios em si” (1989) e manifestam-se por

intermédio de símbolos<sup>12</sup> ou comportamentos. Em outros termos, quando os arquétipos se manifestam, já não são mais eles que são percebidos e sim suas representações.

A idéia de arquétipo, “postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos”, na perspectiva de Silveira (2001, p.69), permite

compreender por que em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos de religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral – seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos.

A importância dos arquétipos, “formas instintivas de imaginar”, (SILVEIRA, 2001, p.68) é ressaltada por Byington, ao argumentar que essa estrutura psíquica “corresponde, na psicologia, ao que o instinto significa para a fisiologia, o gen para a genética, o ângulo de cristalização para a mineralogia e o padrão de comportamento para a zoologia” (1987, p.87).

Existem, no Inconsciente Coletivo, inúmeros arquétipos. Sob a ótica da psicologia analítica, há tantos arquétipos quantas as situações vividas pelo homem. Os principais arquétipos são: o *ego*, a *persona*, a *sombra*, a *anima* (nos homens), o *animus* (nas mulheres) e o *self*.

Segundo Fadiman e Frager (1986, p.50-56), o *ego* é o centro da consciência, parte da personalidade com a qual o ser humano se identifica. A *persona* é a aparência assumida pelo indivíduo, aquilo que ele quer mostrar. Em contrapartida, a *sombra* é o centro do inconsciente pessoal e abriga tendências, desejos e experiências que são consideradas impróprias, incompatíveis com a *persona* adotada e com os padrões e ideais sociais e, portanto, devem ser mantidas à sombra. A feminilidade inconsciente no homem é denominada *anima* e *animus*, seria, a grosso modo, a masculinidade existente na mulher. O *self* ou *arquétipo central* designa a personalidade total e foi assim nomeado por Jung, que o considerou como o arquétipo da ordem e totalidade da personalidade.

Dentre estas estruturas psíquicas apresentadas por Jung, destaca-se no presente estudo, a forma pelas quais os seres humanos se apresentam ao mundo, o Arquétipo de Conformidade ou *Persona*. “Com o desenvolvimento da consciência, o ser humano, que é gregário por natureza, necessita desenvolver características básicas para a adaptação social em

---

<sup>12</sup> N.E- Os símbolos são representações que operam no campo psíquico, intermediando a consciência e os arquétipos. Podem ser considerados como uma ponte que aproxima o inconsciente e a consciência, possuindo componentes de ambos sem nunca ser totalmente racional.

contraste com seus instintos animais. É a persona o arquétipo desta adaptação” (PORTILLO, 2001, p.4).

Derivado do Latim, o termo *persona* originalmente era empregado para designar a máscara usada pelos atores indicando o papel que estavam representando naquele momento, em um determinado espetáculo.

Vale lembrar que a máscara corresponde ao mais tradicional elemento cênico da história do teatro e sua utilização remonta à representação de animais nos rituais primitivos. De acordo com Castagnino, “por transporte semântico, depois, a palavra *persona* designou a configuração externa do ser, o contorno, o físico, o material” (1968, p.125).

De acordo com Salles, “a *persona* corresponde ao conjunto de normas, modos ou atitudes empregados por alguém para se apresentar ou se fazer representar perante a sociedade. Corresponde ao produto final da adaptação e da educação recebida” (1992, p. 15, grifo do autor). Nas palavras de Byington (1987, p.90), “a *persona* é formada pelos papéis culturais colocados à disposição do indivíduo pela tradição cultural para que ele expresse e elabore seus símbolos na estruturação de sua consciência”.

Assim como a máscara de teatro conferia uma identidade ao ator, a *persona*, nos estudos junguianos, pode ser considerada como o que confere uma identidade social a uma pessoa, pois está relacionada ao modo pelo qual ela é perante a sociedade. Para Jung, “a *persona* é uma aparência, uma realidade bidimensional, como se poderia designá-la ironicamente” (1981b, p.147).

Em trecho anterior da mesma obra (p.32), seu autor ressalta o caráter persuasivo da *persona* ao asseverar que

[...] ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que *aparenta uma individualidade*, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva (grifo do autor).

Em outra definição de *persona*, o estudioso salienta que “[...] a *persona* é o que alguém na realidade não é, mas o que ele mesmo e os outros pensam que ele é” (apud CARVALHO, 1986, p.64). A *persona* indica a condição social de quem a usa e “evita que ela se exponha inutilmente e que as coisas demasiadamente pessoais atinjam o meio externo” (SALLES, 1992, p.21).

De acordo com esse enfoque, a persona é tanto um escudo protetor quanto uma característica na mistura com os outros. É a face pública, particularmente elaborada e assumida pelo indivíduo em relação aos outros. A persona deriva principalmente das expectativas que a sociedade e as famílias lhes impõem. Tal fenômeno inclui os papéis sociais humanos, os símbolos e objetos característicos de uma profissão, o tipo de roupa escolhida para usar e o estilo de expressão (verbal ou não-verbal), entre outros recursos. “Nessa perspectiva, a persona seria a parte da personalidade identificada com a psique coletiva, que deveria ser ultrapassada para se atingir a individualidade profunda [...]” (BYINGTON, 1998, p.11).

Segundo Jung (1981), a persona é um complexo funcional, estabelecido entre o mundo real e o individual, que vem a existir por razões de adaptação ou de conveniência pessoal, e que se reveste tanto de aspectos positivos quanto negativos.

Em seu aspecto benéfico, a persona contribui para a tão necessária convivência em sociedade. Também possibilita uma relativa sensação de segurança, na medida em que cada um se comporta exatamente de acordo com o esperado. Assim, espera-se de um professor que ele aja como tal, que informe e forme seus alunos. De um dentista, que ele resolva os problemas dentários de seus pacientes, e assim por diante.

Por desempenhar um importante papel na proteção do ego<sup>13</sup>, da psique e das diversas circunstâncias que atingem os seres humanos, a persona é também um importante meio de comunicação. Fadiman e Fraser (1986, p.54) indicam a semelhança entre as personas e as máscaras no que tange às suas finalidades de uso quando argumentam que “nos dramas gregos, as máscaras dos atores, audaciosamente desenhadas, informavam a toda a platéia, ainda que de forma estereotipada, sobre o caráter e as atitudes do papel que cada ator estava representando”. Além disso, a persona, de acordo com os autores do texto acima citado, desempenha, com frequência, um papel importante no desenvolvimento positivo do indivíduo, pois “quando os papéis da persona se ajustam bem – isto é, quando refletem verdadeiramente as capacidades do ego - facilitam a interação social normal” (HALL, 1983, p.24).

Uma situação característica desse processo se dá quando o médico, ao vestir roupas de cor branca e portar, por exemplo, um estetoscópio, assume a persona da profissão médica. Essa persona, então, lhe confere “o direito” de realizar exames corporais muitas vezes

---

<sup>13</sup> N.E.- Nas palavras de Byington ( 1988, p.76), o **Ego** é a “estrutura arquetípica que representa a identidade e ocupa o centro da consciência”; “um complexo da consciência ligado à formação da identidade para o que é inseparável da noção do Outro ou não-Eu” (\_\_\_\_, 1987, p.89).

embaraçosos tanto para o paciente, quanto para si mesmo, sem que tal ato seja caracterizado como assédio ou invasão de privacidade. Nesse aspecto, “[...] a persona é uma estrutura que nos ajuda extraordinariamente a diferenciar e desenvolver. A persona é para o eixo simbólico<sup>14</sup> o que as inúmeras ferramentas são para o carpinteiro [...]” (BYINGTON, 1988, p.17).

Do arquétipo persona, é importante salientar, derivam outros arquétipos como o Arquétipo Mãe, Pai, Deus, Filho, e outros papéis do cotidiano.

Segundo Hall (1983, p.24), “o ego saudável pode, com maior ou menor êxito, adotar diferentes papéis de *persona*, de acordo com as necessidades apropriadas de uma dada situação” (grifo do autor). Contudo, a identificação com a persona pode chegar a extremos. Quando isso acontece, o desenvolvimento individual rumo à assunção de uma identidade própria, fica comprometido, estagnado em sua evolução, pois, nas palavras de Silveira (2001, p.79) “se, numa certa medida, a persona representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto do ego consciente identificar-se com ela”. Nesse caso, segundo a autora, a pessoa funde-se com o papel assumido (cargos, títulos, estilo de vida), distanciando-se da sua real personalidade, tornando-se apenas “uma impermeável casca de revestimento”. Em outras palavras, quanto mais o ego se identifica com essa máscara, menos individualizado ou autêntico ele se torna.

## **2.5 O CAMINHO EPISTEMOLÓGICO PERCORRIDO: ALGUMAS REFLEXÕES A RESPEITO.**

As leituras realizadas, bem como as reflexões delas decorrentes, possibilitaram a identificação de afinidades entre os estudos interacionais da linguagem falada e o “Arquétipo de Conformidade”, a Persona.

Entretanto, ainda que a Análise da Conversação, a Psicologia Analítica e os pressupostos bakhtinianos privilegiem o diálogo, os atos verbais ou a língua falada, seria fantasioso imaginar que a reunião desses enfoques resultasse em homogeneidade total nas suas concepções, nos seus métodos e objetivos, entre outros aspectos.

Na análise das interações verbais, Kerbrat-Orecchioni (1990) recomenda “um ecletismo vigilante” no que tange aos resultados e também ao conjunto de procedimentos

---

<sup>14</sup> N.E.- Diz respeito ao eixo consciência-inconsciente ao longo do qual se agrupam os símbolos estruturantes (BYINGTON, 1988, p.76).

descritos, porque, como os ângulos da abordagem são variados e, portanto, passíveis de apreensões incorretas, é necessário analisá-los de acordo com cada enfoque, para que se dê conta, com eficiência, das múltiplas faces das interações verbais.

Nesse sentido, é fundamental que sejam elucidados alguns aspectos a respeito da constituição do sujeito para as abordagens elencadas, como também, pontos de convergência estabelecidos entre elas:

▫ Na concepção junguiana, o social, o individual e o universal, ainda que distintos, constituem pólos estreitamente ligados. Dentro de uma abordagem holística, mais atual, o indivíduo é caracterizado como um ser biopsicossocialespiritual-ecológico.

Estabelece-se, nesse contexto, uma interação constante entre os componentes da psique (consciente e inconsciente). A psique, então, refere-se à totalidade da vida consciente-inconsciente no indivíduo. Jung (1991, p.137) confirma essa inter-relação ao postular que “entre a consciência e o inconsciente não há demarcação precisa, com uma começando onde o outro termina. Seria antes o caso de dizer que a psique forma um todo consciente-inconsciente”. Em outro texto, ressalta que “*ambos são aspectos da vida*” (1991, p.68, grifo do autor).

O consciente, a consciência pessoal do ser humano, pode ser entendida como um sistema do aparelho psíquico que mantém contato com o mundo interior e exterior. De acordo com Jung, ela “não se cria a si própria. Emanada de profundezas desconhecidas” (1986, p.75). Vale lembrar que ele referia-se ao inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo, por sua vez, forma a base da psique e seus conteúdos são determinantes no que tange ao funcionamento psíquico, às atitudes e às palavras do indivíduo.

Para o autor, existe um vínculo entre os indivíduos que os ligam à sua cultura e também a um passado cultural distante. Diante dessa premissa, o inconsciente não pode ser considerado individual, e sim, universal, histórico, cultural e coletivo (está ligado à espécie humana e às várias gerações familiares).

Os conteúdos do inconsciente coletivo são denominados arquétipos. Considerados como tendências herdadas para representar imagens ou situações semelhantes, os arquétipos (inúmeros) são percebidos em comportamentos externos, principalmente aqueles ligados às experiências básicas e comuns na vida de todo ser humano, tais como nascimento, casamento, maternidade, morte e separação. Também são observáveis na relação

com a vida interior, manifestando-se por meio de figuras, imagens ou símbolos. Nessa perspectiva - como anteriormente mencionado - o inconsciente se expressa, em grande parte, pela fala, independentemente da intenção do locutor.

Segundo os pressupostos junguianos, a psique do indivíduo está em constante movimento integrador denominado processo de individuação<sup>15</sup> ou encontro com o Si-mesmo. Jung, (1986, p.76), emprega o termo “individuação para designar o processo pelo qual um ser torna-se um *in-divíduo* psicológico, isto é, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade”. Para o autor (mesma página e obra), esse processo é composto de dois aspectos fundamentais: por um lado, “é um processo interno e subjetivo de integração; por outro lado é um processo objetivo, tão indispensável quanto, de relacionamento com o outro”, e complementa ressaltando que ambos são essenciais, “se bem que estejam em primeiro plano, ora um, ora outro”.

De acordo com Fadiman e Frager (1986, p.58), o “indivíduo precisa ser relativamente saudável em termos psicológicos para começar o processo. O ego precisa ser forte o suficiente para suportar mudanças tremendas, para ser virado pelo avesso no processo de individuação”.

É no caminhar em busca da individuação que a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras, preparando-se para uma integração maior consigo e com seus semelhantes, para tornar-se “indivíduo”. Trata-se de um processo doloroso, complexo, não linear, estabelecido principalmente na segunda metade da vida do ser humano. Cada estágio desse processo é acompanhado de dificuldades. A primeira das etapas seria o “desvestimento das falsas roupagens da persona” (SILVEIRA, 2001, p.79).

Vale destacar que os arquétipos, e entre eles, a persona, são estruturas inconscientes. Entretanto, suas formas de manifestação, ou seja, os símbolos são constituídos por porções conscientes e inconscientes. Quando a persona é envolvida por estruturas defensivas, ela pode ser usada para esconder conteúdos psíquicos dolorosos: “uns impostam uma atitude agressiva para esconder sua carência, outros adotam uma postura sedutora para que ninguém suspeite de sua friidez. Isto [...] é o uso defensivo da *persona* que, quando estruturado e estereotipado, se torna patológico” (BYINGTON, 1987, p. 37, grifo do autor). Nesta situação, apesar dos esforços, os símbolos de manifestação da persona não podem ser elaborados pela consciência, permanecendo também inconscientes.

---

<sup>15</sup> N.E. A **individuação** é o eixo da psicologia junguiana. Diz respeito “ao processo em que uma pessoa na vida real tenta consciente e deliberadamente compreender e desenvolver as potencialidades inatas de sua psique” (HALL, 1983, p.25).

Em contrapartida, as pessoas que conseguem individualizar-se são capazes de fazer uso consciente e intencional das manifestações desse arquétipo. Nessa perspectiva, como afirma Byington (1987), tem-se seu uso normal e criativo, como veículo expressivo.

Jung, ao ressaltar a importância da persona e da sombra no processo de individuação, argumenta que “[...] a persona seria a parte da personalidade identificada com a psique coletiva, que deveria ser ultrapassada para se atingir a individualidade profunda e a sombra, a parte não-aceita pela consciência” (BYINGTON, 1988, p.11). De acordo com o psicólogo, o futuro da humanidade dependerá da quantidade de pessoas que conseguirão se individualizar.

As concepções decorrentes do pensamento de Jung, na visão da autora do estudo, direcionam para uma constituição múltipla do sujeito, composto de aspectos dialéticos e dialógicos conscientes e inconscientes. A noção de sujeito que subjaz à Psicologia Analítica, nessa perspectiva, é a do indivíduo solidário, em busca do autoconhecimento e plena realização da personalidade humana.

▫ A Análise da Conversação (AC), ou os Estudos Interacionais da Língua Falada, cujo enfoque é basicamente descritivo, “encara a linguagem como *atividade*, como *forma de ação*, ação interindividual finalisticamente orientada” (KOCH, 1992, p. 9, grifo da autora).

Ainda que a citação de uma das pesquisadoras mais respeitadas na área, entre outras, sinalize para uma concepção de falante que se expressa conscientemente, ou que possui uma determinada intenção ao fazê-lo, não há uma preocupação, por parte dos estudos interacionistas, em analisar mais detidamente o componente psicológico, os processos mentais inconscientes e suas influências nos eventos interativos.

De acordo com essa linha de pensamento, o falante tem consciência de que é um indivíduo único, dotado de identidade própria. Entretanto, como observa Galembeck (2003, p.68), “[...] esse indivíduo autônomo está ciente, ademais, de que depende de outros seres (da mesma ou de outra espécie) para construir a própria individualidade”.

Nos estudos interacionais de Goffman, o *eu* do indivíduo ou do ator social, como ele considera, é um elemento socialmente estabelecido. Para o sociólogo, o sujeito é a soma da interação em que ele participa aliado ao seu próprio desejo de participar desse evento comunicativo com o intuito de alcançar seus objetivos comunicacionais. O sujeito goffmaniano, então, pode ser considerado agente ativo de mudanças e de condução do desenvolvimento interacional.

De acordo com os pressupostos norteadores da Análise da Conversação, o enfoque é dado ao uso da língua no processo social da comunicação. Em outros termos, a língua, é considerada como ação capaz de criar e manter as interações verbais/ sociais inerentes à espécie humana.

Rosa (1992, p.15), ao discorrer a respeito da área, aponta dois enfoques distintos, porém não excludentes, em sua trajetória: a AC etnometodológica e uma linha mais lingüística de análise da conversação. Segunda a autora, a de cunho etnometodológico parte de dados empíricos obtidos na observação e no registro da interação em andamento e somente a partir desses dados é que são construídas as categorias de análise. Essa linha, de acordo com suas palavras, “atenta sobretudo às regularidades de estruturas e organização global da conversação que correspondem a princípios prescritos por normas sociais vigentes numa dada comunidade”.

Na linha mais lingüística da AC, são privilegiados os estudos que correlacionam funções de organização textual e funções interacionais. “Esse tipo de investigação focaliza as contribuições lingüísticas de cada interlocutor do ponto de vista da organização interna do enunciado, para, então, correlacioná-las às funções interacionais que desempenham em uma situação de comunicação específica” (p.15-16).

Com base nesse esclarecimento, importa mencionar que, no presente estudo, as duas perspectivas fundamentaram as análises dos marcadores conversacionais de preservação da face.

▫ Acompanhando os pressupostos teóricos desenvolvidos por Bakhtin, existe, por parte do sujeito, uma intencionalidade, *um querer dizer* que influencia a formação de seu enunciado. Em outros termos, a intenção do sujeito, para o pensador russo, é objetivada no discurso, ou seja, existe sempre um projeto consciente do sujeito, relacionado à sua visão de mundo. Conforme Bakhtin (1977, p. 296), “nossa palavra, ou seja, nossos enunciados /.../, está repleta das palavras de outrem, caracterizados, em graus variáveis, pela alteridade ou assimilação /.../ *por um emprego consciente e diferenciado*” (grifo nosso).

Vale acrescentar que a consciência individual, sob essa ótica, deve ser vista como fato social e ideológico. Nesse sentido, Lukianchuki (2005, p.1), acompanhando o filósofo citado, assinala que “a realidade da consciência é a linguagem e são os fatores sociais que determinam o conteúdo da consciência – do conjunto dos discursos que atravessam o indivíduo ao longo da vida, é que se forma a consciência.” Entretanto, a autora adverte que não é porque a consciência é determinada socialmente que se pode inferir que o indivíduo seja

simplesmente um ser que reproduz os enunciados. Tal aspecto, para ela, “ressalta [...] a criatividade do ser humano: é influenciado pelo meio, mas se volta sobre ele para transformá-lo”.

De uma forma simplificada, é possível afirmar que, de acordo com a proposta de Bakhtin, há um estágio de consciência em que o sujeito estabelece relações com uma realidade imediata, e outro, mais complexo, que abarca questões do gênero humano.

Diante dessa concepção de gradações de uma consciência individual, ratifica-se então, a existência de uma motivação, uma intenção ou uma consciência que impele à ação, ainda que essa consciência seja perpassada, em diferentes graus, por outras consciências, outros discursos ou outras vozes. Em consonância com essa linha de raciocínio, observa-se que as marcas de autoria não estão ligadas às características psicológicas do falante como forma explicativa da composição do seu discurso, e sim às múltiplas vozes pelas quais esse falante se constitui.

No que diz respeito às áreas mencionadas, mais especificamente, às convergências teórico-metodológicas encontradas, verifica-se o destaque dado aos aspectos da imagem de si na interação, sua constituição, características, finalidades.

Amossy (2005, capa do livro) corrobora a afirmação ao salientar que “o peso da fala e sua força de persuasão não decorrem somente do que o orador diz: dependem também da imagem que ele dá de sua pessoa, da impressão que ele produz em seu auditório”. Mais adiante, a autora esclarece “que a imagem de si que se constrói no discurso [aqui entendido como interação], é designada pelo termo *ethos*”.

Na perspectiva da autora deste estudo, são evidentes os traços harmoniosos entre a teoria da Preservação da Face e o Arquétipo de Conformidade (Persona) anteriormente mencionados. Ainda que possuam denominações diferenciadas, percebe-se que os significados são estreitamente relacionados: a imagem, dentro da concepção lingüística, é denominada face, fachada, *ethos* construído e apresentado. Para a Psicologia Analítica ela é máscara usada, a persona assumida.

Em outros termos, a persona remete à noção de máscara ou imagem projetada com fins de adaptação social cujo objetivo principal é o de ser aceito pela comunidade em que está inserido e, assim, estabelece relações de semelhança e contigüidade com os aportes goffmanianos. Tal afirmação, acredita-se, é justificada, uma vez que preservar a face para Goffman é, antes de tudo, a materialização do desejo e necessidade do falante, de construir e manter uma auto-imagem positivamente valorizada no intercurso de toda e qualquer interação verbal.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para o estudo em pauta caracteriza-se como uma investigação descritiva dos procedimentos discursivos de controle da imagem social do “eu” individual na fala de alunos dos cursos de Biblioteconomia da UEL, conduzida a partir de uma abordagem qualitativa conjugada a aspectos quantitativos. Esses dois enfoques, como afirma Minayo (1994, p.22), “não se opõem. Ao contrário, complementam-se, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.”

É importante ressaltar que algumas características do texto conversacional, como a fluidez e a inexistência de planejamento prévio, demandam a utilização do método empírico indutivo, sem modelos pré-fixados. “Com efeito, os dados coletados excluem, por si, o uso de um modelo formal estabelecido previamente, a partir de hipóteses formuladas aprioristicamente e de intuições sem correspondência com a realidade” (GALEMBECK, 1999a, p.111).

Consubstanciando a afirmação, Marcuschi (1998, p.7) argumenta que “esse primado do empírico dá à AC [Análise da Conversação] uma vocação naturalística com poucas análises quantitativas, prevalecendo ainda as descrições e interpretações qualitativas.”

Em consonância com os objetivos propostos, foram analisadas as falas de nove alunos do quarto ano de Biblioteconomia da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Para a composição dos sujeitos da pesquisa, foram escolhidos os alunos que se apresentaram – a partir da divulgação da pesquisa - e que tinham disponibilidade, em uma determinada data e horário, para participar.

Como instrumento para coleta das informações, optou-se pela utilização da técnica de discussões de grupo de foco. O grupo de foco, um dos procedimentos mais utilizados em pesquisas qualitativas, é um método de coleta de dados no qual o pesquisador reúne, durante certo período, de 6 a 12 participantes, a fim de que discutam e se expressem o mais espontaneamente possível, a respeito de temas pré-estabelecidos. O objetivo central desse método é identificar percepções, sentimentos, atitudes e idéias dos participantes a respeito de um determinado assunto. Em síntese, trata-se de “uma técnica de pesquisa para coletar dados através da interação do grupo sobre um tópico determinado pelo pesquisador” (MORGAN, apud LEITÃO, 2003, p.51).

Objetivando asseverar a representatividade existente no pequeno número de informantes reunidos no “grupo de foco”, Blumer (1969, p.41) enfatiza:

um pequeno grupo número de indivíduos, reunidos como um grupo de discussão ou de recursos vale muito mais do que qualquer amostra representativa. Esse grupo, discutindo coletivamente sua esfera de vida [...], fará mais para erguer as máscaras que cobrem a esfera da vida de qualquer dispositivo do qual eu tenha conhecimento (tradução nossa).

O registro das interações verbais, cuja duração foi de duas horas e vinte e oito minutos, efetivou-se por meio de gravações, as quais foram transcritas, com algumas adaptações, seguindo-se os padrões sugeridos por Marcuschi (1998), (Anexo A).

Os temas ou tópicos propostos ao grupo foram: a adoção de crianças por casais hetero e homossexuais; a convivência de quatro anos entre os participantes do “grupo de foco”; o papel do homem como o provedor da família; a valorização da mulher pela sociedade; a política e a corrupção no país. A escolha destes temas deu-se pelo fato de se tratar de assuntos polêmicos que envolvem valores pessoais, e por isso são acompanhados de intensa carga afetivo-emocional, o que, na perspectiva da pesquisadora, poderia suscitar maior participação dos entrevistados bem como maior necessidade de defesa de seus pontos de vista.

Com o intuito de analisar as falas mais espontâneas, foram desprezados os primeiros quinze minutos da gravação, assim como os quinze minutos finais.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Como já foi explicitado no item anterior, uma das características mais significativas da língua falada é, sem dúvida, “o fato de ser planejada localmente no momento de sua execução” (GALEMBECK, 1999a, p.109). Ainda de acordo com o autor citado, a quase - simultaneidade entre sua elaboração e manifestação, suas condições de produção, entre outras especificidades, “[...] excluem um método baseado em categorias ‘prontas’ e pré-estabelecidas”. Assim sendo, cabe ao pesquisador elaborar categorias que estabeleçam “correspondência real com o objeto do seu estudo”. Esse procedimento é justificado pela correspondência direta dos fenômenos que caracterizam a língua falada e o contexto em que está inserida.

Apesar de terem sido abordados temas polêmicos, verificou-se a ocorrência de diálogos cooperativos e relativamente simétricos, uma vez que eram todos colegas de turma havia quatro anos e tinham construído um relacionamento extremamente amigável. Entretanto, como alerta Goffman (1980, p.98), “da mesma forma que não existe uma conversa na qual não possam surgir [...], impressões impróprias, também não existe uma conversa tão trivial que não requeira de cada participante uma preocupação séria com a maneira pela qual ele lida consigo mesmo e com os outros presentes”.

Com base nessa premissa, foram realizadas descrições e análises do material coletado em uma situação real de interação, no que diz respeito ao emprego de marcadores que denotam maior e menor comprometimento do locutor/enunciador com seu enunciado, os marcadores conversacionais de atenuação.

### **4.1 MARCADORES CONVERSACIONAIS QUE INDICAM MAIOR ENVOLVIMENTO DO LOCUTOR COM SEU ENUNCIADO**

#### **4.1.1 Marcadores de Opinião**

Os marcadores de opinião são considerados formas lingüísticas, estrategicamente empregadas pelos falantes com o intuito de assumir, ainda que em diferentes

graus de intensidade, o ponto de vista emitido. Essas expressões verbais são representadas por duas classes gramaticais: pelos verbos de opinião, ou como apresenta Marcuschi (1989, p.294), pelos “verbos *dicendi* (dizer), [...] verbos *epistêmicos* (achar, saber, entender) bem como os *perceptuais* (ver e olhar que pouco têm a ver com o sentido literal)” (grifos do autor) e por determinadas expressões adverbiais que “assinalam, genericamente, que o fato ou a opinião expostos são tratados sob um viés marcadamente pessoal (pessoalmente, para mim, eu por mim)”. (GALEMBECK; CARVALHO, 1998, p.162)

No cópús analisado, prevaleceu o emprego dos verbos epistêmicos e, em especial, da expressão “eu acho que” e algumas outras variações dessa forma. Ao empregá-la, o falante sinaliza que se trata de sua opinião particular ainda que às vezes apresente algum grau de incerteza. É o que se verifica a seguir no recorte da fala de um dos entrevistados a respeito da adoção de crianças por casais hetero e homossexuais:

195	Iinf. 5- <b>Eu acho assim que</b> (+) que::: ao invés de tanta haver burocracia (+) essa coisa de: papéis de:/ tem gente que tem que esperar até um ano pra conseguir adotar uma criança já deveriam fazer uma espécie de de (+) preparamento pra receber a criança mesmo talvez esse intervalo de um ou dois anos pra você ter uma criança não seu o que não fosse [...]
-----	---

O emprego do “eu acho” que introduz ou prefacia a opinião do informante indica que ele assume a própria opinião. Nesse sentido, nota-se que o informante está convicto da pertinência da sua afirmação, pois ele mesmo apresenta uma possível solução para o problema do excesso de burocracia.

No entanto, ao complementar com “assim”, ele procura minimizar o caráter impositivo do enunciado, para não correr o risco de ser considerado prepotente, o que prejudicaria a auto-imagem que deseja ver preservada. Observa-se que a idéia de imprecisão, de incerteza decorre do emprego do “assim”. No segmento mencionado, a expressão “eu acho assim” torna-se uma possibilidade de atenuação do enunciado, e não a expressão de uma dúvida.

Na linha 833, outro locutor informante inicialmente manifesta – sem muita certeza ou convicção - sua opinião a respeito das mudanças ocorridas em seu comportamento nesses quatro anos da graduação. Percebe-se, entretanto, que, no decorrer de sua exposição, torna-se mais seguro do que defende e emprega novamente “eu acho que” com o intuito de reafirmar a sua idéia e assumir de modo mais incisivo o seu ponto de vista. Vale observar que o efeito de certeza, de segurança a respeito do que foi dito, decorre da reiteração e do adjetivo

“fundamental”. Nesse trecho, o primeiro marcador vincula certo grau de incerteza, porém, à medida que o texto avança, o falante adquire mais segurança e se vale do segundo marcador para comprometer-se efetivamente com seu enunciado.

833	Inf. 1- <b>Acho que</b> desenvolvimento de relação né problemas de relação trabalho em equipe <b>eu acho que</b> fundamental pra gente foi isso desenvolvimento de relação no trabalho em equipe
-----	--

Observa-se, nesse caso, a preocupação de o falante defender a sua posição a respeito dos trabalhos em equipe e, ao mesmo tempo explicitar sua visão a respeito do assunto. Essa visão, aliás, impede que seu interlocutor o contradiga, o que poderia ameaçar sua face positiva ou desvelar sua face negativa.

Em uma interação, o locutor, ao elaborar e executar seu discurso insere marcadores em vários trechos de sua fala. Apesar de não existirem marcadores conversacionais exclusivos de uma ou outra posição, percebe-se que a opção por utilizá-los no início, no meio ou no final do turno dá margem a interpretações diversas. De acordo com Rosa (1992, p.45), “as classificações de Fraser, Castilho e Brown e Levinson colocam em relevo a noção de incerteza que resulta do uso dos marcadores de opinião, principalmente quando estão em posição intermediária (parêntese) ou à direita [ou final] da unidade discursiva”.

Entretanto, é importante salientar que a afirmação não deve ser considerada como regra ou forma fixa, pois relacionar, de forma categórica, a posição do marcador a determinado efeito de sentido, e desprezar o contexto em que ele ocorre, as escolhas lexicais do falante, pode levar a conclusões incompatíveis com a realidade da interação. O fragmento anterior e o próximo ilustram essa premissa.

Nesse segmento, a informante demonstra claramente seu descontentamento quanto às ações do governo e, à medida que desenvolve o tópico, vai assumindo com maior firmeza a sua opinião:

1018	Inf.10- <b>Então eu acho que</b> ele deveria ter estudado (+) evoluído mesmo sabe? Ler pegar ler mesmo e se informar (+) ele foi/ o discurso é o mesmo (+) sabe? A emoção dele <b>eu acho assim</b> pro tamanho do Brasil essa emoção quem tem que chorar é nós (+) gente eu fiquei/ olha eu ajudo eu sou contra salário-família esse negócio seguro desemprego é:::: como é que falam? [[ bolsa escola ]] é bolsa escola luz fraterna aí depois que surgiu essa coisa toda (+) eu falei gente que horror porque <b>eu acho que</b> assim o povo não quer isso o povo quer agilidade de ir à luta correr atrás tá não tem [[ <b>olha eu penso/</b> ]] mas agora <b>eu acho que</b> está mais é <b>creio sim</b> aí eu fui tentar aquele salário-família pro meu filho (+) quatorze reais e noventa e nove centavos o pior não é isso o pior é que esse valor vinha de muitos e muito anos então [...]
------	---

No trecho apresentado, as expressões opinativas “eu acho que”, “eu penso” e “eu creio”, na posição medial, não estão relacionadas à noção de incerteza, mas às marcas de enunciação no enunciado. O efeito de sentido obtido com o emprego das expressões “eu acho” (relativiza a opinião) e “eu creio” (assume com maior convicção), indica que, por meio de marcadores conversacionais, o enunciador evidencia ou reforça gradativamente a própria presença no enunciado.

No exemplo a seguir, ao discorrer a respeito da igualdade de direitos e deveres entre casais, a locutora emite, inicialmente, seu ponto de vista, concordando com o colega que o antecedeu. Nota-se que o acréscimo da palavra “também” à expressão “eu acho” reforça ainda mais o efeito pretendido: uma vez que a sua opinião é semelhante à do outro, ou seja, é consensual, diminui significativamente a possibilidade da objeção ao que será dito a seguir, o que representaria uma ameaça à sua imagem ou face. O segundo marcador “acho que” anuncia a expressão de seu ponto de vista a respeito do homem moderno. Ao ressaltar antecipadamente que o que será dito, é a sua opinião particular, impede que seus interlocutores se manifestem contrariamente.

53	<p>Inf. 10- <b>Eu também acho</b> porque assim hoje você não/ hoje vê homens no Posto de Saúde com filho no colo coisa que você via um tempo atrás (incompreensível) meu pai nunca ia levar no Postinho hoje em dia você vê homens com criança indo buscar em porta do Colégio eu trabalho no Colégio saindo com filho em Shopping separado ou não mas está junto sabe? <b>Acho que</b> o homem também está pegando essa responsabilidade que não só a mãe tinha que ficar pro pai jogar bola não a mãe vai sair e o pai que vai cuidar da criança é:::: vocês dois que têm que dar um jeito ah se chorar? Se chorar vocês se viram (+) é que nem eu falei pro meu filho ó o Gabriel não veio com manual de instrução você faz alguma coisa porque é isso e não é? E tem que ser assim não adianta colocar assim mãe ( cuida delas ) o pai também pode fazer isso e não tem como você distinguir é eu vou/ num lar né eu sou o pai o cabeça você é a mãe não não é assim <b>eu acho que</b> tem que/ com o decorrer da relação que você vai vendo tem situação que um lida melhor tem situações que o outro lida aí pra poder entrar num consenso igualar né <b>para mim</b> é por aí</p>
----	---

A última ocorrência do marcador de opinião “eu acho” funciona como um pósfacio amenizador do conceito anteriormente apresentado. Nessa situação, a presença do marcador na posição medial enfraquece o caráter autoritário da conversação, sugerindo um grau de incerteza por parte do falante, preservando-o mais uma vez de eventual contestação.

Encerrando o tópico, a locutora recorre a uma locução verbal (para mim) que orienta seus ouvintes a respeito de como interpretar o que foi dito, isto é, “que o fato ou a opinião expostos são [ou deverão ser] tratados sob um viés marcadamente pessoal [...]” (GALEMBECK; CARVALHO, 1998, p.162).

Nota-se, nos trechos anteriormente discutidos, o propósito de o falante, evitar situações tensas e nocivas à conversação e, reportando-se à Goffman (1980), evidencia-se o cuidado com as faces por intermédio do “processo de evitação”.

A extensão do turno também é um fator a ser considerado: quando o enunciado é muito extenso, o falante reitera a expressão com o objetivo de lembrar seu interlocutor de que aquela é sua opinião, antecipando possíveis ameaças à sua face.

Por meio dos conteúdos evidenciados na fala dos respondentes, é possível observar manifestações de Personas que exprimem significativo grau de informação, aliado à preocupação com fluxo amigável da conversação. Em outras palavras, nota-se que os falantes constroem suas Personas de indivíduos críticos, com opiniões formadas e, ao mesmo tempo, preocupados em manter o vínculo positivo, salutar, existente no referido evento comunicativo.

Vale observar também que a informante nº 10, apresenta em sua fala, situações relacionadas com crianças, bolsa escola, posto de saúde, lanchinho do coleguinha entre outros. Estabelece nesse caso, uma relação de forma analógica com aspectos que caracterizam o maternal. Torna-se evidente, então, na fala da locutora, a presença do arquétipo da grande mãe.

#### **4.1.2 Marcadores *Hedges***

São assim denominados os marcadores que modificam o valor ilocutório de um enunciado (BROWN; LEVINSON, 1987). Considerados como escudo ou cerca de proteção ao enunciador, de acordo com Rosa (1992, p.49),

encontram-se semeados no discurso, muitas vezes em posição parentética, e abrangem diferentes formas estereotipadas. São advérbios, locuções adverbiais, expressões verbais, pequenas frases, etc., que introduzem um grau de incerteza ou de imprecisão nos enunciados em que ocorrem.

Entre esses marcadores, evidenciam-se aqueles que minimizam a força assertiva dos enunciados, como os *hedges* que indicam atividades de planejamento verbal

(assim, vamos dizer assim, digamos) e aqueles que expressam incerteza (talvez, quem sabe, não sei se). Normalmente esses marcadores ocupam uma posição parentética nos enunciados.

Vale ressaltar que, dado o caráter multifuncional desses marcadores, não é raro um *hedge* sinalizar atividades de planejamento, ao mesmo tempo em que sugere certa dose de incerteza a respeito do que está sendo dito.

#### 4.1.2.1 *Hedges* indicadores de atividades cognitivas ou de planejamento verbal

Ao utilizar o marcador, o falante procura ganhar tempo para planejar o que dirá ou para reorganizar mentalmente seu enunciado, evitando, assim, o silêncio que poderia ocasionar a perda do turno conversacional e, como consequência, a contestação por outro interlocutor e, além disso, ele cria um efeito de dúvida ou imprecisão no ouvinte. Com outras palavras, ao sinalizar o planejamento verbal, ele “modifica a força das asserções em que aparecem, o que atenua a impositividade que deles pudesse decorrer” (ROSA, 1992, p.49).

Nesse momento, os falantes discutem acerca da convivência com os colegas nos quatro anos do curso e as modificações ocorridas em decorrência desses contatos:

491	Inf. 2- E é muito engraçado porque é <b>assim né</b> existem AS diferenças o Carlos <sup>16</sup> é muito diferente de mim é::: tem outra amiga no grupo mas é <b>assim</b> você discute hoje mas amanhã está na sala todo dia então você pode querer se estapear se matar mas [...] sempre tem que relevar uma coisa que é o engraçado também é o jeito de você pegar né <b>assim</b> eu e ele nós fazemos parte de um grupo de pesquisa então às vezes a gente sempre comenta brinca sobre algo que tem a ver <b>assim né</b> então essa convivência faz com que você mude até o seu jeito de falar de pensar sobre as coisas[...]
-----	--

No trecho em evidência, o primeiro marcador “assim né” não está vinculado a um desejo de atenuação discursiva. Trata-se de um marcador prefacial de anúncio (ROSA, 1992), que visa a chamar atenção dos ouvintes para a asserção subsequente. A segunda a expressão “é assim”, ao mesmo tempo em que indica uma atividade de planejamento verbal, está relacionada a uma necessidade do locutor de, por meio de um exemplo, tornar seu argumento o mais claro possível. Nesse caso, também não há indício de que o marcador foi utilizado com o intuito de preservar a face dos interlocutores. Entretanto, na terceira e quarta ocorrência, os marcadores promovem a atenuação do enunciado. Verifica-se, nesse exemplo,

<sup>16</sup>- N.E. Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, seus nomes foram alterados.

que a indicação de que o falante busca planejar o que será dito, causa um efeito de imprecisão, de diminuição do valor ilocutório, ou valor de verdade do enunciado, condição *sine qua non* para a preservação das faces.

#### 4.1.2.2 Hedges que denotam incerteza

São expressões que, ao indicarem certo grau de incerteza, procuram diminuir o comprometimento do locutor com suas afirmações, protegendo-o de possíveis reações desfavoráveis de seu ouvinte.

O fragmento abaixo reúne dois tipos de *hedges*: o falante, ao manifestar-se a respeito da adoção de crianças, utiliza o marcador de incerteza (talvez) e o de planejamento verbal (assim).

255	Inf. 1- Então <b>talvez assim</b> por ela não ter tudo uma família ela ache que aquilo é normal numa família né aquilo que ela conhece
-----	--

O prefácio *talvez* funciona “como uma espécie de precaução ou de anteparo” (MARCUSCHI, 1998, p.74) inviabilizando possíveis reações desfavoráveis à sua face. O hedge de planejamento verbal, por sua vez, contribui para criar um efeito de abrandamento do enunciado. Nesse contexto, a dupla utilização de hedges dilui com mais eficiência a força assertiva do enunciado.

Evidencia-se claramente, no exemplo, o cuidado, a preocupação do locutor em evitar conflitos que provavelmente “arranhariam” a sua face positiva e impediriam o desenvolvimento de uma interação com sucesso.

A preocupação em não ser tachado como uma pessoa impositiva e, conseqüentemente, desagradável, é também responsável, no excerto seguinte, pelo caráter de incerteza obtido por intermédio da negação da afirmativa anteriormente formulada.

873	Inf. 5- Eu acho que muda muda em todos os sentido muda no que você escreve que você lê e lê de novo aí você isola o que você escreve pra comparar e na relação mesmo no que ela falou na visão do mundo a gente fica mais <b>não sei se fica</b> mais apurado [[ na leitura né ]] é:::
-----	--

O falante, ao argumentar a respeito das mudanças ocorridas em sua vida, tem plena convicção do papel da leitura (ou de tornar-se leitor) nesse processo. Contudo, o receio de que alguém discorde dessa afirmação - comprometendo o ritmo tranquilo e amigável da conversação - o impele a diminuir o comprometimento resultante dessa enunciação por meio de um marcador de incerteza. Novamente, a “evitação” de situações desagradáveis vem contribuir com a elaboração das faces das premissas goffmanianas.

Importa lembrar que a frequência do emprego desses “anteparos” está diretamente relacionada ao caráter polêmico dos enunciados proferidos.

A título de finalização do tópico apresentado, pode-se salientar o ponto de vista de Galembeck (1999, p.188) ao argumentar que “os marcadores ‘hedges’ de ambos os tipos funcionam como elementos de atenuação do valor ilocutório dos enunciados, pois provocam no ouvinte um efeito de dúvida, de imprecisão ou incerteza e, assim diminuem a ‘responsabilidade’ do locutor com relação aos conceitos emitidos”.

Em uma perspectiva do arquétipo de adaptação social, ou do *ethos* reivindicado, percebe-se que os trechos analisados revelam primeiramente Personas impositivas que logo depois são retificadas, com o intuito de torná-las mais suaves, mais brandas. É sabido que pessoas amáveis são mais “bem aceitas” socialmente... .

Ainda que não seja o objetivo desse estudo, infere-se que tal procedimento tanto pode ser resultado do cuidado com a interação como também pode estar relacionado com questões inerentes à própria história de vivência de cada interlocutor.

#### **4.1.3 Marcadores Conversacionais Metadiscursivos**

Dizem respeito à condução do ato conversacional, não propriamente à condução do assunto, mas à forma de participação no ato. Em outros termos, são marcadores que se referem à própria condução do ato conversacional.

Importa ressaltar que a metadiscursividade, constitui uma propriedade lingüística extremamente presente na língua falada, devido as atividades de monitoramento local e contínuo das construções verbais. Risso e Jubran (1998, p.2), corroboram o enunciado anterior, ao explicitarem que, “fortemente ancorado no entorno espaço-temporal de interação face a face o texto falado é produzido de forma dinâmica e momentânea, o que favorece sensivelmente o afloramento, na sua superfície, de traços de enunciação”.

De acordo com Rosa (1992, p.59), os marcadores conversacionais metadiscursivos “anunciam uma possível quebra de expectativas e, conseqüentemente, um possível ato ameaçador à face dos interlocutores. Os riscos decorrentes da UD [unidade discursiva] subseqüente tornam-se, assim, bem menores, pelo simples fato de terem sido antecipados pelo marcador prefaciador”.

O falante, ao argumentar, no excerto a seguir, a respeito da criança que não é bem tratada em seu lar adotivo, preocupa-se em utilizar um termo apropriado antecipando-se às possíveis objeções, evitando danos às faces.

240	<p>Inf. 7- É: <b>eu não sei se eu concordo</b> com a opinião da Ana que a criança se cala porque na verdade ela está certo ela está vindo de uma situação muito pior do que ela foi colocada né é: mas a princípio o o relacionamento já começa dar certo (+) agora a questão é que a criança talvez ela não tenha a noção se ela teria alguma coisa melhor que aquilo sabe? Eu acho que ela não tem essa auto-consciência <b>não sei se é esse o termo né</b> pra poder avaliar a própria situação dela pra ela ficar lá ou não porque na verdade uma criança numa certa altura dependendo a idade naturalmente ela se revolta quando está tudo bem né a adoção a a é::: tudo ali é: (+) conduz né com aquela realidade de adoção e e já o ser humano é muito complicado uma criança ela pode ser revoltada de uma pra outra né mesmo assim quando está bem agora que não está talvez ela se cale mas ela não tenha consciência disso que ela esta nesse processo (+) a [[ ahã ]] que ela talvez não vai perceber isso né então é uma situação muito</p>
-----	---

O informante inicia o turno com um *hedge* de incerteza discordando ainda que, de forma atenuada, do enunciado proferido anteriormente. O emprego da primeira expressão em negrito decorre do efeito de sentido pretendido: ao afirmar que não sabe se concorda com a colega, o falante provoca no ouvinte um efeito de dúvida que, por sua vez, minimiza o caráter impositivo de seu enunciado. Entretanto, no decorrer da argumentação, explicita sua opinião (por ter vindo de um lar desestruturado a criança acredita que todos os outros são assim) e recorre à expressão metadiscursiva em negrito (“não sei se é esse o termo né”). Com isso, ele antecipa possíveis discordâncias a respeito do que foi dito bem como do termo empregado, impedindo maiores “danos” às faces. Nota-se que, a princípio, o marcador pode sugerir um efeito enfático no lugar de possibilitar uma atenuação no discurso. Entretanto, por anunciar uma quebra de expectativa, suaviza a força ilocutória de a enunciação a seguir tornando-a menos ameaçadora para a face dos interactantes.

Evidencia-se, nesse trecho, o cuidado do falante com a escolha lexical, com o modo pelo qual exprime sua opinião. Nesse momento, infere-se, importa a ele o *como* está sendo dito o que diz. Por não ter plena certeza se o termo empregado é o mais adequado – e com isso prejudicar sua imagem de falante da norma culta –, procura diminuir a força

ilocutória da afirmação por intermédio do referido marcador metadiscursivo, configurando então, um processo de “evitação” em sua fala.

No próximo segmento, ao externar sua opinião a respeito da situação política brasileira, mais especificamente do “mensalão”, o informante (nº 9) é interrompido por um colega que sente a necessidade de falar naquele momento e como sabe que está em desacordo com a máxima conversacional “fala um de cada vez”, procura, antecipadamente, desculpar-se pela interferência.

1002	Inf. 10- E sabe o que que eu acho também <b>desculpa interromper agora</b> é que agora é que agora veio na cabeça é assim veja bem eu acho que as pessoas não querem acreditar porque quantos votos o Lula teve?
------	--

A expressão (“desculpa interromper agora”) indica uma situação diferente daquela mencionada no exemplo anterior. Ao invés de preocupar-se com a forma pela qual realiza a enunciação, o falante preocupa-se com seu comportamento, sua atitude, na interação. Nesse sentido, verifica-se que a auto-reflexividade do discurso ou o emprego da expressão metadiscursiva é empregado com outra finalidade: em vez de utilizar as palavras para referir-se àquelas proferidas, é empregada pelo locutor para falar a respeito de seus atos. Dentro desse contexto de uso, o marcador composto metadiscursivo é utilizado como um reparador da infração conversacional e minimiza os possíveis riscos decorrentes da atitude descortês do falante mantendo preservada sua face positiva.

A guisa de maiores esclarecimentos a respeito da reparação conversacional, cabe aqui uma digressão: na língua falada, diferentemente da escrita, a enunciação se dá em tempo real, e tudo o que for dito será definitivo. Nesse sentido, são empregados constantemente, recursos de reformulação textual<sup>17</sup> na modalidade lingüística em questão. A reformulação textual, a reelaboração discursiva, é consequência, entre outros aspectos, dos mecanismos de correção, seja ela oriunda do locutor (autocorreção) ou de seu interlocutor (heterocorreção).

Barros (1999, p.139) distingue dois tipos de correção: a reparação e a correção propriamente dita. Segundo a autora, “deve-se entender a reparação como a correção de uma infração conversacional: os interlocutores cometem ‘erros’ no sistema de tomada de

<sup>17</sup> N.E.- “Os atos de reformulação textual são aqueles que têm por objetivo levar o interlocutor a reconhecer a intenção do locutor, ou seja, procuram garantir a **intercompreensão** na conversação ou em qualquer outro tipo de texto” (GÜLICH E KOTSCHI, 1987, apud BARROS, 1999, p.137, grifo da autora).

turnos<sup>18</sup>, violam as regras da conversação e essas falhas e desobediências são reparadas”. À correção propriamente dita, na perspectiva de Barros, “aplica-se a definição genérica de correção como um ato de reformulação, cujo objetivo, ao consertar erros e inadequações, é assegurar a intercompreensão no diálogo” (p.143).

Voltando ao trecho em estudo, observa-se que, provavelmente, o falante anterior estivesse monopolizando o diálogo, infringindo as regras conversacionais que prescrevem pelo menos uma troca de falante na conversação, e com isso, “obrigando” a locutora a tomar o turno (MARCUSCHI, 1998). Entretanto, preocupada com o desenvolvimento cordial da interação, a locutora minimiza os resultados da interrupção, por meio do marcador metadiscursivo analisado e preserva tanto a sua face quanto a do seu interlocutor.

Nota-se, no trecho acima, que a “prática de salvamento da face”, como denomina Goffman (1980, p.88), concretiza-se por meio do “processo de reparação” da falta cometida.

Evidenciam-se, nos dois segmentos, a delicadeza, o respeito às normas convencionalizadas da “boa educação” e, principalmente, a imagem de pessoas ponderadas, um dos muitos aspectos positivos do arquétipo mãe. Infere-se também que a evocação de uma Persona cortês e sensata é consequência do efeito pretendido, ou seja, à adesão dos ouvintes aos enunciados formulados.

#### **4.2 MARCADORES CONVERSACIONAIS QUE INDICAM MENOR ENVOLVIMENTO DO LOCUTOR COM SEU ENUNCIADO**

Os marcadores que possibilitam ao falante distanciar-se do seu enunciado ou aqueles “que forjam o afastamento do locutor enunciatador da situação de comunicação” (ROSA,1992, p.41), de acordo com os autores pesquisados, apresentam-se por meio da indeterminação do sujeito do enunciado, do emprego da impessoalidade (oração sem sujeito), ou sob a forma de marcadores de rejeição.

O cópuz analisado, porém, constitui uma conversação simétrica desenvolvida por colegas com certo grau de intimidade – situação que diminui a preocupação

---

<sup>18</sup> N.E – “técnica e estruturalmente, é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio, que é significativo e notado” (MARCUSCHI, 1998, p.89).

com a preservação da face -, por isso nele foi localizada apenas uma ocorrência do emprego do sujeito genérico e nenhuma do emprego da impessoalidade.

#### 4.2.1 Procedimentos de indeterminação do sujeito ou indicação do sujeito genérico

São recursos utilizados que sinalizam que, apesar de assumir seu enunciado, o locutor busca respaldo na opinião da maioria para justificar a sua afirmação e assim diminuir a sua responsabilidade. Veja-se o trecho a seguir, quando a entrevistada manifesta-se a respeito da convivência de quatro anos com os colegas e as mudanças ocorridas em seu comportamento como decorrência dessas relações.

458	<p>Inf. 10-... que saudade [risos] só que aí separou no terceiro (+) aí ficou eu a Mara e a Clara aí caiu o Paulo de pára-quebras (+) também se aproximou mais <b>eu tenho mais papo com homem</b> quando <b>você se dá bem com o seu pai</b> <b>você se dá bem com qualquer homem</b> [riso] <b>então eu sempre me dei bem</b> [riso gerais] não não primeiro tem que se dar bem com o pai não é/ <b>o pessoal fala se você se dá bem com seu pai</b> <b>você se dá bem melhor com os outros os homens</b> não assim relação de amizade mesmo (+) não é? Então eu tenho afinidade com homem desde pequenininho na escola onde eu trabalho até homens mesmo converso com eles estou sempre conversando com homem então é assim eu acho que você aprende a lidar (+) com as qualidades</p>
-----	---

Percebe-se que, logo após ter afirmado explicitamente que tem mais contato (“papo”) com homem, a locutora sente que sua fala pode dar margem às interpretações diversas e procura amenizar o enunciado, explicando o motivo da sua preferência: “quando você se dá bem com o seu pai você se dá bem com qualquer homem”. Desse modo, diminui a possibilidade de ser considerada impositiva e descortês com suas colegas e entrevistadora do gênero feminino, ou até em ser vista como uma pessoa incorreta do ponto de vista moral.

Em seguida, é provável também que, ao observar a expressão negativa dos ouvintes ou ao sentir que sua argumentação era muito frágil, tenha recorrido a um sujeito genérico (o pessoal) para dar mais credibilidade à hipótese apresentada. Por meio desse recurso, a falante procura afastar-se da situação de comunicação, sinalizando envolvimento em menor grau com aquilo que foi dito, e evita, nesse momento, ser considerada uma pessoa sem conhecimento ou ignorante e assim manter intacta a sua face positiva. Trata-se, de acordo com Goffman (1980, p. 85), de uma manobra defensiva, de “evitação” de possíveis ataques às faces em interlocução.

Salienta-se claramente, nesse exemplo, uma das características fundamentais do texto falado: o fato de ser construído e verbalizado de acordo com as percepções a respeito do outro e dos efeitos de sentido que deseja obter, ou seja, o princípio bakhtiniano da dialogicidade. Segundo Galembeck (2003, p, 71), “isso, aliás, é obvio, já que na interação face-a-face o reconhecimento da presença do outro e o desdobramento do sujeito o tornam mais marcantes. O ‘outro’ é um ser concreto e, como tal, o discurso falado traz marcas específicas da sua presença”.

#### **4.2.2 Marcadores de rejeição**

Os marcadores de rejeição são expressões que indicam uma antecipação do falante na tentativa de impedir possíveis reações desfavoráveis, como por exemplo, opiniões contrárias às suas. Geralmente são utilizados como prefaciadores de enunciados.

De acordo com Rosa (1992, p.75), “são marcadores que procuram exercer um controle sobre o comportamento verbal do interlocutor, restringindo o modo pelo qual este pode responder”.

É importante ressaltar que a inserção do marcador de rejeição na categoria dos marcadores conversacionais de menor envolvimento baseia-se na proposta de Galembeck e Carvalho (1998, p.157). Os autores argumentam que tal opção é resultante da premissa de que, apesar de trazerem as marcas da primeira pessoa, “são incluídas entres os marcadores de menor envolvimento, já que mostram que o enunciador não assume as idéias que serão anunciadas”.

No fragmento a seguir, o locutor emite sua opinião a respeito da valorização da mulher, do seu papel na sociedade e no casamento, e como sabe que ela poderá provocar reações indesejáveis, como por exemplo, ser considerado machista e antiquado, antecipa-se a elas e, diminuindo seu comprometimento com os conceitos emitidos, impede que sua face seja “arranhada ou desfigurada” pelos interlocutores.

542	Inf. 2- Olha eu penso de duas maneiras se você estiver falando assim no homem profissional é claro que tem que ter igualdade quando eu penso em família (+) eu acredito que qualquer coisa pra dar certo tem que ter uma hierarquia não que o homem manda na mulher mas eu acredito que é::: a mulher não deva ser subordinada ao homem mas assim mas que alguém tem que dar a palavra final (+) é::: lógico que com a ajuda da mulher <b>mas eu não sei se é um conceito meio/ até antigo mas</b> é o que eu penso é o que eu acho assim
-----	---

No próximo exemplo, o entrevistado discorre a respeito das mudanças ocorridas em sua vida, após os anos de convivência e o curso de Biblioteconomia e, ao perceber que pode ser caracterizado como uma pessoa chata e pessimista antecipa-se a essa situação e assim impede que seus ouvintes se pronunciem a respeito.

935	Inf. 7- É é verdade (+) bom eu acho que (+) <b>talvez eu seja um pouco chata nesse ponto</b> (+) eu penso assim que toda pessoa de um ano para o outro ela muda independente se ela está fazendo uma graduação ou não né seja qual for o mínimo ela muda (+) de um/ eu não sou a mesma do ano passado ninguém é né [...] sabe? Que crescer como pessoa eu acho que esses quatro anos serviu muito foi ótimo e tal (+) é: (+) ao todo eu acho que acrescentou muito pra mim mas eu penso muito no quanto me falta [[ (incompreensível) ]] eu tenho é/ <b>não é que eu sou pessimista não</b> eu prefiro não é::: tão (+) privilegiar tanto o momento aqui eu gosto eu gosto claro valorizo puxa vida né amo a minha graduação e tudo essas coisas mas eu ainda tenho muito muito o que crescer [[ claro ]] então::: (+) eu acho que é uma batalha né ( nessa minha vida )
-----	--

Observa-se, nos exemplos acima, que os marcadores funcionam como estratégias ou recursos defensivos dos falantes com o objetivo de prevenirem-se de ameaças às suas faces.

Nas palavras de Rosa (1992, p. 35), “esses marcadores procuram afastar, por antecipação, a indisposição do ouvinte com respeito ao enunciado subsequente”. Em seu trabalho, a autora, reporta-se à Edmonson e House, que nomeiam os marcadores de *disarmes* e os definem como “estratégias autodefensivas [...] que antecipam uma possível ofensa ao interlocutor; nelas o falante se desculpa antecipadamente, afastando possíveis respostas indesejáveis” (p.37).

A atenuação discursiva, nesses exemplos, é obtida por intermédio da antecipação de um provável enunciado que, na percepção do locutor, poderia causar uma situação tensa e prejudicial ao diálogo. De acordo com essa concepção, os marcadores conversacionais de rejeição, que aqui respondem pela estratégia de evitação, exercem um papel fundamental no desenvolvimento da interlocução à medida que protegem os falantes de críticas ou objeções ao enunciado proferido e, conseqüentemente, à sua imagem.

Não obstante o seu relevante papel no quadro de estratégias de atenuação, cabe aqui uma reflexão a respeito da similaridade conceitual entre os marcadores de rejeição e os *hedges*: ambos os marcadores podem ser considerados “antecipadores” de reações desfavoráveis já que se antecipam as possíveis observações negativas que possam surgir no momento.

Para Galembeck (1999), esses marcadores cumprem um papel análogo ao que é exercido pelos “hedges”, pois evitam possíveis reações desfavoráveis, resguardando, assim, as faces positivas dos falantes.

Os marcadores conversacionais que auxiliam a construção de uma situação de distanciamento entre os participantes, assemelham-se com o que psicologia analítica denomina de “uso defensivo da Persona”, já que ambos são utilizados como escudos protetores para ocultar alguns conteúdos considerados “negativos” pelo falante e assim preservar as faces expostas na enunciação.

A racionalização das afirmações, o relativo distanciamento com o enunciado, suscitado por meio da fala do locutor nº 7, acredita-se, decorre da sua identificação com o *animus*.

### 4.3 MARCADORES DUPLOS

Ao opinar a respeito do papel da mulher na sociedade, o informante argumenta que sua valorização é uma questão cultural:

563	Inf. 7- Opa mas aí <b>eu já acho eu já acho</b> que é uma questão bem cultural vou fazer uma comparação entre por exemplo as mulheres italianas elas são mandonas elas têm voz ativa agora se você põe lá entre por exemplo o casal é:::: nordestino <b>sei lá a impressão que a gente tem</b> é que elas são mais submissas né que então <b>eu acho que</b> é mais uma questão talvez né aí da região o costume né do povo dali às vezes há mulheres que sobressaem mais ou não dependendo da cultura em que ela vive agora o que <b>eu acho</b> que o que muda mesmo o que determina quem é o chefe da da o cabeça é quem tem mais grana se a mulher tem mais dinheiro é ela que fala mais alto se é o homem então aí::::
-----	---

A ocorrência do *hedge* (“sei lá”) preenche uma pausa ocasionada pelo planejamento e, ao mesmo tempo, “evidencia a incerteza do locutor enunciator a respeito do que diz” (ROSA, 1992, p. 51). Esse procedimento lingüístico previne eventuais discordâncias entre os interlocutores e mantém preservadas as faces em exposição. Importa salientar que,

em outros contextos, o marcador citado poderia indicar descaso ou desatenção, ou mesmo sinalizar o fim da interação.

Evidenciam-se, nesse segmento, as dificuldades em inserir os marcadores em uma determinada “categoria”: ao mesmo tempo em que ele traz as marcas de primeira pessoa, e com isso indicando envolvimento, o marcador “*sei lá*” previne ou impede a formulação de opiniões contrárias às suas, funcionando como marcador *hedge* de incerteza. Essa atitude preventiva, aliás, decorre da própria dinâmica da interação e, por meio dela, o falante busca neutralizar possíveis objeções que poderiam ocasionar-lhe a perda do turno.

Ato contínuo, o falante verbaliza seu ponto de vista (as mulheres nordestinas são mais submissas), mas, antes, emprega um marcador conversacional de opinião “a impressão que a gente tem” com o intuito de atenuar a força ilocutória da sua afirmação. Observa-se que, nesse caso a posição medial contribui para o abrandamento pretendido.

Em síntese, o exemplo acima suscita a idéia de envolvimento associado à rejeição, ou seja, a manifestação da incerteza aliada ao desejo do falante, ao antecipar-se às possíveis opiniões contrárias as suas<sup>19</sup>, de preservar intactas as faces em exposição, ou de sancionar os papéis sociais externados por sua Persona (Jung) de indivíduo culto, bem informado, ou ainda, a de apresentar um *ethos* competente e por consequência, digno de obter a adesão - por parte do auditório - às sua opiniões.

No inquérito analisado, os marcadores - os mais utilizados - que indicam que os falantes assumiram as opiniões emitidas, ainda que, com variados graus de assertividade, são apresentados no quadro-resumo a seguir:

<b>Categorias de Marcadores de Atenuação</b>	<b>Tipos de recursos atenuadores</b>	<b>Ocorrências</b>
<b>Marcadores que denotam <i>menor</i> envolvimento do locutor com seu enunciado</b>	Marcadores de indeterminação do sujeito.	<i>O pessoal fala ...</i>
	Marcadores de rejeição	<i>Eu não sei se é um conceito meio antigo, mas ... ( quando funcionar como prefaciador do enunciado) Talvez eu seja um pouco chata nesse ponto Não é que eu sou pessimista não</i>

<sup>19</sup> N.E- Antecipar-se às opiniões desfavoráveis pode ser compreendido como a elaboração da face por intermédio do processo de evitação formulado por Goffman (1980).

<b>Marcadores que denotam <i>maior</i> envolvimento do locutor com seu enunciado</b>	Marcadores de opinião	<i>Eu acho; eu creio; eu acredito; olha, eu já acho; eu penso; eu também acho;</i>
	Hedges	<u>Marcadores hedges de incerteza</u> : <i>de certa forma; sei lá.; não sei se</i> (quando indicam planejamento) <u>Marcadores de planejamento verbal</u> : <i>assim; talvez assim; assim, eu acho.</i>
	Marcadores metadiscursivos	<i>Não sei se é esse o termo.</i>
<b>Marcadores Duplos</b>	Marcador hedge de incerteza seguido de marcas de enunciação	<i>Sei lá (+) a impressão que a gente tem é</i>

Em relação aos marcadores de atenuação encontrados, importa ressaltar a impossibilidade de enquadrá-los de forma fixa em uma determinada categoria, especialmente aqueles considerados de rejeição e os *hedges*, pois, como elucida Galembeck (1999, p.193), “o papel desses elementos decorre do quadro geral de interação e só dentro dele pode ser compreendido” (GALEMBECK, 1999, p.193).

## 5 COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Nas diversas situações de interação face a face (diálogos, aulas, entrevistas, palestras), a auto-imagem de seus participantes é perigosamente exposta. Nessa perspectiva, verifica-se que os interlocutores, ao estabelecerem contatos mais diretos e pessoais, correm o risco de serem censurados, corrigidos, desacreditados, entre outras reações desfavoráveis.

Com o propósito de evitar situações que inviabilizarão o fluxo normal da interação verbal, são adotados alguns procedimentos que auxiliam na construção e “sustentação” de imagens positivamente ratificadas pela sociedade.

Segundo Amossy (2005, p.12), “dizer que os participantes interagem é supor que a imagem de si construída no e pelo discurso participa da influência que exercem um sobre o outro”. Sob esse enfoque, é válido afirmar que o sucesso de uma interação verbal não decorre apenas das informações vinculadas. A utilização, seja consciente ou inconsciente, de estratégias de construção e a manutenção de imagens ou faces socialmente valorizadas de seus interactantes são vitais para o desenvolvimento amigável dessa atividade.

As premissas apresentadas concebem o sujeito de formas diferenciadas. Entretanto, o presente estudo, em comunhão com Possenti, defende a noção de sujeitos “híbridos”: nem livres, nem assujeitados. Para o autor (1996, p.37), “sujeitos livres decidiriam a seu bel prazer o que dizer numa situação de interação. Sujeitos assujeitados seriam apenas um ponto pelo qual passariam discursos prévios. Acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de semi-sistemas em processo”.

A partir, então, da concepção de sujeito ativo, dotado de intencionalidade, perpassado por conteúdos ideológicos, conscientes e inconscientes, é que foram investigados os caminhos percorridos, as estratégias acionadas, na interação verbal pesquisada.

Dentre os diversos procedimentos discursivos, foram analisados aqueles que, por intermédio de marcadores conversacionais, indicavam o envolvimento (com maior ou menor intensidade), do locutor com seu enunciado, os marcadores de atenuação.

Divididos em marcadores conversacionais de menor e maior envolvimento, verificou-se maior incidência daqueles que indicavam que os alunos assumiam com mais intensidade suas opiniões a respeito do tópico em discussão. O predomínio, no texto falado, de marcas de maior envolvimento é devido à necessidade de cada participante em marcar a própria presença, como também, pelo fato de a interação desenvolver-se em uma atmosfera

informal e amistosa, o que propiciou aos “atores” (acompanhando a metáfora utilizada por Goffman) relativa despreocupação com as faces em exposição.

Nesse sentido cabe frisar que o papel dos marcadores conversacionais só pode ser definido dentro no quadro geral da interação a qual estão inseridos.

Os exemplos expostos confirmaram a tese de que os marcadores de atenuação, ao abrandarem a força ilocutória das afirmações impositivas, protegem seus enunciadores de possíveis reações desfavoráveis. Os marcadores de atenuação são, portanto, recursos lingüísticos que auxiliam na condução polida de uma interação face a face. Nesse sentido, devem ser considerados como uma das mais valiosas estratégias de preservação da face em um evento interacional.

A construção de uma imagem de si no discurso, ou o conjunto de imagens positivas construídas no decorrer de uma interação, foram discutidos, ainda que não exaustivamente, à luz das premissas anteriormente citadas. O resultado desse cotejamento indica expressiva convergência semântica entre as áreas. Importa salientar, entretanto, que esta análise não se esgota aqui e que, dada a relevância do tema, faz-se necessário o aprofundamento do estudo, bem como, outras propostas de reflexão a respeito da preservação da face em textos falados, ou como denomina Goffman, nos ritos de interação.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar**: gerenciando razão e emoção. 9.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

ALMEIDA, A.E. de. **O Ritual Comunicativo na Aprendizagem de uma Língua Estrangeira**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: \_\_\_\_\_ (org) **Imagens de Si no Discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005, cap 5, p. 119-144.

ANDRADE, M.L. da C.V. de OLIVEIRA. Contexto e Funcionamento do Discurso Oral. **Revista da Anpoll**, São Paulo, n.4, p. 203-220, jan./jun.1998.

\_\_\_\_\_. **Digressão**: uma estratégia na condução do jogo textual-interativo. 1995. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1995.

ARAÚJO, U.I. de. **Tessitura textual**: coesão e coerência como fatores de textualidade. 2.ed. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2002.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios, 246).

BARCELLOS, Gustavo. **Jung**. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios, 202).

BARROS, D.L.P. de. Interação em anúncios publicitários. In: Preti, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003, p.17-44. (Projetos Paralelos, 5)

\_\_\_\_\_. Procedimentos de Reformulação: a correção. In: In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.129-156. (Projetos Paralelos, 1)

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_ **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 8.ed. São Paulo: HUCITEC,1997.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism:** perspective and method. Berkeley: University of Califórnia, 1969.

BRAIT, B. O Processo Interacional. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais.** 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.189-214. (Projetos Paralelos, 1)

BRENNER, Charles. **Noções básicas de Psicanálise:** Introdução à Psicologia Psicanalítica. 5.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BROWN, P.; LEVINSON, S.C. **Politeness:** some universals in language use. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYINGTON, Carlos. **Estrutura da personalidade:** persona e sombra. São Paulo: Ática, 1988. (Séries Princípios, 135)

\_\_\_\_\_ **Desenvolvimento da personalidade:** símbolos e arquétipos. São Paulo: Ática, 1987. (Séries Princípios, 123)

CARDOSO, Marta. Editorial: constituído ethos e situação enunciativa. In: **Revista Inventário.** 4.ed. jul./2005. Disponível em <<http://inventario.ufba.br/04/04mcardoso.htm>.> Acesso em: 14jun. 2006

CARVALHO, E.M.M. **O Pensamento Vivo de Jung.** São Paulo: Martin Claret, 1986.

CASTAGNINO, Raul. **Análise literária.** São Paulo. Ed.Mestre Jou, 1968.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2000.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise Documentária.** São Paulo: Contexto, 2004.

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão.** 15.ed. São Paulo: Ática, 2002.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido**. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1997, p.59-87.

FADIMAN, J.; FRASER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios, 206)

\_\_\_\_\_.; ANDRADE, M.L. da C.V.de Oliveira. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino ( org.) **Estudos da Língua Falada: variações e confronto**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.153-177. (Projetos Paralelos, 3)

FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed.da Unicamp, 1997, p.229-47. (Coleção Repertórios)

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. Marcadores de Preservação da Face na fala culta de São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo, **Intercâmbio**, v.VII, p.155-165, 1998.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Marcas de subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: Preti, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003, p.17-44. (Projetos Paralelos, 5)

\_\_\_\_\_. Metodologia de Pesquisa em Português Falado. In: RODRIGUES, A. C. de S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas Publicações FFCH/USP, 1999a, p. 109-119.

\_\_\_\_\_. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: Preti, Dino (org.). **O Discurso Oral Culto**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999 b, p.173-194. ( Projetos Paralelos, 2)

GASTALDO, Édison. Erving Goffman: antropólogo da comunicação. In: \_\_\_\_\_. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, p.114-124.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S.A. (org.) **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p.76-114. (Série Psicologia e Psicanálise)

\_\_\_\_\_. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 8.ed. Trad. de Maria Célia S. Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Les rites d'interaction**. Paris: Editions de Minuit, 1974. (Les sens commun)

\_\_\_\_\_. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M.(orgs) **Sociolinguística Interacional**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.13-20.

HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática**. Tradução. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1983 (Col. Estudos de Psicologia por Analistas Junguianos).

JUBRAN, C.C.A.S. et al. Organização Tópica da Conversação. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do Português Falado**. 2.ed. Campinas: Ed.Unicamp, 1993. (Série Pesquisas, 2)

\_\_\_\_\_; BARROS, K.S.M. (orgs.) **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: EDUFRN, 1977, p. 180-198.

JUNG, Carl Gustav. O Eu e o Inconsciente. Tradução. Dora Ferreira da Silva. In: \_\_\_\_\_ **Estudos sobre Psicologia Analítica**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1981b, p.113-294. (Obras Completas de C. G. Jung, 7)

\_\_\_\_\_. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

\_\_\_\_\_. **A natureza da psique**. 3.ed. Tradução. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras Completas de C. G. Jung, 7/2)

\_\_\_\_\_. Psicologia do Inconsciente. Tradução Maria Luíza Appy In: \_\_\_\_\_ **Estudos sobre Psicologia Analítica**. 2.ed.. Petrópolis: Vozes, 1981a, p.1-110. (Obras Completas de C. G. Jung, 7)

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. Paris: Armand Colin. v.1, 1990.

KOCH, I.G.V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

\_\_\_\_\_. **Argumentação e Linguagem**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITÃO, B.J.M. **Grupos de foco**: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de Bibliotecas da USP. 2003.131p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

LUKIANCHUKI, Cláudia. **Dialogismo**: A linguagem verbal como exercício do social. Disponível em: <<http://cefetsp.br/edu/sinergia/claudia2.html>> Acesso em 12 de jun. de 2005.

MACHADO, I.A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p.141-56. (Coleção Repertórios)

POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, Izabel. (org.). **As Múltiplas Faces da Linguagem**. Brasília: Ed.UNB, 1996, p.37-47.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios, 82)

\_\_\_\_\_. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, Dino (org.) **Estudos da Língua Falada**: variações e confronto. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.15-45. (Projetos Paralelos, 3)

\_\_\_\_\_. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, Dino (org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2005, p. 45-83. (Projetos Paralelos, 7)

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de (Org). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989, p.281-319.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PERELMAN, Chaïm. **Le champ de l'argumentation**. Bruxelas: PUB, 1970.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PERFEITO, A.M. . Bakhtin e Vygostky: reflexões sobre a natureza social e dialógica da linguagem. **Boletim**. Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina, n.39, p.107-118, jul./dez.2000.

PORTILLO, Vanilde Gerolim. **Jung e os conceitos básicos da Psicologia Analítica**. 2001 Disponível em:><http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Jung%20e%20a%20psicologia%20ana...>> Acesso em 01/09/2004.

PRETI, Dino. Alguns problemas interacionais na conversação. In: \_\_\_\_\_ . **Interação na fala e na escrita**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003, p.45-66. (Projetos Paralelos, 5)

RAMOS, L. M. A psicologia analítica de Carl Gustav Jung: apontamentos de aula. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, 2005, v.6, n.2, jun.2005, p.148-157.

ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de Atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992. (Repensando a Língua Portuguesa)

RISSO, M.S.; JUBRAN, C.C.A.S. O Discurso Auto-Reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. São Paulo, **Delta**, v.14, 1998, p.1-12. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Maio 2007.

SALLES, Carlos Alberto Corrêa. **Individuação: o homem e suas relações com o trabalho, o amor e o conhecimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Coleção Psicologia Analítica)

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 16. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 (Coleção Vida e Obra)

ULSON, Glauco. **O método junguiano**. São Paulo: Ática, 1988. (Séries Princípios, 131)

URBANO, Hudnilson. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.81-101. (Projetos Paralelos, 1)

\_\_\_\_\_ **Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca**. São Paulo: Cortez, 2000.

**APÊNDICE**

De acordo com o propósito já citado no início do trabalho - o de contribuir para uma melhor interlocução entre as áreas da Lingüística, da Psicologia Analítica e da Ciência da Informação -, alguns conceitos específicos de cada uma delas, considerados fundamentais à compreensão dos leitores das outras áreas, foram colocados em notas de rodapé, tornando facultativa a sua leitura.

**ANEXOS**

## **ANEXO A**

**Padrão utilizado para a transcrição dos dados.**

**ANEXO A: Padrão utilizado para a transcrição dos dados.**

<b>Ocorrências</b>	<b>Sinais</b>
Superposição, simultaneidade de vozes	[[
Pausas	(+)
Dúvidas e suposições	(incompreensível)
Truncamentos bruscos	/
Entonação enfática	Maiúscula
Comentários do transcritor	(( ))
Alongamento de vogal e consoante	: :::
Silabação	-
Sinais de entonação -subida rápida -subida leve -descida leve ou brusca	“ ‘ ’
Repetições	Reduplicação da parte repetida
Pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção	Eh, ih:::, mhm, ahã e outros
Indicação de transcrição parcial ou de eliminação	... ou /.../

**ANEXO B**  
**Transcrição da gravação.**

**ANEXO B: Transcrição da gravação.**

1	E- Estamos iniciando a coleta de dados /.../ o que que vocês pensam de
2	alguns assuntos adoção de crianças por casais homossexuais quem quer
3	começar a falar a respeito o que me interessa é a opinião de vocês que cada
4	um tem o direito da sua opinião aqui tá? Cada um fala por vez, então você
5	escreve e discute quem que vai começar?
6	
7	Inf. 5- Eu posso começar
8	
9	E- Pode fique à vontade
10	
11	Inf. 5- Eu sou totalmente a favor eu acho que não tem nada a ver o pessoal
12	(+) ser contra a adoção porque:::: o que vai ser analisado é o caráter da
13	pessoa se ela tem condições ela está preparada para estar é:::: adotando
14	uma criança e não o:::: fato de ser homossexual (+) porque:::: casais
15	heterossexuais também pode hum ter outros tipos de agravamento na hora
16	de adotar uma criança às vezes uma condição financeira psicológica e a
17	avaliação deve ser feita do mesmo jeito acho que não influi também na
18	sexualidade da criança o fato de ser adotado por um casal gay masculino ou
19	feminino
20	E- E aquela questão de que a criança precisa ter um referencial masculino
21	feminino o que que vocês acham a respeito disso?
22	
23	Inf. 7- Bom eu penso né que talvez eu não se-seja mais pro lado muito sei lá
24	tradicional é: mas o que me faz optar por (+) não concordar muito com a
25	idéia é que eu penso que isso vai ter seqüelas lá na frente pra criança
26	quando ela se deparar com a situação talvez ela própria talvez queira
27	recriminar né é:::: essa a a situação em que ela foi envolvida então é uma é
28	uma possibilidade talvez é: ela veje de alguma forma prejudicada por isso
29	talvez quando algum alu/ algum coleguinha apontar ela vai acabar sofrendo
30	um pouco com isso então por causa disso eu não concordo muito não agora

31	eu também acho que a colega tem razão num tem ( essa questão ) de que
32	vai é:::: prejudicar o casal em si não homossexual vai trazer um:::: prejuízo
33	talvez esteja no no próprio sociedade que vai refletir a criança vai sentir isso
34	na pele então por causa disso que tenho as minhas reservas
35	Inf. 8- Eu também eu também eu sou hoje contra (+) mas eu acho que no
36	futuro a minha cabeça vai mudar [[ huhum ]] eu acho que o tempo da
37	sociedade também de mudar a idéia de ser contra eu acho que uma criança
38	chegar numa escola e um amiguinho perguntar quem que é seu pai? aquele
39	lá quem é a sua mãe? Aquele outro eu acho que os amiguinhos num/ é vão
40	influenciar como tratar então a sociedade tem que mudar também tem que
41	evoluir também por isso que hoje sou contra mas eu acho que no futu/
42	futuramente a minha idéia pode mudar
43	
44	Inf. 2- Eu concordo com as três em partes né por quê? É:::: realmente eu
45	creio que o problema maior está na sociedade né de não aceitar (+) mas
46	também é:::: eu penso assim que o filho é o quê? É um é um produto sei lá
47	produto não sei de uma união entre um homem e uma mulher então é:::: o si/
48	o fato dela:: estar ali é:::: com duas pessoas do mesmo sexo ela já vai ter
49	aquela coisa que ela não foi gerada que não é uma coisa assim entre aspas
50	normal (+) né eu sou a favor sim porque hoje em dia você vê casais
51	heterossexuais têm problemas têm brigas têm um monte de coisa então com
52	certeza ela vai sendo criada por pessoas do mesmo sexo ela vai ter uma
53	vida muito melhor até do que pelo casal hetero né mas é aquilo que a
54	Solange falou vai ter conseqüência no futuro né pra criança devido a
55	sociedade por ter uma cabeça aberta pra aceitar isso (+) eu sou a favor sim
56	
57	Inf. 10- É eu também concordo com que elas estão falando né mas eu acho
58	assim que quem é a sociedade? A sociedade somos nós [[ é ]] então nós é
59	que temos que nos ir preparando pra ir de encontro com situações como
60	essa (+) afinal de contas sociedade parece uma coisa tão distante a
61	sociedade é eu é meu filho e assim vai quer dizer eu também estou
62	formando a sociedade porque também tenho que mudar essa cabeça da
63	sociedade pra poder encarar (+) e dá pra lidar porque eu acho que o

64	importante é ter amor porque tem casais/ que nem ela acabou de falar tem casais heterossexuais que brigam não vive em harmonia e tem uma não só dois três quatro filhos (incompreensível) loucura né que tenha uma estabilidade emocional também porque não adianta ficar mudando de parceiro e a criança sai né cai de pára-queda e saiba levar: essa criança mas a sociedade somos nós quem tem que mudar a cabeça
65	
66	
67	
68	
69	
70	
71	Inf. 6- Eu também ai eu acho que eu não sou contra e não sou a favor eu acho que a gente está ainda em questão de mudança mesmo cada um conscientizar e também na questão referencial (+) tem tanta gente às vezes tem criança que mora só com o pai ou só com a mãe às vezes não tem as duas presentes e também tem a questão da briga mas eu acho que é a questão de cada um mudar dentro de si (+) se a partir de nós partir da consciência de que pode sim num/ eu acho que num tem nada eu só não acho normal é é ainda ver um casal tipo homem homem mulher e mulher mas eu acho que cada um tem que mudar eu acho que isso é o gosto de cada um (+) eu acho que se eles querem ficar juntas eles podem criar uma criança porque muitas vezes os pais mesmo renegaram não tem problema nenhum
72	
73	
74	
75	
76	
77	
78	
79	
80	
81	
82	
83	Inf. 9- Eu concordo (+) eu também concordo com a adoção é:::: por gays porque: eu acredito que o mais importante que nem ela falou é o amor do casal as condições pra criar essa criança porque:::: de repente um casal heterossexual não tem condições financeiras pra estar adotando e numa avaliação isso até de repente pode passar e:::: essa criança vai passar por situações assim difíceis eu acredito que (+) a sociedade vai se adequar a isso e o mais importante é a criança ter um lar do que ela ter que ficar na rua
84	
85	
86	
87	
88	
89	
90	
91	Inf. 1- Assim que eu (+) acredito que pessoas bem informadas e bem centradas elas têm condições de criar uma criança entendeu? Independente da orientação sexual (+) mas eu admito que isso COM CERTEZA pode gerar conflitos pra essa criança e:::: com relação com que a Ana colocou também assim é:::: que se nós realmente somos a sociedade nós não estamos
92	
93	
94	
95	

96	preparados pra isso (+) entendeu?
97	
98	E- Alguém já vivenciou um caso desse alguém já viu de perto uma situação
99	de pessoas né?
100	Inf. 2- Não
101	
102	E- (incompreensível)
103	
104	Inf. 8- Eu conheço duas moças que adotaram uma criança mas foi o pai de
105	uma que adotou (+) (incompreensível) legalmente não poderia adotar né [[
106	certo ]] e::: mas ela vive com as duas mães mas aí é natural é normal leva
107	numa boa (+) eu acompanhei desde os três anos deve estar com oito agora
108	e vive normal
109	
110	Inf. 7- Eu assisti um filme recente é::: do Woody Allen ai Manhatan que a a
111	mulher dele (+) deixa né com o marido o Woody Allen pra ficar com uma
112	amiga e aí aparece na cena do filme um menino naquele ambiente aquela
113	situação aí eu parei pra analisar aquilo ali né e::: o que eu achava daquela
114	situação ali mas é uma coisa tão assim distante do do meu cotidiano que às
115	vezes passa por alto eu não paro muito pra pensar nisso
116	
117	Inf. 2- Bom é::: que eu soube de caso foi o filho da Kássia Eller né com uma
118	outra moça lá né/
119	
120	E- Mas parece que é mais fácil né [[ é::: ]] quando é da televisão [[ é:::
121	(incompreensível)]]
122	
123	Inf. 9- Eu acredito que o fato/ quando a criança ela já cresce desde bebê
124	naquele ambiente ela/ pra ela não tem nada de estranho quando há um
125	diálogo entre o casal né e preparando ela pras pras questões que serão
126	feitas fora principalmente na escola pra criança ela já ela já cresce de uma
127	certa forma protegida e não totalmente porque sempre alguém vai achar

128	uma forma de feri-la né (incompreensível)
129	
130	Inf. 5- Aí no caso de referencial (+) de referencial de de pai e mãe que você
131	estava perguntando (+) a gente pode pensar nisso pensa que o casal
132	homossexual são totalmente isolado que é só eles e a criança e na verdade
133	(+) a criança ela vai estar em contato com os pais desse casal com os tios
134	com outras pessoas então eu acho que não vai ficar no caso sendo um casal
135	homossexual é:::: masculino né homem não tem referencial de mãe (+) não
136	existe isso talvez ele já teve contato porque hoje em qualquer relação de
137	família mesmo a gente tem que começar a pensar que o casal de gay tem
138	família ele é uma família ele tem mãe ele tem tio tem pai e essa criança não
139	vai ter contato com os pais ele vai ter aquela coisa de de diferente né é papai
140	é papai mamãe é mamãe mas: é: [[ eu ia falar ]] mas é:::: vai ter um
141	relacionamento com com avô com avó uma das pessoas/ e a questão de
142	ser:: (+) dele ser questionado na escola e tudo mais (+) eu acho que a gente
143	está numa sociedade muito hipócrita mesmo (+) é:::: existe sim as coisas de
144	alguém chegar e falar diretamente mas é uma coisa muito por trás (+) muito
145	por trás da criança às vezes aquela coisa de cochicho de corredor na hora
146	que vem buscar a criança vai estar falando e talvez muito provavelmente
147	nem chegue na criança (+) pode até chegar indiretamente mas os pais/ por
148	isso mesmo que eu acho que na avaliação da adoção vai ter um
149	(questionário) vai ter que dar um preparo pra ter esses cuidados com a
150	criança pra que ela esteja preparada pra enfrentar esse tipo de situação
151	também não que ela uma criança tenha um preparo total mas o fato de
152	que: (+) ela vai estar mais segura mas uma uma situação família também
153	E- A questão da adoção ela gera muita discussão mesmo e ela é muito
154	importante hoje em dia porque a gente vê tantas crianças sem pais sem
155	lares sem estrutura e a gente fica aqui pensando o que seria melhor? Agora
156	mudando um pouco de enfoque o que é melhor pra criança continuar numa
157	creche ou ser adotada por pais inseqüentes pais que judiam porque a
158	gente vê tanto casal desestruturado também e como vocês pensam essas
159	coisas tirou a criança do orfanato da rua pronto resolveu o problema dela?

160	Né? São questões assim o que que vocês pensam a respeito disso o que
161	que nos falta, o que é que nós temos demais? O que que a gente poderia
162	né? Contribuir com isso? Qual é a intenção que vocês têm a respeito disso?
163	
164	Inf. 9- Eu acredito que::: que deva haver um acompanhamento com essa
165	criança pelo menos por no mínimo um ano uma visita da assistente social
166	pra que ela não sofra esse tipo de: esse tipo de abuso
167	
168	E- Será que essa visita/ ela existe com pessoa seríssima de tudo será que
169	dá conta?
170	
171	Inf. 6- Não
172	
173	Inf. 2- Eu acho que não
174	
175	Inf. 6- Porque no intervalo você não dá pra saber o que acontece muitas
176	vezes o pai e a mãe às vezes bate e fala se você contar ele sabe que se ele
177	contar às vezes pode acontecer novamente aquilo então é complicado você
178	ter/ como ter controle total nesse tipo de situação acho que é muito difícil
179	
180	Inf. 2- Eu acho muito difícil mesmo que é::: não só o caso da adoção no
181	caso de outras famílias isso vai acontecer os próprios pais violentam o filho
182	fazem diversas coisas que é muito difícil de controlar eu eu acredito que é
183	difícil
184	Inf. 7- Mas eu::: eu acho assim que existe muita omissão talvez por parte de
185	quem possa ajudar um vizinho né (incompreensível) observando? Elas elas
186	não querem né Interferir por medo de alguém::: por algum probleminha
187	alguma coisa então é aquela história bom não é comigo que está
188	acontecendo então deixa quieto deixa/ às vezes até se comove se condói
189	é::: quer até talvez ajudar mas esse querer é muito complicado a pessoa
190	não se envolve mesmo e é uma tendência natural da gente isso não querer
191	né se envolver (+) não sei por que isso porque é errado mas: eu/ por isso

192	que as coisas são muito complicadas às vezes vai ali o extremo por causa
193	desse nosso não com-pro-metimento [[ comprometimento ]]
194	
195	linf. 5- Eu acho assim que (+) que::: ao invés de tanta haver burocracia (+)
196	essa coisa de: papéis de:/ tem gente que tem que esperar até um ano pra
197	conseguir adotar uma criança já deveriam fazer uma espécie de de (+)
198	preparamento pra receber a criança mesmo talvez esse intervalo de um ou
199	dois anos pra você ter uma criança não seu o que não fosse uma justificativa
200	a burocracia de papéis mas no sentido de realmente se o casal quer se
201	como que isso vai ser é ir conhecendo às vezes um acompanhamento até da
202	criança vamos supor uma criança que vai ser adotada mas ela sabe ela vai
203	ter o cuidado vamos supor da instituição ter um acompanhamento porque
204	essa burocracia ela às vezes e normalmente acontece pra quem tem menos
205	condições financeiras que não pode não consegue agilizar o processo e tudo
206	mais então eu acho que a justificativa disso da demora da adoção da criança
207	deveria ser pra: pra fazer esse acompanhamento do casal preparar o casal
208	porque os que desistir num/ não estava preparado mesmo pra ter uma
209	criança porque vai ter algum outro/ uma outra justificativa não é por causa da
210	papelada do processo e sim porque às vezes vai ter aquele contato vai
211	propor determinadas situações que vai acontecendo pra ver que não estava
212	preparado pra: pra adotar uma criança
213	
214	Inf. 10- E eu creio também que essa preparação é uma coisa difícil porque
215	você pode estar preparado mas se de repente o casamento o amor acaba e
216	daí? (+) Quem vai sofrer é a criança porque a criança também pode aceitar o
217	sofrimento e querer voltar a ( tristeza ) de não ter um lar aí ela própria acaba
218	se omitindo porque a que nem a colega falou eu acho que as pessoas não
219	estão assim colocando tão panos quentes em relação a essas crianças né
220	porque estão denunciando mesmo são os vizinhos que a gente escuta falar
221	que tal/ mas acho que de repente a própria criança se cala por não querer
222	voltar porque vai ficar sem lar então ela mesmo então eu acho assim que
223	essa fiscalização essa/ como cuidar dessa criança que for adotada é muito

224	complicado (+) porque a instituição não pode se compro/ ter essa responsabilidade por resto da vida um ano? Um ano é pouco (+) agora dois três anos? Aí já é demais então eu acho que é muito muito difícil ainda mais no Brasil (+) né vai ser muito difícil
225	
226	
227	
228	
229	Inf. 1- Eu creio assim ainda faltam mecanismos mais eficientes pra verificar se há ou não na família que busca a adoção o ambiente ideal pra criança (+) e:::: mas assim tipo na verdade nessa dúvida em meio essa dúvida é:::: o sistema acaba tipo concedendo a adoção entendeu? Porque na verdade assim (+) eu acho que também gera custos ter uma criança entendeu? Na casa pública e:: também mesmo pras fundações né que que não de certa forma assim que contam com colaboração que são privada né e:::: então assim acaba faltando mecanismos mais eficientes e:::: eles querem arranjar uma família pra essa criança então acaba se mesmo que na incerteza acaba concedendo a adoção porque o objetivo é a adoção adoção adoção né? então
230	
231	
232	
233	
234	
235	
236	
237	
238	
239	
240	Inf. 7- É: eu não sei se eu concordo com a opinião da Ana que a criança se cala porque na verdade ela está certo ela está vindo de uma situação muito pior do que ela foi colocada né é: mas a principio o o relacionamento já começa dar certo (+) agora a questão é que a criança talvez ela não tenha a noção se ela teria alguma coisa melhor que aquilo sabe? Eu acho que ela não tem essa auto-consciência não sei se é esse o termo né pra poder avaliar a própria situação dela pra ela ficar lá ou não porque na verdade uma criança numa certa altura dependendo a idade naturalmente ela se revolta quando está tudo bem né a adoção a a é:::: tudo ali é: (+) conduz né com aquela realidade de adoção e e já o ser humano é muito complicado uma criança ela pode ser revoltada de uma pra outra né mesmo assim quando está bem agora que não está talvez ela se cale mas ela não tenha consciência disso que ela esta nesse processo (+) a [[ ahã ]] que ela talvez não vai perceber isso né então é uma situação muito
241	
242	
243	
244	
245	
246	
247	
248	
249	
250	
251	
252	
253	
254	
255	Inf. 1- Então talvez assim por ela não ter tudo uma família ela ache que

256	aquilo é normal numa família né aquilo que ela conhece
257	
258	Inf. 10- (incompreensível) numa instituição era machucado (incompreensível)
259	nesse sentido ela recebia isso também pode achar normal
260	
261	Inf. 1- É ela nunca teve uma família acha normal
262	
263	Inf. 9- Bom o que eu percebi que até agora assim acha é que os
264	depoimentos são casos em que a criança pode falar e no caso de um bebê
265	(+) né o bebê ele não fala (+) ele não tem como expressar por isso que eu
266	acho a importância dessas visitas delas serem freqüentes né nesse primeiro
267	ano né porque durante um ano elas devem ser freqüentes pra poder avaliar
268	as condições da criança se ela esta realmente no quarto que foi colocado
269	(+) a assistente social vai até no local visita não aqui vai ser o cantinho dela
270	tal se ela esta realmente naquele local né no caso da criança maior se ela
271	realmente tem esse espaço dela dentro da família ou se ela está no local
272	é:::: pra fazer o serviço da casa porque muito adotam pra colocar a criança
273	pra limpar a casa pra cuidar de outra criança menor que o casal já possui (+)
274	né então eu acredito que essa fiscalização deve ser mais intensa e se o
275	estado ele não tem condições né eu acredito que o curso ele oferece muitos
276	estudantes recém- formados ou no último ano que poderiam estar
277	trabalhando fazendo essa visitas até como voluntários
278	
279	Inf. 10- Mas eu creio que depois que você adota a criança você de repente
280	mudar de cidade você não tem/ não precisa avisar eu não sei como funciona
281	você não precisa avisar e daí? Você pode adotar uma criança e vender ela
282	depois (+) tem isso também então eu acho que pensar isso no Brasil é muito
283	difícil no Brasil não tem essa::::
284	
285	Inf. 6- (incompreensível) da lei né
286	
287	Inf. 10- Isso/ essa coisa de seguir mesmo vamos seguir à risca pra poder
288	seguir vamos acompanhar se você saiu do estado você me liga avisa pra

289	onde que foi
290	
291	Inf. 5- (incompreensível)
292	
293	Inf. 10- E o Brasil é imenso não tem como a gente vê tanta pessoas
294	desaparecidas que nunca mais
295	
296	Inf. 9- Por isso que tem que ter uma ligação com os hospitais também né
297	porque a criança uma ela hora ela ficar doente (+) né eu acredito ou se ela
298	sofrer abusos chegou no hospital o hospital ele tem que ter esse controle né
299	se é uma criança adotada está sofrendo de abusos tem que chamar a
300	assistente social também eu acho o serviço da assistente social no caso da
301	adoção ele é fundamental que seja bem feito
302	Inf. 6- Eu ouvi um relato dentro de uma palestra que ele viveu toda essa
303	situação ele até uma certa idade ele tinha apesar de muitos/ de alguns
304	irmãos eles tinham uma situação até boa (+) de uma época de um momento
305	pra outro começou a faltar tudo (+) aí a mãe dele encontrou uma solução de
306	ir pra Febem uma família melhor e falou não você vai prum paraíso chegou
307	era totalmente (+) ao contrário o avesso então toda vez que ele começou a ir
308	pra casa de família e a acontecer as coisas mais absurdas ele chegava pra
309	contar na Febem ninguém acreditava nele então ele passou por processos
310	horríveis porque ele tentava avisar e as pessoas não escutavam ele achava
311	que ele ah você é menino de rua e tal e sua família te abandonou ninguém
312	acreditava no que ele ele estava falando e era verdade ou:: pessoas
313	pegavam pra abusar dele sexualmente ou colocar pra trabalhar ou colocava
314	no quatinho no fundo (+) e as condições era miserável que ele vivia mas ele
315	contava (+) aonde ele ia até o momento em que ninguém acreditava nele e
316	ele não acreditava nele e ele não acreditava mais nas pessoas
317	
318	Inf. 5- Você falando sobre isso eu lembrei de um livro que eu li há dois anos
319	atrás que é a história de ( Evan ) e::: conta história mais ou menos assim

320	uma família grande de seis irmãos (+)(+) e:::: sendo que um/ é:::: duas
321	crianças era de um primeiro casamento a mãe tinha morrido o pai de casou
322	novamente (+) e:::: eles viviam isolados na montanha (+) dois os mais velhos
323	iam pra escola e de repente a situação foi ficando de uma maneira assim
324	tão:::: é precária que eles é/ tinha um trabalho infantil dentro da própria casa
325	porque era filho do pai um a mãe era madrasta mas ela tinha três filhos
326	próprios e foi ficando uma situação cada vez:::: (+) mais horrível até a ponto
327	de que:::: a madrasta cansada de todo aquele:::: daquele envolvimento lá
328	ela:::: abandonou o filho quando o último filho que ela tem porque ela
329	praticamente a vida dela era só ter filhos né? (nascia morto) né e:::: o que
330	que aconteceu? O pai some deixa cinco crianças dentro da casa de virando
331	não tem mais o que comer e eles por vergonha não querem
332	permanecer juntos e cerca de um ano depois aparece o pai é:::: e começa a
333	iludir a criança falando que você vai pra um lugar bom ele vende cada um
334	dos filhos traz uma família e manda escolher e a criança menor e os irmãos
335	e fica só a ( Evan ) que é a personagem principal e ela é: (+) queria também
336	ser colocada pra ser vendida porque ela estava (incompreensível) porque o
337	pai dela ia começar a abusar dela quando avô que já era meio velho falou
338	(incompreensível) que é pior e nisso quando ela é adotada por um por um
339	casal (+) é: põe roupa nova roupa bonita vai pra casa e quando chega lá
340	mudança total é uma empregada domestica e trabalha trabalha e mostra/
341	fica pensando muito na questão da adoção porque ela não sabia se
342	acontecia com os irmãos ou se era só com essa situação você fica meio na
343	dúvida né
344	Inf. 2- Uma coisa que eu penso assim sobre isso é de contar pra criança ou
345	não se ele é adotivo porque eu tenho um caso na família de dois primos que
346	não sabem que são adotados e a maioria do pessoal da família sabe e os
347	dois não e e:::: o engraçado é que os pais deles às vezes até comentam
348	que:::: é:::: que a criança tem alguns traços que são iguais a eles olha o olho
349	como parece com o meu chegam pessoas de fora e ficam meio assim que
350	perguntam é:::: então imagina se uma criança/ quer dizer hoje eles são
351	adultos um está com 19 anos e outro está com 16 [[ e não sabe ]] não sabem

352	quer dizer e se descobrem nessa altura do campeonato se uma pessoa um
353	dia o que vai acontecer né então por isso que é importante sentar e
354	conversar eu creio desde criança contando mesmo que a criança é adotada
355	mesmo né pra não acontecer esse tipo de coisa
356	
357	Inf. 10- Nossa eu tenho uma amiga minha que ela descobriu com 13 anos na
358	pior fase um priminho que contou sabe aquela coisa de primo nhénhéhé
359	não parece parece sim pareço com o meu pai ou não parece não parece
360	que dói adotada aí que ela foi descobrir a fundo [riso] ela ficou/ ela não
361	morava aqui ela ficou dois/ um ano e meio em depressão mesmo/ ela parou
362	de estudar ela ficou deitada na cama ela ficou vegetativa (+) o choque foi tão
363	grande porque aí que ela foi descobrir que ela sabia que a mãe dela a
364	mulher que mãe dela pegou não era mãe dela (+) quem era mãe dela? Sabe
365	ela ficou sabendo depois que passou por três famílias até chegar nessa
366	senhora (+) então até hoje ela frequenta psicólogos (+) sabe assim aquele
367	referencial aí um dia de bobeira eu não sei o que eu falei lá negocio do meu
368	pai da minha mãe lá que como ela falou nossa Ana que diferente eu nunca
369	vou poder falar que eu gosto disso por causa do meu pai minha mãe não sei
370	(+)(+) aí sabe quando a coisa cai na sua cara assim nossa é verdade porque
371	não tem um referencial né quem que é? Eu posso cruzar com a minha mãe
372	com meus irmãos na rua e não saber (+) e não tem pra onde precisar porque
373	quando você precisa por uma pessoa não é aquela pessoa pegou de outra
374	(+) então ela assim agora ela mora em Londrina não vai mais na cidade não
375	tem a mínima idéia mas é um trauma porque eu acho assim tem que contar
376	(+) porque você saber pelos outros ainda mais por aquela gracinha de primo
377	adolescente é nhénhéhé que nossa a menina hoje ela frequenta psicólogo
378	de vez em quando ela (+) dá aquelas neuras dela/ bravo mesmo
379	Inf. 9- Bom a Ana falando tudo isso eu lembrei de uma colega de trabalho
380	que eu tive ela descobriu com 27 28 anos que era adotada houve o caso da
381	separação dos pais antes disso e a mãe não quis ficar com ela de jeito
382	nenhum né ela já tinha mais de 20 anos ela queria que ela fosse cuidar da
383	vida dela mas ela se sentiu rejeitada pela mãe e foi morar (+) foi morar com

384	o pai e nunca conseguiu entender por que que ela não tinha uma ligação muito forte com a mãe né a mãe nunca tratou ela realmente com carinho de mãe e ela ficou sabendo através de um bilhete anônimo que a pessoa da família dela que era irmã dela que ela não conhecia e ficou sabendo que tinha uma irmã e onde estava e e ficou sabendo e resolveu revelar através de um bilhete (+) então ela ficou assim ela passou uma fase assim muito difícil pra enfrentar essa descoberta mas com isso ela pode entender todos os problemas que ela tinha com a mãe que ela achava que a mãe dela/ a gente até brincava olha você é adotada né assim coisas de brincadeiras ela mesmo né [riso] brincava olha eu devo ter sido adotada me pegaram na lata do lixo falava brincando mas depois ela descobriu que ela realmente tinha sido adotada
385	
386	
387	
388	
389	
390	
391	
392	
393	
394	
395	
396	Inf. 6- Eu acho importante porque eu conheço um casal e ele adotou o rapaz ele é meu amigo e eles são de famílias brancas todos descendentes de alemães tanto a mulher o marido e adotaram um menino negro (+) eu acho assim (+) fascinante porque é a maior prova de amor que eles demonstraram pra essa criança e o amor que eles tem/ ele tem 20 anos hoje (+) o pai brigou com o pai dele por causa do menino ele ganhou na justiça o pai teve uma discriminação contra ele é o deserdou (+) eu acho maravilhoso
397	
398	
399	
400	
401	
402	
403	
404	Inf. 5- Eu tenho uma amiga também que ela descobriu que era adotada com 15 anos e:::: esse negócio de traços (+) é muito engraçado porque tem crianças mesmo elas realmente são parecidas com os pais é é mas ela (+) nunca que ia imaginar ela tinha os traços mesmo da família que daí quando/ depois que ela tinha superado o trauma como ela estava falando daí ela fala que:::: assim é comum às vezes você/ com a convivência pega muito a expressão do rosto de jeito de coisa quem conhece mesmo né e:::: num sabe (+) e você vê os trejeitos coisas assim que você pega essa coisa de pai de mãe só que ela tinha uma convivência (+) super harmoniosa amor era a filhinha né do pai ela tinha um irmão e:::: mas quando ela descobriu mudou tudo (+) aí veio uma revolta ela mudou os pais mudaram com ela (+) ela começou:::: [riso] a ser adolescente rebelde mesmo e ela queria que queria descobrir como é que foi que aconteceu e ela foi pra uma amiga da mãe dele
405	
406	
407	
408	
409	
410	
411	
412	
413	
414	
415	

416	descobrir como é que foi que aconteceu e ela foi era uma amiga da mãe dela
417	(+) que falou pra ficar cuidando enquanto ela fazia uma viagem só que nunca
418	mais voltou né sumiu e deixou a criança ali (+) e::: ela e ela tinha aquela./
419	ela tem né aquela coisa de investigar mesmo e ela fuçou fuçou tudo que ela
420	podia e descobriu o nome e ela foi perguntando mas ela conseguiu encontrar
421	verdadeira mãe dela né mas isso mudou tanto porque ela começou a ficar
422	revoltada porque tudo era motivo por causa de ser adotada não tem ligação
423	forte com a mãe e ela começou a ter uma coisa de ter um lar dela então ela
424	não podia namorar que ela queria ela queria se mudar pra casa da pessoa
425	sabe? [riso] e hoje graças a deus ela aquela coisa de família conseguiu né
426	[riso]
427	
428	E- Interessante você estava falando e eu me lembrei de uma coisa todo
429	mundo fala que é comum mesmo que a convivência nos torna parecido eu
430	estava pensando e vocês no quarto ano? Que passaram quatro anos juntos
431	o que será que vocês pegaram do colega de vocês? O que vocês pensam
432	disso? Vocês estão iguaizinhos quando chega/ vocês entraram/ será que
433	convivência/ você que está mais quietinha a convivência com gente sempre
434	tem alguém que a gente convive mais afinidade ou porque mora perto e tal
435	houve uma troca? O que que você pensa disso?
436	
437	Inf. 8- Eu penso que o João Vitor é como se fosse um irmão pra mim muito
438	junto muito unido a Ana também conviveu muito tempo na minha casa (+)
439	uns anos juntos agora a Patrícia faz parte desse grupo nós somos
440	praticamente uma família só que::: agora já vai começando bater uma
441	saudade já né porque cada um vai para um lugar cada um vai prum lugar
442	diferente assim quando a gente vai se ver de novo né a gente estuda em
443	casa dá muita risada faz as coisas estuda bastante mas já bate uma
444	saudade já
445	E- E os defeitos? Todo mundo tem [[ todo mundo tem ]] e as complicâncias
446	há implicâncias [[ ah houve ]] como vocês lidam com isso
447	

448	Inf. 10- Eu acho que por ser uma família tem briga tem discussão [[ é tem
449	muita briga mesmo ]] tem: discute mesmo só que eu acho eu acho assim
450	ficar de mal pra mim é uma coisa que não existe isso é coisa pra criança né
451	et a gente briga discute mas acabou aí (+) sabe? Porque (+) tem dia que
452	você está de bom humor tem o seu parceiro e é por causa de um trabalho
453	piorou ainda (incompreensível) o meu amigo quer que coloque o fulano não
454	quer que coloque porque é você tem que saber lidar você tem que estar
455	aberto pro diferente (+) porque eu estudei com eles com a Cássia e com o
456	João Vitor no primeiro e no segundo eu e o João Vitor era assim né tanto é
457	que eu fico vendo as fotos das viagens ai que saudade [risos] só que aí
458	separou no terceiro (+) aí ficou eu a Mara e a Clara aí caiu o Paulo de pára-
459	queda (+) também se aproximou mais eu tenho mais papo com homem
460	quando você se dá bem com o seu pai você se dá bem com qualquer
461	homem [riso] então eu sempre me dei bem [riso gerais] não não primeiro tem
462	que se dar bem com o pai não é/ o pessoal fala se você se dá bem com seu
463	pai você se dá bem melhor com os outros os homens não assim relação de
464	amizade mesmo (+) não é? Então eu tenho afinidade com homem desde
465	pequenininho na escola onde eu trabalho até homens mesmo converso com
466	eles estou sempre conversando com homem então é assim eu acho que
467	você aprende a lidar (+) com as qualidades porque tem pessoas que você
468	gosta que te atrai ou porque mora perto eu porque vou de ônibus vou com
469	ela (+) com a Clara tá? Mas eu converso com a Mara que não mora perto de
470	mim mas me liga (+) sabe? Ela me liga nas férias pra perguntar do meu nenê
471	então quer dizer é uma afinidade que pode ser diferente com uma pessoa
472	um tipo amizade com a outra é outra coisa agora se for pra sair pra algum
473	lugar (+) com certeza o João Vitor e a Cássia [riso] então são situações
474	diferentes (+) né que tem lugares que eu gosto que eu sei que eles
475	gostariam de ir é a mesma coisa acontece com ele (+) agora no lado mãe
476	quando acontece alguma coisa com o Gabriel eu pergunto pra Clara pra
477	Claudia que também não está aqui então assim como você falou tem que se
478	dividir é um pouquinho pra cada um (+) pra poder viver em harmonia porque
479	é lógico que tem pessoas que não falam nem oi (incompreensível) pra você
	então tem que respeitar o espaço de cada um

480	
481	Inf. 8- Cada um é cada um
482	
483	Inf. 10- É
484	
485	Inf. 8- Cada um age de um jeito
486	
487	Inf. 10- Cada um age de um jeito
488	
489	Inf. 8- (incompreensível)
490	
491	Inf. 2- E é muito engraçado porque é assim né existem AS diferenças o
492	Carlos é muito diferente de mim é::: tem outra amiga no grupo mas é assim
493	você discute hoje mas amanhã está na sala todo dia então você pode querer
494	se estapear se matar mas no dia seguinte você tem que estar pronto pra
495	fazer o trabalho pra ler junto discutir respeitando as/ o importante é respeitar
496	né porque você vai ter que conviver e::: então mesmo que a pessoa fale
497	alguma coisa você tem que relevar um pouco né sempre tem que relevar
498	uma coisa que é o engraçado também é o jeito de você pegar né assim eu e
499	ele nós fazemos parte de um grupo de pesquisa então às vezes a gente
500	sempre comenta brinca sobre algo que tem a ver assim né então essa
501	convivência faz com que você mude até o seu jeito de falar de pensar sobre
502	as coisas (+) e é muito legal e agora que a gente está chegando numa reta
503	final a gente comenta né puxa vida o que será que cada um vai fazer
504	depois? Será que a gente vai continuar conversando? Ter contato né? E a
505	gente sabe que com certeza um ou outro a gente não vai ver mais né é um
506	ou outro que você vai ter contato
507	
508	Inf. 10- Bom eu então esse um ou outro de repente pode passar por você na
509	rua e nem falar um oi
510	
511	Inf. 2- É
512	

513	Inf. 10- te isso também né? [[ é ]] por isso você perguntou se a gente muda
514	mudou muito eu acho assim que muda no bom sentido sabe? De você
515	aprender a respeitar que isso ela também falou você está vendo todo dia o
516	espaço é aquele ali uma hora ou outra uma caneta você empresta uma coisa
517	ou outra uma troca vai ter (+) então é um acréscimo muito grande eu acho
518	assim é muito legal isso então não dá pra pensar na saudade que já dói só
519	de pensar né
520	
521	[risos gerais]
522	
523	E- Então vamos mudar de saudade /.../ antigamente ou ainda hoje não sei se
524	eu estou certa não sei se é isso mesmo dizia-se que o homem era a cabeça
525	do casal nós estamos em maioria aqui [risos gerais] continua hoje como é
526	que vocês vêem a situação nossa? Mudou alguma coisa na vida da mulher?
527	O que é que falta? O que é que vocês acham ou há assim uma pessoa que
528	pudesse legislar ou promover alguma coisa o que que poderia mudar para
529	que nós pudéssemos chegar assim mais ao pé de igualdade com os
530	homens?
531	Inf. 10- O salário
532	
533	Inf. 2- O salário é
534	
535	Inf. 10- O respeito a valorização né do papel da mulher na sociedade (+) ela
536	desempenha a mesma função que um homem e recebe bem menos até hoje
537	isso acontece mas num/ eu não sabia fiquei sabendo há pouco tempo (+)
538	você não acha? Você está sempre matando um leão por dia você faz você
539	faz e você faz (+) e:: nunca nunca nunca fica igual você sempre pra baixo
540	sempre você é a mulher (+) sabe? É vista de outra maneira
541	
542	Inf. 2- Olha eu penso de duas maneiras se você estiver falando assim no
543	homem profissional é claro que tem que ter igualdade quando eu penso em
544	família (+) eu acredito que qualquer coisa pra dar certo tem que ter uma

545	hierarquia não que o homem manda na mulher mas eu acredito que é::: a
546	mulher não deva ser subordinada ao homem mas assim mas que alguém
547	tem que dar a palavra final (+) é::: lógico que com a ajuda da mulher mas eu
548	não sei se é um conceito meio/ até antigo mas é o que eu penso é o que eu
549	acho assim
550	
551	Inf. 1- Eu acho que o homem nunca foi a cabeça do casal (+) pra começar
552	assim eu acho que tipo eu acho o que o que faz o que v]cria essa
553	mentalidade foi sempre o pouco espaço que a mulher teve na sociedade tipo
554	é::: então refletia dentro do casamento você entendeu? Pouco espaço
555	pouca abertura social para ela se impor entendeu? Mas eu acho que o
556	homem nunca foi a cabeça do casal eu acho que ela sempre teve muita
557	influência [[ (incompreensível) ]] por mais que tentasse ser abafada fechada
558	mas que acho que o pouco/ aos poucos quando foi mostrando essa
559	oportunidade esse espaço foi mostrando isso
560	
561	Inf. (?) - ( eu trabalho/ )
562	
563	Inf. 7- Opa mas aí eu já acho eu já acho que é uma questão bem cultural vou
564	fazer uma comparação entre por exemplo as mulheres italianas elas são
565	mandonas elas têm voz ativa agora se você põe lá entre por exemplo o casal
566	é::: nordestino sei lá a impressão que a gente tem é que elas são mais
567	submissas né que então eu acho que é mais uma questão talvez né aí da
568	região o costume né do povo dali às vezes há mulheres que sobressaem
569	mais ou não dependendo da cultura em que ela vive agora o que eu acho
570	que o que muda mesmo o que determina quem é o chefe da da o cabeça é
571	quem tem mais grana se a mulher tem mais dinheiro é ela que fala mais alto
572	se é o homem então aí:::
573	
574	Inf. 6- Olha eu já acho justamente ao contrário (incompreensível) de pessoas
575	mas eu acho assim muitas vezes o homem (incompreensível) ele foi
576	colocado com uma cabeça a mulher deve ser subordinada a ele e cuidar dos
577	filhos pra ele e ele (toma conta) mas eu acho que o homem muitas vezes

578	deixa passar coisas (+) eu acho que a mulher presta muito mais atenção aos
579	detalhes que nem no meu caso eu não ganho um real (+) por causa que eu
580	estou/ eu optei por fazer faculdade (+) e ele cuida da família mas ele chega
581	assim o que que a gente vai fazer? É uma decisão a dois (+) a gente discute
582	as idéias porque que nem eu falei a gente a gente (incompreensível) tudo
583	que a gente tira da faculdade a gente discute os diversos assuntos durante
584	quatro anos (+) eu falei pra ele dentro da minha casa eu não posso discutir
585	com a pessoa que eu vivo então a gente se dá muito bem por causa disso
586	eu coloco a minha opinião ele coloca a dele e a gente acha que é melhor pra
587	cuidar das crianças então nem ele manda nem eu mando eles sabem que
588	quem manda ali é o pai e a mãe (+) não é porque a mãe não trabalha que a
589	mãe manda menos mas a opinião dos dois que conta então eles sabem que
590	se foi definido se a mãe pensa aquilo o pai pensa aquilo pensa juntos eu
591	acho que a gente tem a mesma idéia (+) ninguém fala que não vai ser assim
592	vai ser assado não primeiro discute (+) discute particularmente depois fica
593	decidido aquilo e pronto (+) ninguém manda menos e nem porque ganha
594	
595	Inf. 1- Essa questão de de::: quem manda mais de quem manda menos
596	mandar no casal me lembra assim do:: da:: da da experiência que a gente
597	(incompreensível) são pessoas [risos gerais] não é? São pessoas e assim
598	e::: independente do sexo da pessoa né é inato não é? Então não
599	necessariamente quem tem mais dinheiro entendeu? Ou quem é o homem
600	ou quem é a mulher que vai mandar eu acho assim que é da pessoa né é
601	inato assim é inato entendeu? ( independente ) do casal
602	
603	Inf. 8- Eu acho também que os nossos avós os nossos pais eles mandavam
604	(+) na nossa geração assim ou é igual ou a mulher é muito mais porque vejo
605	o meu pai ele que dava as ordens (+) eu vejo que com os meus irmãos é
606	eles que recebem as ordens (+) as cunhadas mandam ver neles
607	Inf. 6- Mas eu penso [[ é assim mesmo ]] é que antigamente você não tinha/
608	era o pai que mandava e não tinha [[ a mulher não trabalhava ]] o costume
609	de ficar pensando que vai ter que comprar remédio porque não era costume

610	que a gente tem que ir ao médico toda hora era em casos especiais hoje não
611	se a gente não ficar lembrando ele não vai lembrar que tem que levar no
612	médico (+) entendeu? Então você tem que ajudar ele ele pensa dum lado
613	você lembra do outro então é um conjunto é que nem eu falo liderança eu
614	acho muito bom fora porque quando você começa a mandar demais uma
615	pessoa eu acho que não dá certo eu acho que se você está é porque você
616	gosta agora você começa a mandar eu acho que em situações aversas no
617	casamento eu acho que liderar eu acho que é uma questão da humanidade
618	mesmo querer liderar o outro mas eu acho que num casamento eu acho que
619	um tem que respeitar o outro nas suas diferenças antigamente era isso
620	mesmo um mandava no outro mas é que nem eu falei hoje eu não aceito ser
621	mandada (+) e nem acei/ e nem gosto de mandar nele eu respeito as
622	opiniões e ele respeita as minhas
623	Inf. 5- No caso assim da situação inversa no casamento (+) é::: como eu
624	trabalho no Seminário e::: e lá você acaba vendo a diferença né de pessoas
625	dos seminaristas lá a maioria são homens há pouco tempo que::: foi
626	permitido a ordenação feminina né pra (incompreensível) então você acaba
627	lendo muitos artigos é::: feministas e pessoas também a favor do espaço da
628	mulher (+) e::: por quê? Eu aprendi muita coisa lá porque você acaba vendo
629	que a condição da mulher treinamento de ela ter que lutar pelo seu espaço é
630	uma questão é cultural e religiosa também porque a maioria das pessoas
631	independentemente de ter uma religião hoje ou não ela/ seus pais avós
632	bisavós tudo tinha nesse sentido que a mulher era submissa ao homem ela/
633	tudo pela coisa da Bíblia mesmo aquela coisa de: de::: (+) a igreja católica
634	quando era antes da reforma quando ela predominava mesmo ela que ditava
635	as regras as escolas né elas eram em sua maioria escolas (+) escolas
636	católicas (incompreensível) então a educação que as pessoas vieram
637	recebendo é que o homem que que::: (+) trabalha a mulher é submissa e foi
638	colocando a condição da mulher de uma tal maneira que aos poucos ela foi
639	se libertando que o que chamam de: de: feminismo aí é o fato de que a
640	mulher viu que ela é capaz de fazer muitas coisas que os homens também
	fazem mas não é não quer dizer que o homem e mulher são iguais é:::

641	biologicamente entendeu? Tem coisas que: que: nós somos diferentes de
642	homem mas isso não quer dizer que (+) nós somos incapazes de pensar de
643	exercer às vezes a mesma função e com isso em termos de salários então o
644	que:::: o que muda mesmo é:::: é a gente ser educado/ teve uma matéria de
645	Educação que você vê que igualdade entre os sexos é o respeito é você
646	poder exercer a sua função você ter esposas ter marido e tudo mais e cada
647	um ter: ter a sua parte né e não ter aquela coisa de ser inferior porque essa
648	coisa de submissa por mais que pode achar uma palavra bonita aí pra
649	querer justificar (+) é o sentido mesmo é que eles vêm como inferior
650	
651	Inf. 2- O que eu penso sobre isso é até uma coisa contraditória né é por
652	quê? Pelo menos (no meio) as minhas amigas (+) sempre é:::: procuram
653	buscam homens que tomem atitude que às vezes até entre aspas gostam de
654	mandar um pouco gostam do homem firme né e quando o homem não é
655	assim ele é tachado de banana ele é bunda mole então como que é esse
656	negócio? Né por isso que eu volto naquela questão eu acho que a mulher
657	não tem que ser subordinada ao homem mas assim eu acho que pra coisa
658	andar bem e dar certo isso eu digo no relacionamento acho que alguém tem
659	que ter/ não assim ser é estar acima dela mas tem que estar ter um pouco
660	mais de firmeza porque se a mulher quer uma coisa o homem quer outra
661	então vão bater de frente e não vai chegara lugar nenhum por isso que às
662	vezes eu acho que numa relação a mulher ela tem que ajudar (+) mas assim
663	é: eu acho que é em um momento que seja necessário uma palavra final
664	alguém vai ter que dar (+) né e pelo que eu sei as mulheres procuram muito
665	isto alguém que tenha um pulso firme por mais que queiram chegar a ser
666	igual aos homens ela sempre quer um homem que a procure
667	
668	Inf. 10- Eu conheço mulheres que/ (incompreensível) mas eu conheço
669	pessoas aqui na Faculdade elas querem elas querem casar elas querem ser
670	dona-de-casa eu falo gente mas quando passar um homem vendendo pano
671	de prato você vai pedir dinheiro pro seu marido? Vou:::: eu acho inconcebível
672	ficar pedindo (+) eu acho que na minha opinião eu tenho que ter o meu mas

673	tem gente que espera por isso sabe? Ficar ali: ter alguém que a acolha que
674	a proteja que faça por ela sabe/ e:::: fala o quê? Feminismo porque bate/
675	comigo pelo menos bate muito de frente esse tipo de questão que é uma
676	coisa que eu não aceito (+) mas tem gente que espera por isso lógico que é
677	legal você ter um homem que tem opinião com pulso firme alguém que bata
678	de frente com você porque falar amém pra tudo que você fala bom eu não
679	gostaria né [[ é eu também não ]] jogar prum lado jogar pro outro também
680	não quero tanto é que tem que conversar e entrar num consenso também
681	não quero andar atrás e nem quero andar na frente tem que/ aí que está o
682	difícil da questão o equilíbrio
683	
684	Inf. 9- Eu concordo com a Clara
685	
686	Inf. 5- Eu acho que essa é a questão eu falo que não é aquela coisa de você
687	querer um homem que manda não sei o que é uma questão eu falo que é a
688	da mulher às vezes é uma coisa do que você quer pra sua vida é uma coisa
689	de você decidir se você decidiu que você/ pra você que é uma situação boa
690	você não se sente incomodada você não se sente inferior sendo dona-de-
691	casa ficar pedindo dinheiro pro marido isso é decisão sua não é uma coisa
692	imposta eu acho assim que aí não é uma questão ser igual ao homem é
693	você Ter a personalidade você Ter a capacidade de você decidir sabe? Se
694	você decidiu ser dona-de-casa você decidiu não quer estudar e cuidar dos
695	filhos você quer alguém que tome a decisão por você (+) tudo bem o marido
696	é uma coisa porque você [[ mas/ ]] mas porque você quer não porque sabe?
697	Te colocaram numa situação e você vai ( seguindo ) eu acho que hoje em
698	dia/ é:::: ontem mesmo dentro do ônibus uma moça comentando falando
699	assim:::: (+) que a patroa dela falou que ela tinha que ser independente que
700	ela tinha que ::::/ pra tirar a carteira e ela falou assim que respondeu que o
701	mais independente aí que eu não caso mesmo
702	
703	[risos gerais]
704	
705	Inf. 5- Foi o que ela respondeu mas é o que está acontecendo/

706	
707	Inf. 10- Aí o homem fica com medo
708	
709	Inf. 5- O que está acontecendo com nós mulheres principalmente pessoas
710	que/ nós trabalhamos e estudamos (+) acaba tendo uma certa insegurança
711	porque você cria tanto: uma independência financeira tanto que vai poder
712	escolher fazer deixar de fazer que de repente você vê que isso afasta você
713	de Ter outros relacionamentos porque você está sem querer intimidando a
714	pessoa porque tem opinião você tem/ você sabe o que você quer o que você
715	não quer mas não quer dizer que você está querendo um: um homem
716	banana ou que você quer um homem de punho firme não porque você quer
717	alguém que você vai poder discutir é::: ter idéias e ter/ sabe? Divergir
718	mesmo de opiniões (incompreensível) não quer que ele manda em você (+)
719	é isso que eu penso
720	
721	Inf. 9- Eu acho que dentro da casa eu concordo com a Clara que tem que ser
722	todas as decisões tem que ser de comum acordo mas a mulher com o
723	desenvolvimento ahn o fato dela trabalhar fora ser mãe acaba sempre se
724	sobrecarregando porque acaba ficando a educação dos filhos sobre a
725	responsabilidade dela (+) de acompanhar é o desenvolvimento da criança na
726	escola e com isso sobra mais tempo para o homem desempenhar um
727	trabalho ter mais energia que ele chega em casa descansa a mulher vai
728	serve né coloca o jantar pra ele ele não tem a preocupação de passar no
729	mercado é pra fazer as compras da casa então eu acho que no trabalho
730	acaba refletindo que este homem que ele acaba se desenvolvendo mais de
731	uma certa forma não digo em todas as profissões mas em algumas sim
732	acaba se desenvolvendo mais se destacando e a mulher está sempre atrás
733	correndo atrás disso né mas em contrapartida ela não tem esse: esse alívio
734	de: de sobrecarga
734	Inf. 7- Mas é: essa questão que você colocou você está descrevendo um
736	homem na sua condição tradicional né só que hoje o que a gente observa
737	não é bem isso de um modo geral tem casos e casos eu acho assim que

738	ambos tanto o homem como a mulher tem que procurar a superação pra sua independência ela naquilo que ela mais carece e ele também agora o homem ele vive hoje numa crise né eu já andei já li um texto andei lendo alguma coisa sobre isso ele era antes o quê? Provedor hoje ele já não é mais porque a mulher põe o sustento dentro de casa ele era o pai hoje não porque quando acontece o divórcio ele ele praticamente [[ (incompreensível) ]] a participação diminui muitíssimo e com o tempo até:::: né se é assim em certos casos então o homem ele passa por uma crise existencial (incompreensível) mas é difícil pra ele hoje mas pra mulher só que em outros aspectos então a questão no fundo no fundo é o ser humano tentando atravessar por esses esses problemas [[ (incompreensível) ]] cada um superando ou não as suas frustrações e tudo né e é: é: um problema assim constante cada um depende dependendo da pessoa em si tem uma reação diferente às vezes positivo ou não né e aí casos e casos
739	
740	
741	
742	
743	
744	
745	
746	
747	
748	
749	
750	
751	
752	
753	Inf. 10- Eu também acho porque assim hoje você não/ hoje vê homens no Posto de Saúde com filho no colo coisa que você via um tempo atrás (incompreensível) meu pai nunca ia levar no Postinho hoje em dia você vê homens com criança indo buscar em porta do Colégio eu trabalho no Colégio saindo com filho em Shopping separado ou não mas está junto sabe? Acho que o homem também está pegando essa responsabilidade que não só a mãe tinha que ficar pro pai jogar bola não a mãe vai sair e o pai que vai cuidar da criança é:::: vocês dois que têm que dar um jeito ah se chorar? Se chorar vocês se viram (+) é que nem eu falei pro meu filho ó o Gabriel não veio com manual de instrução você faz alguma coisa porque é isso e não é? E tem que ser assim não adianta colocar assim mãe ( cuida delas ) o pai também pode fazer isso e não tem como você distinguir é eu vou/ num lar né eu sou o pai o cabeça você é a mãe não não é assim eu acho que tem que/ com o decorrer da relação que você vai vendo tem situação que um lida melhor tem situações que o outro lida aí pra poder entrar num consenso igualar né para mim é por aí
754	
755	
756	
757	
758	
759	
760	
761	
762	
763	
764	
765	
766	
767	
768	
769	
770	Inf. 8- Eu também concordo que eu acho que (+) a mulher evoluiu muito (+)

771	eu acho que em muitos casos em alguns casos ela manda acho até mais eu
772	vejo na minha família que as mulheres são umas guerreiras
773	(incompreensível) passam apertado na mão da mulherada (+) e:::: eu acho
774	que o homem acho que está aprendendo com a evolução da mulher (+) ele
775	está também melhorando um pouco mas e eu acho que um dia vai chegar
776	na igualdade (+) mas (+) ( demora um pouco ) [[ ( está em mudança ) ]] é em mudança
777	
778	Inf. 5- Todo mundo está mudando nós/ e o engraçado é que:::: (+) as
779	crianças que né hoje em dia elas influem muito nessa coisa de mudança
780	porque (+) de repente o teu filho entende muito mais de Internet computador
781	do que você e você também ele vai acabar pedindo um computador você
782	também vai acabar querendo mexer e você vai ter que aprender ele:::: (+)
783	encontra um coleguinha os pais são separados daqui um tempo né os pais
784	são (+) são são gays e (incompreensível) dentro de casa então eu acho que
785	em todos os aspectos eu acho que isso vai demorar mas todas as mudanças
786	também demoraram mas (+) no:::: no campo da mulher no trabalho o homem
787	é:::: cuidando das crianças é: (incompreensível) em todos os aspectos (+)
788	você concordando ou não as coisas estão acontecendo e:::: você pra
789	continuar você também tem que rever suas opiniões e:::: todo mundo está
790	passando por um processo de mudança
791	
792	Inf. 2- Eu penso assim que está ocorrendo uma mudança mas tem muita
793	coisa pra mudar é eu tiro por mim assim é:::: é muito comum que o homem
794	trabalhe e que a mulher fique em casa ele que vai pagar as contas eu não
795	faria isso eu trabalhar e meu namorado meu marido sei lá ficasse em casa
796	[[ (incompreensível) ]] eu não aceito isso eu falo por mim né então é muita
797	coisa tem que mudar ainda é muita coisa que já está chegando lá mas numa
798	situação dessas eu tenho certeza que tem muitas mulheres que têm a
799	mesma opinião que eu que jamais iriam sair trabalhar e deixar o bonitão
800	lavando e passando em casa
801	
802	[risos gerais]

803	
804	<p>Inf. 9- Eu acho que a concepção dos homens também está mudando por isso que alguns já estão se sujeitando né dessa forma aceita que a mulher o sustente né e ele cuide da casa [riso] fazendo isso fazendo isso com com prazer mas eu acho também que mudou a postura da maneira dele ver a mulher porque eu já aconteceu comigo no caso eu crio o meu filho sou solteira né o meu filho está com 12 anos e eu já passei pela situação do meu vizinho chegar e falar assim olhe eu nunca imaginei não acreditava que uma mulher fosse capaz de criar né o seu filho de formar um homem né sozinha porque ele achava que a presença de um homem do lado era extremamente necessária eu acho que de uma certa forma o ego masculino dele foi ferido mas por outro lado ele estava aberto a essa mudança e: pra reconhecer mesmo foi um ato até nobre (+) pra humildade mesmo de reconhecer que o homem não é necessário assim [riso] pelo menos pro desenvolvimento da criança</p>
805	
806	
807	
808	
809	
810	
811	
812	
813	
814	
815	
816	
817	
818	
819	<p>E- Então todo mundo mudou todo mundo muda o que vocês acham que mudou em vocês} alguma coisa que vem na cabeça que você mudou que você antes era agora não é antes não fazia agora faz</p>
820	
821	
822	
823	<p>Inf. 8- Que eu mudei? Acho que respeitar as opiniões um pouquinho mais geralmente eu ia pela cabeça do outro não o que você falou está certo então é a minha opinião então hoje respeito e sempre chega num acordo não é isso mesmo? Então vamos tentar ( mudar pra cá ou por aqui ) eu sempre escuto bastante</p>
824	
825	
826	
827	
828	
829	E- Quer falar alguma coisa
830	
831	Inf. 10- Não [riso] estou concordando porque eu também mudei nessa parte
832	
833	<p>Inf. 1- Acho que desenvolvimento de relação né problemas de relação trabalho em equipe eu acho que fundamental pra gente foi isso desenvolvimento de relação no trabalho em equipe</p>
834	
835	

836	
837	Inf. 10- Escutar uma crítica [riso] [[ é ]] um texto seu todo rasurado assim
838	observações nossa que legal [risos] não é uma coisa assim que antes/
839	primeiro porque eu não sou de ler o que eu escrevo eu acho muito chato (+)
840	além de eu ler você tem que ler e você tem que passar tudo a limpo
841	(incompreensível) então foi se acostumando desde o ano passado então
842	isso melhorou pra mim sabe? Você aprender a lidar ó Ana você errou ó está
843	errado então e saber lidar com isso [riso] (+) e lidar com o diferente [[ e ]] (+)
844	e lidar com a opinião das pessoas
845	
846	Inf. 9- Eu acredito que eu já tive o:::: é:::: eu hoje eu tenho a minha opinião
847	mais firme né que eu quero isso é isso né as pessoas vão tendo uma certa
848	dificuldade pra também [riso] eu acredito que foi um pouco de influência do
849	grupo de estudo da Faculdade porque eu tenho voz mais ativa então é
850	raramente eu sou contrariada e isso está me prejudicando eu percebi que
851	isso está me prejudicando na vida fora da Universidade (+) porque eu já
852	acostumei a minha palavra ser a última (+) né [[ a final ]] a final e lá fora não
853	é assim então eu senti assim o lado contrário que antes eu era mais aberta
854	pra isso como a Cássia agora está né que o fato de eu estar trabalhando
855	com esse grupo hoje eu sinto assim que eu tenho (+) assim com/ a liderança
856	de uma certa forma então eu senti que eu mudei nisso hoje eu sou mais
857	resistente lá fora é:::: em relação à minha opinião eu defendo mais a minha
858	opinião lá fora (+) e muitas vezes você tem que abrir se abrir ceder né
859	
860	Inf. 2- Eu assim penso que eu mudei muito em relação a ser crítica hoje o
861	meu olhar é muito crítico eu eu leio algo e falo nossa isso não está bom eu
862	vejo alguma coisa na rua eu já relaciono com outra coisa falo gente que
863	horror que coisa horrível e geralmente eu não tinha esse olhar crítico sobre
864	as coisas assim hoje eu paro pra pensar um pouco mais antes de falar é::::
865	penso no que eu vou fazer antigamente não tudo assim ô beleza hoje em dia
866	não penso um pouco antes de fazer alguma coisa de resolver alguma coisa
867	muito crítico assim eu sofro demais e isso até ruim pra mim até em casa às
868	vezes coisa que eu achava tão normal falo meu Deus que horror né eu eu

869	não queria estar tão crítica assim hoje eu sou demais [riso]
870	
871	Inf. 9- Eu também concordo esse exame crítico mudou bastante
872	
873	Inf. 5- Eu acho que muda muda em todos os sentido muda no que você
874	escreve que você lê e lê de novo aí você isola o que você escreve pra
875	comparar e na relação mesmo no que ela falou na visão do mundo a gente
876	fica mais não sei se fica mais apurado [[ na leitura né ]] é::::
877	
878	Inf. 8- É legal trabalho do primeiro ano com o trabalho do quarto nossa
879	escrevi essa porcaria aqui essa coisinha aqui (+) e era tão difícil fazer [riso]
880	tão difícil nossa
881	
882	E- E você?
883	
884	Inf. 6- Eu acho principalmente desenvolvimento pessoal (+) eu acho que
885	tinha uma dificuldade muito grande em lidar com um grupo em si eu acho
886	que a gente conviveu com diversos grupos primeiro era uma primeira turma
887	no segundo aumentou a turma no terceiro dividiu de novo então eu acho que
888	foi diversos grupos (+) são diversas opiniões que a gente ouviu (+) foram
889	diversos conflitos também eu acho que a gente/ eu cresci tanto no nível
890	pessoal quanto na questão crítica (+) eu acho/ hoje em dia eu vejo coisas
891	que eu via antes ou pelo menos gosto e gosto também de coisas que eu não
892	gostava eu achava que pra mim num:::: num serviria e que hoje serve e eu
893	acho mais interessante que eu estou procurando conhecer mais
894	
895	Inf. 5- No meu caso (+) eu acho que eu eu mudei (+) pra melhor eu entrei na
896	Facul/ eu sabia que eu ia entrar na Faculdade só não sabia quando eu entrei
897	foi uma vitória só que:::: aquela coisa de você não ter um total conhecimento
898	do curso você sabe o básico assim (+) e:::: hoje eu estou muito segura (+) na
899	questão da Biblioteconomia que eu:::: sinto eu brinco que agora eu tenho
900	vocação sabe? Me apaixonei mesmo eu gosto/ como eu trabalho eu gosto

901	de trabalhar (+) gosto de lidar com as pessoas e antes eu evitava público em
902	outros tipos de trabalho então é assim é uma coisa interna não tem nada a
903	ver com:::: cliente externo com esse tipo de coisa (incompreensível) ( lidar
904	com usuário ) em tipo de coisa e:::: veio uma:::: uma mudança em mim que
905	antes eu achava impossível eu trabalhar lidando com pessoas jamais
906	geralmente com serviço interno e também o fato de trabalhar em grupos eu
907	tenho uma coisa assim eu e mais uma amiga que nós somos o tipo líder né
908	aquela coisa de você decide você comanda às vezes você fica esperando
909	que alguém né te dá (+) uma resposta assim eu estou sempre aberta a:::: a
910	questões só que (+) ficou (+) ficou uma responsabilidade pra você assim que
911	não é uma coisa assim que eu não levei tanto isso pra fora de que ) (+) eu
912	não aceito né e eu tenho uma idéia eu fico esperando receber outra idéia
913	que complemente ou que seja diferente que seja melhor (+) mas só de você
914	saber que aquela idéia é a sua aquela né idéia é a sua e é só aquela né
915	você:::: dá pra trabalhar muito com isso daí a questão de trabalhar com
916	grupo assim:::: ou ainda espero mostrar mesmo por uma idéia assim que no
917	sentido agora de que como (+) como a Rosana estava falando a palavra final
918	é dela né (+) no caso aí não é uma questão do meu grupo por exemplo dos
919	grupos que eu venho do primeiro até agora foi a coisa assim:::: de você ter
920	que lutar por uma idéia você:::: tipo assim é a sua idéia e pronto e ninguém
921	sabe? As pessoas concordam então às vezes você fica meio assim de lutar
922	não é a questão de você de você defender a sua idéia mas de trocar
923	realmente idéias né
924	Inf. 9- É eu senti essa dificuldade entendeu? Eu quero eu espero uma outra
925	contrapartida mas aí eu não tenho então acaba isso acabou interferindo em
926	outras coisas porque você acostuma né [[ é cômodo ]]
927	
928	Inf. (?) - Mas eu acho
929	
930	Inf. 9- Mas aí teve o lado positivo que eu aprendi a brigar mais pela [riso]
931	pelos coisas que eu quero
932	

933	E- E você Júlia? Nunca houve
934	
935	Inf. 7- É é verdade (+) bom eu acho que (+) talvez eu seja um pouco chata
936	nesse ponto (+) eu penso assim que toda pessoa de um ano para o outro ela
937	muda independente se ela está fazendo uma graduação ou não né seja qual
938	for o mínimo ela muda (+) de um/ eu não sou a mesma do ano passado
939	ninguém é né a gente sempre tem acréscimo a gente influencia e é
940	influenciado independente de de qual seja a situação ali que você vive agora
941	é claro que algumas: (+) situações co-colaboram mais pra que haja
942	crescimento ou não (+) mesmo quando a pessoa é tão incentivada ela nem
943	reage aquele ambiente ambiente tão propício pra isso então é:::: depende
944	muito eu penso de cada pessoa quando eu penso no que me falta no tanto
945	que eu ainda tenho que:::: sabe? Que crescer como pessoa eu acho que
946	esses quatro anos serviu muito foi ótimo e tal (+) é: (+) ao todo eu acho que
947	acrescentou muito pra mim mas eu penso muito no quanto me falta [[
948	(incompreensível) ]] eu tenho é/ não é que eu sou pessimista não eu prefiro
949	não é:::: tão (+) privilegiar tanto o momento aqui eu gosto eu gosto claro
950	valorizo puxa vida né amo a minha graduação e tudo essas coisas mas
951	eu ainda tenho muito muito o que crescer [[ claro ]] então:::: (+) eu acho
952	que é uma batalha né ( nessa minha vida )/
953	
954	Inf. 2- Uma coisa que o que eu mudei muito na graduação é que antes às
955	vezes eu achava que sabia muito né eu já tinha o colegial morava em São
956	Paulo conhecia um monte de coisa aí eu vim pra cá eu vi a quantidade de
957	conhecimento que me falta que eu não sou nada e que e quanto mais eu sei
958	algo eu vejo não sei nada né é uma coisa de maluco assim então eu tenho o
959	meu conhecimento é mínimo e que pra eu e:/ e que você nunca vai chegar a
960	ser suficiente você vai estar sempre insuficiente [[ querendo mais ]] e
961	querendo mais
962	
963	Inf. 1- A graduação é o começo [[ é o começo ]] a partir da graduação você
964	viu (incompreensível) é e a gora você vai começar a correr atrás pra suprir isso né

965	
966	Inf. 7- Só que aí eu acho um:::: ponto eu concordo com você mas tem um
967	detalhe às vezes as pessoas acham que se você tem graduação foi então o
968	ó claro é uma porta que se abre a tudo mas tem muita gente que talvez nem
969	chegue a fazer uma graduação que tem:::: uma experiência de vida ou
970	passou por alguns momentos ou alguma situação ( no trabalho pessoal ) que
971	teve um crescimento muito maior que elevou mais ela como ser humano do
972	que se ela tivesse feito uma graduação então é muito relativo ainda mais
973	hoje a graduação/ se a gente for analisar (+) cruamente assim: a graduação
974	os problemas que tem o ensino a educação e um monte de coisa (+) acaba
975	num num tendo (+) assim tanto valorização como eu acho que merecia ter
976	(incompreensível)
977	
978	E- Com relação ao mensalão o que que vocês acham gente?
979	
980	Inf. 8- Pra mim o Lula está envolvido até o pescoço
981	
982	Inf. 2- Eu não eu já acho assim que os parceiros dele e que ele está saído
983	até:::: uma:::: como fala (+) uma vítima
984	
985	Inf. 8- Vítima que estão encobrendo ele você acha que ele não sabia de nada?
986	
987	Inf. 10- Eu acho que ninguém mexe na casa da gente sem a gente saber
988	
989	Inf. 9- Exato
990	
991	Inf. 8- Eu acho assim a corrupção está em qualquer lugar é difícil você saber
992	a corrupção no Paraná aqui em São Paulo mas dentro de Brasília quem está
993	sabendo está dentro da casa dele
994	
995	Inf. 2- Primeiro que eu acho que no governo o presidente é o que manda
996	menos (+) eu acho

997	
998	Inf. 1- Eu acho que o Lula não não tinha conhecimento
999	
1000	Inf. 9- Eu também acho que não eu não acredito
1001	
1002	Inf. 10- E sabe o que que eu acho também desculpa interromper agora é que
1003	agora é que agora veio na cabeça é assim veja bem eu acho que as
1004	peessoas não querem acreditar porque quantos votos o Lula teve? Sabe é
1005	muito é muito então é aquela figura paternalista vem que eu vou te dar
1006	trabalho é hospital segurança saúde e de repente a decepção foi tão grande
1007	que muitas pessoas não querem/ é que nem uma mãe que tem um filho que
1008	faz uma coisa que/ não o meu filho não é o filho do vizinho (+) imagina sabe
1009	aquele não querer ver as coisas realmente como elas são porque o PT
1010	sempre levantou essa bandeira (+) né é um partido que veio do povo o
1011	Presidente veio do povo família humilde mãe analfabeta/ todo mundo já sabe
1012	então esse discurso (+) preparado há dez anos [[ (incompreensível) ]] há dez
1013	anos porque eu acho assim eu não votei no Lula eu não sou de partido eu
1014	sou de pessoa eu nunca acreditei muito/ eu nunca acredito em promessa (+)
1015	sabe? Então eu acho assim que ele estudou dez anos com o decorrer do
1016	tempo ele estudou porque é o discurso dele porque ele não aprendeu porque
1017	ele não estudou de estudar ele só ficou viajando com o dinheiro de quem?
1018	(+) do PT quem que ajudava o PT? Quem que financiava o PT? [[ o povo ]]
1019	sabe? Então eu acho que ele deveria ter estudado (+) evoluído mesmo
1020	sabe? Ler pegar ler mesmo e se informar (+) ele foi/ o discurso é o mesmo
1021	(+) sabe? A emoção dele eu acho assim pro tamanho do Brasil essa emoção
1022	quem tem que chorar é nós (+) gente eu fiquei/ olha eu ajudo eu sou contra
1023	salário-família esse negócio seguro desemprego é:::: como é que falam? [[
1024	bolsa escola ]] é bolsa escola luz fraterna aí depois que surgiu essa coisa
1025	toda (+) eu falei gente que horror porque eu acho que assim o povo não quer
1026	isso o povo quer agilidade de ir à luta correr atrás tá não tem [[ olha eu
1027	penso/ ]] mas agora eu acho que está mais é creto sim aí eu fui tentar aquele
1028	salário-família pro meu filho (+) quatorze reais e noventa e nove centavos o
	pior não é isso o pior é que esse valor vinha de muitos e muito anos então

1029	pior não é isso o pior é que esse valor vinha de muitos e muito anos então
1030	eu falei nossa a pessoa tem mais é que ir atrás de bolsa-escola mesmo
1031	salário-família luz fraterna porque fica todo mundo passando a mão lá então
1032	o pobrezinho que tem quatro cinco criancinha lá vale-leite tem que ir buscar
1033	leite sim pro seu filho lá tem que ir lá pegar isso mesmo porque se você não
1034	pegar quem tem poder pega (+) então isso é complicado não é pelo PT não
1035	é por nenhum partido porque eu acho que (+) é o caráter da pessoa é: num
1036	num tem num precisa de nenhum tipo de rótulo né mas é pela condição
1037	mesmo de estar do que está se passando agora porque a decepção/ eu não
1038	votei no Lula eu conheço muita gente que votou e está decepcionado porque
1039	é uma decepção muito grande porque é melhor não ver que enm eu te falei é
1040	melhor você falar não eu não conheço/ tadinho não o meu filho não pegou a
1041	caneta do colega da escola (+) o meu filho não faz essas coisas (+) é mas [[
1042	risos gerais ]] eu estou sabendo essa não foi a primeira vez no prezinho ele
1043	também pegou o lanchinho do coleguinha (+) sabe? Então é uma coisa
1044	assim que não é do PT isso já vem só que não pode deixar assim porque
1045	isso é antigo (+) então é normal não é nada normal gente então a gente não
1046	pode se acomodar com essa normalidade porque então você vai achar que a
1047	violência é normal o assalto é normal não pode se acomodar [[ corta ]] (+) e
1048	o povo brasileiro/
1049	
1050	Inf. 2- O PT assim eu não tenho::::/ eu não estou a par de tudo mas o que eu
1051	penso é o seguinte a mídia ela tem um controle de formar opiniões (+) tanto
1052	positivamente quanto negativamente a sujeirada sempre esteve aí de outro
1053	partido de não sei quantos anos atrás está aí ainda vai ter acho que política
1054	(+) qualquer tipo política sempre tem sujeira aqui na Universidade deve ter
1055	algum:::: se for procurar se tiver CPI vai ter alguma coisa (+) na Delegacia no
1056	Tribunal sei lá qualquer lugar vai ter coisa e o PT sempre foi um partido da
1057	oposição então pegaram uma coisinha quer dizer não é uma coisinha é uma
1058	sujeira imensa mas estão caindo de pau em cima estão matando a pau por
1059	quê? Eles querem realmente destruiu a imagem do PT porque estava o Lula
1060	já ia virar um:::: Che Guevara da vida se ele morresse agora então ele ia
1061	virar um ídolo né iam erguer uma estátua dele então o que eles estão

1062	fazendo eu acho que é isso mesmo é sujar (+) jogando a merda no
1063	ventilador desculpa mesmo usar o termo [[ huhum ]] né e eu acho que a
1064	mídia é isso aí ela está por trás de uma formação de opinião
1065	
1066	Inf. 9- Eu concordo com a Angela no sentido de que a sujeira sempre esteve
1067	aí (+) por que agora resolveram mostrar? (+) então eu acredito que
1068	realmente a mídia ela de uma certa forma ela está manipulando isso pra
1069	prejudicar porque a reeleição do Presidente está está se aproximando e
1070	sabe que até o momento ele tinha todas as condições pra é:::: pra atingir
1071	porque o povo está com ele continua com ele e até o momento não tinha
1072	nenhuma mostra de corrupção no governo dele então eles estão eu acredito
1073	realmente que ela está manipulando isso pra prejudicar mensalão na minha
1074	opinião sempre existiu existe aqui existe nos Estados Unidos existe em
1075	outros países né somente resolveram mostrar no momento certo
1076	
1077	Inf. 5- Eu acho assim que:::: é a cobrança em si (+) do Presidente Lula eu
1078	ainda num num consigo dizer assim afirmar categoricamente que ele sabia
1079	de tudo (+) mas o que:::: eles tiverem que acusar assim de uma certa
1080	maneira/ a minha opinião a respeito do Lula é o fato dele estar se omitindo
1081	(+) a respeito está caindo o teto na cabeça dele (+) está:::: está:::: na mídia
1082	agora ele vai inaugurar um lugar assim va: vai: saber de tudo que não está
1083	ouvindo o pessoal (incompreensível) sabe? Nem que ele não fosse inocente
1084	sabe? Nem que ele for inocente partir desse pressuposto (=) meu (+) quebra
1085	o barraco entendeu? Ele deveria ser a primeira pessoa já a querer a tirar a
1086	pessoa do partido ele se expor dessa maneira/ [[(incompreensível) ]]
1087	
1088	Inf. 9- É muita gente
1089	
1090	Inf. 5- Se expor na mídia também porque a mídia ela/ ele está vendo que
1091	está sendo tudo contra ele [[ tudo contra ]] entendeu? Só que quando os
1092	repórteres vão pra cima ele fica tentando mostrar uma situação diferente
1093	sabe? É como assim está acontecendo tanta sujeira não mas eu estou
1094	fazendo isso eu estou fazendo aquilo vamos limpar essa sujeira [[

1095	(incompreensível) ]] porque essa sujeira que está acontecendo vamos parar
1096	e tem que discutir com o povo [[ tem ]] o povo ver que: que: ele não está
1097	omisso e mesmo que ele tiver com o dedo na sujeira então ó vamos fingir
1098	melhor hein ó vai lá e vamos falar/
1099	
1100	Inf. 2- Mas eu creio que ele está omissos por quê? O Presidente a partir do
1101	momento que ele se torna Presidente ele não tem partido mais (+) né
1102	
1103	Inf. 5- Mas a questão do partido/
1104	
1105	Inf. 2- Como ele vai falar/
1106	
1107	Inf. 10- É a integridade do homem é dele [[ é dele ]] dele como homem [[
1108	interrupção da discussão pela professora ]] (+) integridade dele como
1109	homem sabe? Independente de parti/ que nem ele mesmo falou ele não tem
1110	mais partido que antes ele tinha opinião porque ele era do contra era
1112	oposição agora não agora ele faz parte agora ele é então ele não tem partido
1113	mais [[ não tem partido ]] por isso mesmo como homem
1114	
1115	Inf. 7- Bom deixa eu dar a minha opinião eu eu principalmente não gosto da
1116	política partidária eu eu não tenho vergonha assim de dizer assim porque eu
1117	me omito porquê? É é porque essa política esse tipo de política é onde (+)
1118	é::: aonde a confissão ela tão fértil sabe? A política esse tipo de política e-
1119	ela corrompe né agora a política como realmente deveria ser ser praticada
1120	ela não está só em busca da dominação né do poder é a política no no
1121	sentido <i>stricto</i> é: é: é: ela quer dizer muito mais do que a gente presenciou
1122	hoje [[ é ]] do que a gente presencia então é uma coisa que irrita que
1123	estressa é uma coisa que não leva a nada que ninguém resolve nada [[ é
1124	lógico ]] então você já quer mandar tá mesmo a pê que pê porque não dá
1125	sabe? Então você sabe que vai sempre continuar tudo isso mesmo então
1126	infe/ num é essa a atitude adequada eu reconheço mas eu também num
1127	quero/ não acho que vale a pena porque a política ela é sórdida ela é
1128	corrupta ela é o pior que se pode/ se eu talvez estivesse lá no meio eu talvez

1129	estaria né então:
1130	
1131	Inf. 10- Com certeza
1132	
1133	Inf. 7- Olha eu sou contra assim: não concordo com o que a Solange disse
1134	assim de que política não leva a nada acho que política leva a muita coisa
1135	e::: nós não podemos ser omissos e falar assim ah deixa que está
1136	acontecendo eu não tenho nada a ver com isso todos nós temos uma
1137	responsabilidade e acho até obrigação de saber o que está acontecendo né
1138	não dizer que política não leva a nada acho que política leva a muita coisa
1139	que se a gente for falar o que ela leva e gente ficaria aqui dias falando [[ mas
1140	aí a questão/ ]] ela influencia a vida de cada um
1141	
1142	Inf. 10- Se ela fosse levada a sério (+) acho que traria benefícios pra todo
1143	mundo né que nem esse dinheiro que eles eles estão conseguindo aí se
1144	fosse usado em prol de hospitais recursos aí sim mas essa política que nem
1145	ela falou é sórdida (+) não se tem partido cria-se de maneira (+) qualquer um
1146	tem um partido [[ tem partido ]] você vota numa pessoa de um partido
1147	amanhã ele está em outro aí você descobre uma sujeira de uma pessoa aí
1148	que que ele faz? Vai ser cassado antes dele ser cassado ele já renuncia [[
1149	ele sai ]] então você teria vem o outro coloca então essa política é suja
1150	
1151	Inf. 5- Eu sou a favor de que::: (+) tem que haver uma redução de::: número
1152	de partidos devia ser A e B (+) acabou ou você/ não tem essa aconteceu
1153	qualquer coisinha você cria u partido ou você muda de partido e outra coisa
1154	é::: tem muita coisa da política que::: o povo mesmo não sabe que nem na
1155	época da eleição pra prefeito de::: do Belinati/ entre o Belinati e o Nedson
1156	(+) tinha opções que de repente pra muitos/ eu não queria votar de jeito
1157	nenhum no Belineta no Belinati mas também não queria votar no Nedson e
1158	em nenhum dos outros e: através de um jornalzinho aqui dentro da UEL
1159	mesmo fiquei sabendo que se a maioria decidisse sabe? Não votar em
1160	nenhum deles eles vão ter que formular (+) novos candidatos só que você
1161	acha que a população a grande massa sabe disso? [[ não ]] agora assim

1162	está estourando esse mensalão está estourando aqui em Londrina também
1163	a maioria que que vai dizer? Está vendo não quis votar no Belinati [[ é ]] ó o
1164	que que está acontecendo ó o Nedson é isso não sei o que antes sabe? Nós
1165	principalmente nós pobres assim tem uma visão bem restrita mesmo que é
1166	coisa (incompreensível) coisa de televisão [[ huhum ]] você pensa assim é:::
1167	rouba mas faz sabe aquela coisa de::: que você trocar um ruim por um
1168	menos pior esse tipo de coisa/ eu gosto assim de política mas não dessa
1169	política eu acho que não deveria ter tantos partidos (+) sabe? Em outros
1170	países pode existir corrupção sim mas existe uma uma conscientização
1171	maior você pode é::: [[ pode participar ]] você pode usar e um jeito de
1172	acontecer de exterminar esse monte de partidos e ter que saber que agora
1173	se acontecer qualquer coisa que você/ ou impeachment do Lula ou cai o
1174	Nedson sabe? Não é porque caiu ali vamos pôr um corrupto melhorzinho [[ é
1175	]] isso pra mim não existe
1176	
1177	Inf. 8- Eu acho também (+) um candidato a vereador ganhou? Ele tem que
1178	terminar o mandato dele (+) ele não pode sair depois pra (+) deputado [[
1179	deputado estadual ]] aí ele ganha pra deputado aí deixa de ser vereador ou
1180	então (incompreensível) assim ele perdeu pra deputado não pode voltar a
1181	ser vereador ele perdeu o cargo dele quer ser vereador ele tem que terminar
1182	o mandato dele não ficar pulando de uma coisa pra outra
1183	
1184	Inf. 6- Eu também acho que não devia/ o povo não devia ficar reelegendo
1185	três quatro vezes que nem acontece desses deputados há quanto tempo
1186	eles estão lá? (+) quantas eleições quanto tempo eles não têm pra ficar
1187	fazendo aquilo? Então eles vão continuar aquele processo sempre e vão
1188	influir os outros por que que o povo não vai colocando pessoas diferentes?
1189	Não eles preferem continuar aquele processo e parece que eles não gostam
1190	de inovar não gostam de conhecer outras pessoas porque na verdade você
1191	fala ah não mas vai esse mesmo porque eu não sei como vai ser o outro
1192	mas se você já conhece esse sabe o processo desse então vota no outro (+)
1193	eu sou contra esse processo de ficar fica quatro anos depois vai se reelege
1194	mais quatro anos pode ser que talvez presidente ou um prefeito passar [[

1195	huhum ]] mas eu acho que deputado senador e vereador eu acho que é só
1196	uns quatro anos mesmo e uma quantidade mínima ainda
1197	
1198	Inf. 5- Bom outra coisa que é::: que é importante também é::: essa coisa de
1199	campanha política que talvez devia acabar esse negócio de ter política na
1200	televisão porque só quem pode mais tem um espaço maior pra poder ficar
1201	naquela lavagem cerebral no povo [[risos gerais]] não porque aí fica
1202	acontecendo aquela coisa ridícula que todo mundo vai comentar é::: depois
1203	no tempo de eleição que é quem tem 30 segundos 70 segundos pra falar
1204	lança um bordão lá ridículo [[risos]] entendeu? E acontece que alguns
1205	desses ainda é eleito porque existe lá uma frase tão engraçada tão
1206	engraçada que você está tão decepcionado com a política que você e::: não
1207	quer votar em ninguém e vota naquele deveria ter um padrão pra pra pra
1208	você ser candidato (+) como se fosse um currículo mesmo vai se candidatar
1209	a um emprego apresente um currículo que que você fez tem experiência e:::
1210	essa coisa de passar campanha na televisão não pode porque é injusto um
1211	ter um tempo maior [[ tem mais dinheiro ]] é tem mais dinheiro às vezes um
1212	candidato sério lá mas só porque não tem verbas vai ficar falando em dois
1213	minutos o que que ele vai falar?
1214	
1215	Inf. 9- O que aconteceu?eles não tinham dinheiro no caso do PT e foi parar
1216	na mão do Marcos Valério né por quê? Pra gastar na campanha eleitoral pra
1217	poder ficar na altura do PMDB né de um outro PF [[ PFL }} PMDB então
1218	acabaram se sujando agora estão aí né perdendo os cargos pra poder
1219	aparecer na mídia como os outros estavam
1220	
1221	
1222	Inf. 10- Agora também os critérios não sei se vocês se lembram numa cidade
1223	do Paraná que os vereadores não sabiam nem escrever? [[ risos ]] gente eu
1224	comecei a rir ela começo a falar porque é tão era tinha um cara lá não sei o
1225	que caolho não sei o que lá da carroça gente que que é isso? Se não sabe
1226	né? Falar: não fez nem primeiro grau não sei então tinha que ser mais
1227	apurado realmente isso aí tanto no partido como candidato menos candidato

1228	com maior qualidade sobraria tempo pra desenvolver a idéia dele porque
1229	gente tem hora que eu assisto que é uma palhaçada gente é ridículo
1230	
1231	Inf. 9- Pra você conseguir [[ (incompreensível) ]] pra você conseguir um
1232	trabalho bom você sempre tem que passar pelos pré-requisitos a maioria até
1233	hoje em dia está pedindo formação superior eu acho um absurdo que pra
1234	administrar um país não tenha essa exigência